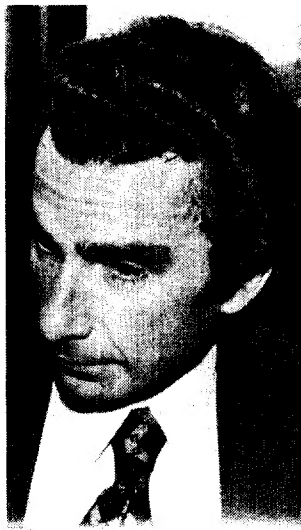


A renúncia do deputado Francisco Sá Carneiro

Segundo comunicação ontem feita, na Assembleia Nacional, pelo respectivo presidente, eng. Amaral Neto, o deputado português dr. Francisco de Sá Carneiro pediu a renúncia do seu mandato. É uma decisão que eu respeito tanto quanto deploro — afirmou o presidente da Assembleia. Mas o facto de o senhor deputado não ter querido atender à minha diligência para que reconsiderasse sobre ela obriga-me a submetê-la a votação e escrutínio secreto. Essa votação decorrerá na



sessão plenária de amanhã. («Assembleia Dia-a-Dia» na pag. 8).

DR. MOREIRA BAPTISTA FALA HOJE NA TV

O Secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, profere

hoje às 21 horas mais um «comentário» no início do Telejornal da R.T.P.

“NÃO” AMERICANO AO CONCORDE

As duas principais companhias aéreas dos Estados Unidos — a Pan American Airlines e a Trans World Airlines — vibraram hoje um golpe muito duro no futuro do avião supersónico franco-britânico Concorde. A Panam e a TWA anunciaram que não estavam interessadas em comprar os Concorde cuja opção tinham reservado.

Ambas as companhias deixaram uma pequena porta aberta, pois a Panam afirmou-se pronta a examinar novas propostas dos construtores e a TWA indicou que poderiam realizar-se novas conversações se fosse melhorada a rentabilidade do aparelho. A questão da rentabilidade parece ter estado na origem desta decisão das duas grandes companhias. A Pan American tinha reservado inicialmente o direito de opção sobre sete Concorde e a TWA sobre seis. Uma outra companhia americana, a United Airlines, havia já desistido da compra deste avião de passageiros que pode voar a 2200 quilómetros por hora. O exemplo destas companhias deve vir a influenciar outras quatro empre-

sas americanas que, ao todo, reservaram o direito sobre 18 aparelhos. Entretanto, em Paris, o director do programa de produção do Concorde declarou que os trabalhos continuariam. «Estamos absolutamente convencidos de que o transporte supersónico regular é um facto irreversível», afirmou o director, Henri Ziegler que manifestou a esperança de que, uma vez ao serviço, o Concorde acabaria por vencer as resistências que se lhe opõem agora. (R/DL).

EDIÇÃO DE 32 PAGINAS



VÍTIMAS

Crianças sul-vietnamitas, orfãs, as mais inocentes vítimas de uma guerra que apesar do cessar-fogo ainda continua, esperam atrás de arame farpado a normalização das suas vidas. Doze anos de intervenção americana e de intensos bombardeamentos fizeram milhões de refugiados. Estas crianças estão indelévelmente marcadas, mas a elas competirá construir um futuro mais feliz sobre os escombros de um país destruído e dividido. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Três mortos num desastre em Gaia

Um veículo que esta manhã procedia à distribuição de pão, na Afurada, e circulava na marginal do Douro, precipitou-se no rio. O acidente, ocorrido a poucos metros a juzante do local onde, há cerca de duas semanas, um automóvel mergulhou nas águas, provocou a morte imediata dos seus três ocupantes. Uma grua da Administração dos Portos procura retirar o veículo enquanto os homens-rãs procedem a buscas para localização de um dos corpos que desapareceu. (Notícia na última página).

O imposto sobre veículos já está em pagamento

Foram hoje postas à venda nas tesourarias da Fazenda Pública dos bairros e concelhos de todo o País as vinhetas referentes ao novo imposto sobre automóveis fixado pelo Governo. O pagamento — que se prolonga até Abril — é feito com o mínimo de burocracia: entrega do dinheiro e recebimento da vinheta para colar no pára-brisas do carro, não sendo, pois, necessário apresentar qualquer documentação no acto de pagamento. Todavia, o sistema exige que o contribui-

te saiba antecipadamente quanto paga o seu veículo, estando as tesourarias na disposição de afixar uma tabela referente aos diversos escalões atribuídos aos automóveis, para consulta dos contribuintes, bem como uma outra com os preços-base (portanto, sem a taxa para o Fundo da Exportação) de venda, pois é a partir destes (além da cilindrada e antiguidade) que se determina o imposto. Quanto às taxas sobre barcos de recreio e aviões, é necessário que o contribui-

te se apresente com o título de registo de propriedade, pois que o pagamento se efectua através de uma guia especial processada pelas repartições de Finanças.

Guerra de pescarias hispano-marroquina

Canhoneiras marroquinas tomaram conta de três arrastões espanhóis depois de uma decisão tomada por Marrocos de alargar o limite das suas águas de pesca — anunciou ontem a agência noticiosa espanhola Cifra. O Governo de Madrid recusou-se a comentar o incidente ou as notícias de que em Marrocos decidira unilateralmente aumentar o limite das suas águas de doze para setenta milhas. Em círculos oficiais afirma-se existirem negociações pendentes entre os dois países quanto à renovação de um acordo de pesca que expirou no passado dia 1 de Janeiro. Segundo notícias ontem divulgadas em Madrid, os três arrastões espanhóis foram conduzidos para o porto marroquino de Agadir, o produto da pesca confiscado e as tripulações multadas. Em meios ligados à pesca afir-

ma-se que se trata de mais um incidente numa série que tem todo o aspecto de uma guerra de pescarias entre espanhóis e marroquinos. Ainda há poucas semanas se tinham verifi-

cado dois incidentes semelhantes. No ano de 1970 contaram-se dezenas de casos em que traineiras espanholas foram ameaçadas por navios marroquinos. (UPI-ANI e DL).

LEIA HOJE

«Suplemento Literário»: inclui uma carta aberta de José Augusto Seabra a Oscar Lopes e outra colaboração de Isabel da Nóbrega, Carlos Porto, José Luís Porfírio, Torquato da Luz, Franco de Sousa, Rogério Vidigal, José-Augusto França, Luís Pignatelli, António José Fernandes e ainda Adolfo Casais Monteiro.

LEIA AMANHÃ

A crítica de Carlos Porto à peça «Adriano VII» e, em «Mesa Redonda»: «A Situação dos Professores em Portugal», «Contra-Poder Sindical e Empresas Multinacionais», «Quanto Custa e Quem Paga o Futebol?», «O Potencial Tecnológico em Portugal» é, ainda, o segundo artigo sobre o ensino superior nas instituições católicas (Evora).



Imposto sem burocracia.

DL/GERAL

Especialistas do Marketing da Império em Sesimbra

A evolução do mercado segurador nos próximos 5 anos e o consultor de segurança principais temas a debater no Impercongresso

-Revelou-nos o Dr. Norberto Pilar

Encontra-se reunido a partir de hoje num hotel de Sesimbra o impercongresso, que se propõe, conforme plano de trabalhos já divulgado, analisar alguns dos instantes problemas que preocupam o mercado segurador, bem como definir e pormenorizar as linhas de orientação a seguir pela Companhia Seguros Império nesses domínios.

Pela incidência que têm tido no meio segurador as resoluções tomadas nos estágios anuais realizados pelas Redes Comerciais da Império, esta reunião em Sesimbra foi aguardada com natural expectativa.

Por esse motivo, e porque pouco mais se sabia dos temas a desenvolver, procurámos o dr. Norberto Pilar, administrador do Grupo de Companhias Império/Sagres/Universal, a fim de nos transmitir uma perspectiva mais ampla do que irá ser este Impercongresso.

Sobre os objectivos que pretende atingir, disse-nos:

— Dar a todos a oportunidade de colaborar, participar, no estudo do nosso consumidor e na concepção das políticas e programas de acção a pôr em prática para lhes proporcionar a satisfação ajustada às necessidades, mobilizando a capacidade criativa da nossa força de venda.

Move-nos, além disso, a preocupação por um esforço de aperfeiçoamento dos meios de acção e dos processos utilizados no serviço do consumidor.

— Qual o contributo do Marketing na evolução do mercado segurador?

— Temos assistido nos últimos anos a um considerável esforço renovador por parte da indústria seguradora em geral: quer promovido pelas companhias individualmente, quer pelo órgão colectivo que as representa: o Grémio.

Esforço a que a gradual adopção do Marketing — seja conceito de empresa a enformar a sua filosofia, seja conjunto de técnicas e instrumentos de gestão — não é de modo algum estranha.

No caso particular do nosso sector, o contributo do Marketing é patente e importante.

Atesta-o o verdadeiro movimento de dinamização por parte da generalidade das companhias que se traduz na activação do processo de concentração e de reestruturação da actividade; na reorganização comercial; no recrutamento de novos quadros técnicos especializados.

Aponte-se, também, como

resultado da adopção do Marketing, o emprego de novas técnicas de comercialização e casos assinaláveis de inovação em produtos.

O próprio incremento da concorrência deve ser indicado como uma resultante e com certeza de não pouca relevância — da aplicação crescente do conceito do Marketing no sector segurador.

Creio que hoje não se pode duvidar do Marketing como factor poderoso do desenvolvimento económico. Em termos de Marketing, o êxito ou o inêxito mede-se pela reacção do consumidor. O ritmo de crescimento do mercado é a melhor confirmação dos resultados positivos das acções empreendidas.

Interrompemos:

— Dentro dessa linha pode concluir-se que o público está hoje mais esclarecido e motivado para o problema do seguro?

O dr. Norberto Pilar respondeu de pronto:

— As campanhas colectivas e individuais de publicidade a que temos assistido nos últimos anos têm seguramente contribuído para um melhor esclarecimento do público acerca do papel da actividade seguradora, quer ao nível da protecção face ao risco, quer como sistema mobilizador de meios financeiros para o desenvolvimento económico; do mesmo passo, têm contribuído para a melhoria da imagem do sector, reforçando, assim, o processo de alargamento do mercado.

Notemos, porém, que não obstante um crescimento anual do volume de prémios encaixado, muito superior ao do produto nacional bruto, a nossa captação em matéria de seguros é ainda muito baixa.

PLANEAMENTO A LONGO PRAZO

Esclarecido o importante papel desempenhado pelo Marketing no processo inovador verificado na indústria seguradora, interessava abordar um tema sempre aliciante: qual a evolução provável das necessidades do consumidor?

Sobre este ponto o dr. Norberto Pilar afirmou:

— No nosso grupo de companhias vive-se uma preocupação permanente de inovação, inspirada exactamente no estudo, não só dessas necessidades, como também das prováveis atitudes do consumidor. Procuramos, portanto,

pensar em termos de futuro.

O que nos espera nestes domínios?

A aceleração do desenvolvimento económico global com a concomitante elevação dos níveis de vida e dos padrões de consumo e consequente expansão das potencialidades de poupança; concentração populacional nos centros urbanos; crescente importância do grupo populacional formado pelos estudantes.

Tais circunstâncias do meio económico e social criam as necessidades para cuja satisfação procuramos estar preparados. Serão necessidades de protecção do nível de vida e dos encargos de educação; de assistência na tomada de decisões em matéria de segurança pessoal e patrimonial; de redes de vendas humanizadas e competentes.

Há, por isso, que esperar nos próximos anos a continuação e mesmo a intensificação do processo de alargamento do mercado.

Observámos:

— Quer dizer que aumentará a receptividade do público em relação ao seguro?

— Sim, as pessoas estarão motivadas para gastar mais em seguros e manifestação interesse por novas formas de protecção que abranjam a generalidade das coisas a que atribuí valor. Além do património e da capacidade de ganho tradicionalmente cobertos, surgirão necessidades de protecção complementar da saúde, dos riscos de responsabilidade civil, etc.

UMA POLÍTICA DE SERVIÇO UNÂNIMEMENTE ACEITE

Ao falar do Marketing, o dr. Norberto Pilar referia a importância evidenciada nos processos de gestão da empresa e o grau de responsabilidade que lhe compete na imagem do prestígio conquistado pela Império. Em termos de futuro, qual a política a adoptar pela companhia?

O dr. Norberto Pilar ponderou a pergunta e respondeu:

— Todas as nossas acções se articulam num processo de planeamento a longo prazo que se desenvolve de harmonia com uma política de serviço. No quadro desta política definem-se as nossas responsabilidades face aos vários interesses congregados na empresa, e de os accionistas aos clientes, ao pessoal, à comunidade.

Concretamente quanto aos

clientes, cremos ser a nossa responsabilidade procurar conhecer e satisfazer as suas necessidades, fornecendo-lhes serviços adequados e de qualidade, auxiliando-os da melhor forma na resolução dos seus problemas.

Esta política é «sentida», pode dizer-se pela generalidade dos nossos colaboradores como um verdadeiro imperativo, todos procurando integrar-se nela, nos seus contactos com o público, no esforço permanente de actualização, no inovação e alargamento da nossa gama de produtos, na prática de liquidação de sinistros, no nosso esforço de informação.

CONSULTOR DE SEGURANÇA UM NOVO CONCEITO DE VENDEDOR

Chegámos finalmente a um dos principais temas a tratar no Impercongresso: a substituição do tradicional vendedor pelo chamado Consultor de Segurança.

Pedimos ao dr. Norberto Pilar que nos explicasse a missão a cum prir pelo consultor de segurança e quais as vantagens para o público da sua presença.

— É para assistir e auxiliar o consumidor na identificação apropriada das suas reais necessidades de protecção, no sentido amplo que referi, e na escolha da solução que se ajusta à sua situação e ao seu poder económico, com o recurso a uma extensa variedade de produtos.

Como corolário da ideia de seguro por medida, que vimos promovendo desde há anos, surge a necessidade de uma entidade capaz de proporcionar ao consumidor a solução por medida dos seus problemas.

É o conceito de vendedor como consultor.

A sua intervenção consiste numa análise da situação de cada cliente e na indicação de soluções ajustadas a cada caso. Para isso dispõe de modalidades «standard» que poderão ser combinadas, em termos fáceis e práticos, com os casos correntes; e de coberturas e produtos mais elaborados aplicáveis a situações particulares mais complexas. Quer pela via das modalidades «standard», quer dos produtos por medida, as nossas redes actuam como consultores de segurança. Um novo atributo decisivamente importante deverá caracterizar esta função, além do elevado grau de competência técnica: a humanização da venda.

A morte do dr. Carlos Cal Brandão

Na sua residência, Rua do Conde, 138, faleceu inesperadamente, na tarde de ontem, o conhecido advogado e político, sr. dr. Carlos Cal Brandão, que nascera no Porto, na freguesia do Ramalde há 66 anos.

Depois de frequentar o liceu de Rodrigues Freitas, e já com 15 anos, seguiu para Coimbra onde se matriculou na Faculdade de Direito, obtendo a licenciatura aos vinte anos. Durante a sua vida académica foi presidente do Centro Republicano Académico de Coimbra e dirigiu com Paulo Quintela, Silvino de Lima e Vitorino Nemésio o jornal «Gente Nova».

Já no Porto, montou a sua banca de advogado e juntamente com um grupo de amigos fundou o jornal «Humanidade» de que foi director até ser deportado em 1931 para Timor. Durante a sua permanência naquela ilha deu-se a invasão japonesa. Foi nessa altura que teve ensejo de demonstrar ser um patriota convicto sendo um dos organizadores das guerrilhas em colaboração com as tropas australianas que ainda permaneciam em Timor.

Quando os aliados se viram forçados a retirar para o continente, o dr. Carlos Cal Brandão acompanhou-os e alistou-se no Exército australiano, tendo tomado parte em alguns comandos organizados pela Marinha daquele país. Aquando da capitulação fez parte da comissão presidida pelo general australiano e como intérprete deste aceitou a rendição das tropas japonesas.

Depois de uma amnistia do Governo em 1946, voltou a Portugal e no Porto continuou a

exercer a advocacia. No plano político, o dr. Carlos Cal Brandão fez parte de todas as comissões e campanhas eleitorais do general Norton de Matos e Humberto Delgado.

Presentemente era membro do Conselho Geral da Ordem dos Advogados e provedor do internato de S. João.



Como causídico interviu em muitos processos, vários dos quais de natureza política.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Santa Cal Brandão; irmão do também conhecido advogado e seu companheiro de ideais políticos, dr. Mário Cal Brandão; e pai do sr. Carlos Manuel Santa Cal Brandão.

O funeral, com grande acompanhamento teve lugar esta tarde para o cemitério de Agramonte onde o corpo ficou inumado em jazigo de família.

A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Não houve rapto

Rio Maior esteve quase a dar que falar, de novo. Foi o caso de um morador local ter ido visitar uma sua irmã que reside no local de Pipas (Alenquer), onde pernitoitou. No dia seguinte, de manhã, quando a mulher, Maria Adelaide, casada com Manuel Domingos Patrício, mãe de três crianças,

se dirigiu ao quarto dos meninos verificou que a sua pequena de dois anos tinha desaparecido.

Fora levada para Rio Maior, pela mão do tio. Logo que a GNR do facto tomou conhecimento, providenciou para que a menina fosse entregue aos pais, o que já aconteceu.

homem & macacos

RAMONA e DESMOND MORRIS

As seculares relações entre o homem e o símio. Um livro rigorosamente necessário.

82\$50

Também de DESMOND MORRIS:

- O MACACO NU
- O ZOO HUMANO
- A BIOLOGIA DA ARTE

Obras editadas por
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins

DL/OPINIÃO

UMA SEDE DE ÁGUA

Talvez por efeito de um mecanismo compensatório entre a consciência das nossas reconhecidas inferioridades e o desejo de nos libertarmos delas, nem que fosse por intervenção do sobrenatural, sempre acudimos, de sobrececho repreensivo, a pôr diante dos olhos de eventuais prevaricadores a opinião que de nós estaria fazendo o mundo... Se a recolha do lixo se fazia pela manhã afiante, se os mendigos enxameavam as ruas, se o cidadão cuspi no chão, se os comboios se atrasavam, era certo e sabido que logo alguém, após apontar a nódoa, fulminava a interrogação suprema: «Que dirá de nós a Europa? Que irão dizer para as suas terras os estrangeiros que nos visitam?» Tocava-se desta maneira a corda sensível do brio patriótico, e embora os resultados da terapêutica nunca se tenham mostrado por aí além, o método actuava por caminho desviado e em plano diferente, pois progressivamente nos inculcia um sentimento de importância assaz lisonjeiro.

O que a Europa pensasse de nós, não vinha a saber-se nunca, se efectivamente ela alguma coisa pensava, para o que, naturalmente, começava por ser indispensável que se preocupasse connosco. Ora, de memória de homem, nunca nenhum jornal do mundo censurou Lisboa por ter alguma vez feito recolher tarde e a más horas os seus caixotes do lixo, mas a opinião do estrangeiro continuou a ser regularmente invocada, para escarmento dos infractores de leis, posturas e horários. Assim se procurava fazer pedagogia e aumentar a civilização.

Caímos depois, e durante algum tempo, no extremo oposto de desprezar a opinião mundial, certos como passámos a estar de que éramos depositários de verdades pouco menos que divinas. Desse estado de espírito viámos a sair, porém, graças à evidência de que o mundo se tornara tão pequeno, que todos os países se haviam transformado em vizinhos do mesmo prédio e alguns do mesmo patamar. Outra vez nos preocupámos com a opinião da Europa, sobretudo quando o turismo de repente começou a multiplicar-se e os estrangeiros, em massa, desandaram a devassar a nossa intimidade e a sorrir das nossas debilidades e do nosso teor de vida patriarcal. Retomámos portanto a antiga advertência, apenas modificada: «Que pensarão de nós os turistas? Terão vontade de voltar? Não irão dissuadir amigos e conhecidos da intenção de nos visitarem?» E por causa disto algumas obras felizmente se fizeram...

Seja esse, ao menos, o motivo por que se decidam melhoramentos de que carece. Armação do Pera, terra do Algarve, praia belíssima, lugar de turismo: vem dali a notícia de que «a deficiente obra da canalização da água, devida ao diminuto diâmetro da tubagem, não permite que o líquido abasteça suficientemente a população, principalmente no Verão». Anuncia-se que as entidades competentes deliberaram substituir o sistema de canalização, mas que até agora «não foram iniciadas as respectivas obras, que levarão alguns meses a concluir». Assim (acrescenta a notícia), «sem uma decisão urgente, veremos, na altura da canícula, o povo e os turistas a percorrerem aflitos, de baldes e cântaros na mão, a implorar um pouco de água das cisternas que ainda restam na povoação, como sucedeu no Verão passado».

Embora turistas que vão à água de balde na mão sejam, manifestamente, turistas de poucos recursos, é de fazer votos por que cessem tais razões de queixa. Note-se, por outro lado, como nesta notícia aparecem, lado a lado, o povo e os turistas, irmanados na mesma necessidade de uma sede de água. Mesmo que para muita gente o primeiro termo deste binómio não seja o mais importante, faça-se a obra para o turista, que o povo aproveitará dela... No fim de contas, o mundo tornou-se muito pequeno, somos vizinhos de prédio ou patamar. E, sobretudo, a sede é igual para todos.

Urânio

Portugal aceitaria a participação do Brasil nos projectos de prospecção de urânio de Angola e Moçambique, afirmou o director do departamento de geologia da Junta Nacional de Energia Nuclear, José Matos Dias, à sua chegada ao Rio de Janeiro.

Acrescentou que as perspectivas em ambas as províncias são boas mas que Portugal não poderia dirigir só a prospecção dada a extensão dos territórios. Por isso, foram já assinados três contratos com empresas estrangeiras — uma das quais britânica.

A assinatura de um contrato idêntico com uma firma brasileira dependerá, disse, do interesse que o Governo de Brasília demonstrar pelo projecto.

Segundo fontes informadas a oferta portuguesa deverá ser apresentada ao Governo brasileiro antes de a firma implicada estudar em virtude das ligações com a política internacional que o assunto tem.

Aborto e prisão

Foi confirmado o mandato de prisão do ginecologista belga, Willy Peers, sobre o qual impende a acusação de ter provocado mais de 300 abortos na maternidade de Namur, nos últimos oito meses.

Mortes e acusação

Está morta uma petiza de 12 anos, Rosetta, que deu à luz, sozinho, em casa, um bebé que depois escondeu debaixo da cama. Quando a mãe regressou foi transportada moribunda ao hospital e o recém-nascido morreu em consequência duma hemorragia.

A tragédia deu-se numa família de nove filhos. Os pais e três irmãos emigraram para a Alemanha e a mãe ficou em Carlentini, perto de Siracusa, na Sicília, com os outros seis. Rosetta, a mais velha dos seis petizes que ficaram com a mãe, queixou-se de fortes dores no estômago, conta a mãe, que garante nunca se ter apercebido do estado da filha. A mulher foi chamar um médico e quando voltou encontrou a pequena semi-desmaiada com uma violenta hemorragia. Transportada ao hospital, Rosetta afirmou primeiro que não tinha tido nenhum filho. Depois, murmurou que tinha dado à luz um bebé que escondera debaixo da cama. É um rapaz de 14 anos — contou em segredo à mãe — que é o pai. Mas recusou-se a dizer o nome. «Esqueci-me», repetiu.

Os investigadores não acreditaram que a mãe ignorasse a gravidez da filha e acusaram-na de infanticídio.

Jornalistas

A assembleia anual da associação da Imprensa Estrangeira na República Federal Alemã acabou ontem à noite em desacordo e discussão depois de ter rejeitado por 40 votos contra 25 a admissão de quatro correspondentes da Alemanha Democrática.

Os jornalistas dos países de Leste abandonaram a sala e recusaram-se a tomar parte na assembleia após essa votação.

O governo federal alemão tem afirmado que a Alemanha Democrática não pode ser considerada como um país estrangeiro e, nessa base, os jornalistas alemães de Leste não podem pertencer à Associação da Imprensa Estrangeira.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria «MERGULHO», Rua de Luanda - Loja 5, c. PAREDE

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

FICHA

Onde se fala de clubes desportivos, de velhas francesas e do homem da rua, português. Onde se fala de recenseamento.

De um longo artigo sobre os velhos (não sobre a velhice em abstracto) em que se analisa a segregação que a sociedade acaba por lhes fazer, artigo lardeado de inquéritos-relâmpagos, de testemunhos, de depoimentos, de nomes de pessoas e de cidades (Grenoble, por exemplo, pioneira de um movimento de «recuperação» dos velhos), isolo hoje a figura de uma velha de 89 anos, Mmê X. Em consequência de um desastre dá entrada num asilo onde permanecerá seis meses. Ao ser entrevistada declara que «está pelos cabelos». — «Antes de para aqui vir tinha 300 F. (1500\$00) por mês para me desevencilhar. Seria pouco mas não era a miséria. Tinha amigos com quem jogava o bridge. E comprava livros. Os filósofos apaixonam-me, mas só os que são biólogos. Espero que não me retenham cá mais do que o estrito necessário. Entrega-se o dinheiro todo ao director, e ninguém pode sair, é proibido. Horrível, porque quando há eleições, como não nos deixam deslocar-nos, temos de votar aqui dentro. Mas só nos dão um boletim, aquele que lhes interes-

sa. De maneira que quem é eleito é o candidato deles. Afinal, para votar, ainda fazemos jeito. Somos muitos!»

E contraponho à velhinha francesa de 89 anos tão conscientes o susto do alheado homem da rua — rapaz, homem novo — quando o interpellam a respeito de política em geral ou de recenseamento em particular. Faço uma pergunta inocente: que nebuloso conceito lhes evocará a palavra «política», que conceito terão dos seus deveres cívicos e dos seus direitos, para serem assim tomados de tamanho pânico? Não espero que alguém me responda.

— Política? Não me meto nisso! — Recenseamento? Não sei o que é! — responde o rapaz de dezoito anos prestes a ir fazer a recruta; responde a «doméstica», ainda emparedada no esquema de «política, isso é com o meu marido», ou «isso é para os homens», sem atentar sequer, (como aqui o relembro de vez em quando) que o preço da carne, o aumento das rendas de casa, a inflação, que tanto lhe diz respeito, tudo é política; responde o homenzinho que depois enche a secção de cartas e opiniões dos jornais diários com os seus inócuos protestos, os seus queixumes, que nunca serão atendidos. Porque, repito, nos jornais, ou fora deles, individualmente

pode fazer-se um apelo, pedir remédios, uma subscriçãozinha, coisas assim. Mas não pode individualmente conseguir-se que se promulgue uma lei, que se anule um decreto, que o Governo modifique seja o que for.

E preciso avisar toda a gente.

Os clubes desportivos, por exemplo, realizariam obra digna se mandassem imprimir milhares de tarjetas com essa indicação. Cada sócio receberia o seu papelinho quando fosse pagar a cota! Assim, a cota de Fevereiro e a cota de Março despertariam a memória de milhares e milhares de cidadãos.

Aliás, lá pela sede, onde também se reúnem à noite, poderia estar o aviso afixado em letras de caixa alta. Quem sabe se está.

Leio em semanário português a informação muito clara e oportuna de que os nossos emigrantes não podem votar, não têm direito a voto. E fatalmente comparo o fenómeno com o fenómeno inverso: as facilidades dadas a todo o cidadão norte-americano, alemão e francês, para votar a tempo quando se encontra a trabalhar noutras terras, longe da sua pátria. E arrumo esta ficha.

Com um forte sentimento de inveja.

Exclusivo LE MONDE / «DL»

José António Novais

Madrid e a República Democrática Alemã

MADRID — O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros anunciou, no passado dia 12 de Janeiro, que a Espanha e a República Democrática Alemã decidiram estabelecer relações diplomáticas e trocar embaixadores. O acordo foi realizado em Varsóvia, no dia 10 de Janeiro, após conversações entre o embaixador da R.D.A. e o chefe da representação consular espanhola na Polónia. E a primeira vez, depois da Guerra Civil, que a Espanha vai manter relações diplomáticas normais com um país comunista, além de Cuba.

A Espanha, estabeleceu nos últimos anos, acordos de cooperação económica com a Jugoslávia e a República Democrática Alemã. Por outro lado, a maior parte dos países do Leste, Polónia, Roménia, Bulgária e U.R.S.S., tem, em Espanha, representações comerciais que gozam de estatuto diplomático.

O tratado comercial entre Madrid e Moscovo, permitindo a abertura de representações comerciais nas duas capitais, foi assinado em Paris, no dia 15 de Setembro de 1972.

Embora a Roménia tenha sido o primeiro país do Leste a ter representação comercial e consular em Espanha, não se pensa que aquele país imite, imediatamente, o exemplo da Alemanha Oriental. E, com efeito, com a Polónia que as negociações para a troca de embaixadores prosseguem mais favoravelmente. Os polacos, aliás, acabam de comprar um grande edifício em Madrid, destinado à sua embaixada, e fala-se já de Perkowicz, actual vice-ministro da Marinha Mercante, como futuro embaixador.

As negociações com a Roménia estariam a ser, em contrapartida, bloqueadas, em parte devido à amizade que une o presidente Ceausescu a Do-

lores Ibarruri, a «Passionária», presidente do Partido Comunista Espanhol, e a Santiago Carillo, secretário geral do P.C.E.

A pequena «Ostpolitik» espanhola, como a qualifica o diário «Pueblo», órgão dos sindicatos, constitui uma vitória pessoal de Lopez Bravo. Por ter empreendido tal política, o ministro dos Negócios Estrangeiros foi, por várias vezes, atacado pelos elementos «ultras» do governo, críticas essas que foram particularmente acerbas aquando da discussão, nas Cortes, em meados de Dezembro, da ratificação do acordo comercial com a U.R.S.S. Mas parece que o general Franco está decidido a apoiar a fundo o seu ministro pois que, fazendo referência à necessidade de relações com o Leste, declarou na sua alocução de 30 de Dezembro: «O Mundo é como é e não como nós queríamos que fosse».

DIÁRIO NACIONAL

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

43.573 — 7.200.000\$00
45.203 — 720.000\$00
28.938 — 270.000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

43.572 — 23.040\$00
43.574 — 23.040\$00

PRÉMIOS DE 24.000\$00

1.272; 7.489; 8.068; 10.857;
12.498; 16.590; 28.306; 38.306;
40.271; 40.334; 42.856 e 42.957

PRÉMIOS DE 1.200\$00 (CENTENAS)

28.901 a 29.000; 43.501 a
43.600 e 45.201 a 45.300.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 159, são contemplados com 1.920\$; os terminados em 653, são contemplados com 1.680\$00; os terminados em 069, 179, 435, 588, 685, 782, 820 ou 848, são premiados com 1.200\$00, no bilhete. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 09, 11 ou 59, são premiados com 720\$00. Finalmente, os restantes números cujo último algarismo seja 3 têm direito a 480\$00 de prémio — terminação — no bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 720 contos do 2.º prémio grande foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte.

Sono interrompido

Pelas 5 e 30 de ontem dois indivíduos encontrados a dormir numa camioneta estacionada na Parada dos Prazeres foram detidos pela Polícia que os levou à esquadra para averiguações. Uma vez aí, os dois detidos — um de nome André, de 44 anos, natural de Lisboa, e o outro de apelido Vieira, de 21 anos, do Funchal — declararam ter deixado na camioneta uma pistola de guerra com um carregador de 9 cartuchos, e 13 chaves. Além disso, foram encontrados com os seus objectos pessoais 36 moedas estrangeiras, e um Bilhete de Identidade entre outras coisas. Apesar de terem escolhido o veículo para passarem a noite, ambos possuíam dinheiro para o fazer em melhores condições: um deles era portador de 1437\$70 e o outro de 204\$00.

Eleições em S. Tomé

S.TOME, (L) — Foram marcadas para o dia 25 de Março as eleições dos vogais da Assembleia Legislativa e da Junta Consultiva de S. Tomé, recentemente criadas pelo novo Estatuto Político-Administrativo.

Entretanto, a folha oficial inseriu legislação que regula os processos eleitorais e o recenseamento.



LUÍS EDUARDO SANCHEZ MACHADO

FALECEU

JOAQUIM ANTONIO DA SILVA, I.D.A., participa o falecimento do seu sócio-gerente, Ex.º sr. Luís Eduardo Sanchez Machado, e que amanhã dia 2 às 9 horas, será celebrada missa de corpo presente na Igreja de S. João de Deus (Capela A) onde sairá o funeral às 10 horas, para jazigo de família no cemitério de Campo Maior.

AGÊNCIA MAGNO
T. 534167

Vitimas de acidentes de viação

Vítima de um atropelamento na Avenida 24 de Julho faleceu Ester Valente de Almeida, de 56 anos. O corpo recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

Recebeu tratamento no Hospital de S. José José Fernando Antunes Lemos 17 anos devido ao despiste do automóvel onde seguia, na rua Maria Pia. O carro, que se afirma ter sido roubado, foi entregue na 28.ª esquadra. Recolheram ao mesmo hospital Francisco da Costa Luis Maia, 48 anos operário, residente na Damaia, e que foi atropelado por um automóvel em Alagés; António Manuel Fernandes, vinte anos de idade, por motivo do choque da motoreta que conduzia com um automóvel, próximo da sua residência; um indivíduo de identidade desconhecida, aparentando cerca de cinquenta anos de idade, atropelado por um automóvel, em Setúbal; e ainda José Soares Pinto, de 38 anos, devido ao choque carro que conduzia com uma bicicleta guiada por Henrique José Godinho, operário, 17 anos, residente em Talaiá, Paço de Arcos.

Recolheram ao Hospital de Santa Maria, Alvaro de Castro Afonso Fernandes, 48 anos, a esposa, Noémia dos Anjos Fernandes, de 46 a filha desta, Suzete Maria, de 10, a cunhada, Alice Alves dos Santos, de 36 e a filha desta, Anabela dos Santos, de 7, residentes na Pondi-

nha, em virtude do despiste do veículo, conduzido pelo primeiro, em Ferreira do Alentejo.

TAXA SOBRE VINHOS FIXADA EM SEIS CENTAVOS

A taxa por litro sobre os vinhos e seus derivados, a que se refere o Decreto-Lei 26317, foi fixada este ano em seis centavos através de Portaria da Secretária de Estado do Comércio hoje publicada.

A taxa relativa aos produtos da região demarcada do Dão será cobrada às seguintes entidades: quando destinados à venda como engarrafados, os respectivos engarrafadores; quando vendidos a granel na região, aos retalhistas; quando se destinem à exportação, aos exportadores; quando expedidos para fora da região, conforme sejam vendidos na área do Grémio dos Armazenistas de Vinhos ou fora dela, respectivamente aos armazenistas ou retalhistas.

A Portaria determina ainda que continuem isentos, na cidade do Porto e no Entrepósito de Gaia, os vinhos de pasto da região dos vinhos generosos do Douro.

Club dos Barmen de Portugal

FARO — Reuniu-se nesta cidade a delegação do Clube dos Barmen de Portugal, tendo, entre outros assuntos, deliberado localizar em Albufeira a sede daquela agremiação. Esta decisão foi tomada não só pela situação geográfica daquela terra no centro do Algarve, mas ainda pelo facto do elevado número de sócios que o C.B.P. dispõe na região.

Presidiu aos trabalhos o sr. Manuel Henriques da Silva, presidente da delegação no Algarve do Clube dos Barmen de Portugal.

Psicologia sexual

«Os Pais e a Psicopedagogia da sexualidade» é o tema da conferência que a dr.ª Maria de Lourdes Tedeschi Bettencourt profere hoje, pelas 21 e 45, no Salão Paroquial da Igreja de S. João de Deus.

Esta iniciativa integra-se no ciclo de conferências sobre problemas sociais, promovidas pelo Círculo de Estudos Sociais Vector.

VOLANTES ILEGAIS

A imperícia ao volante nunca deu bons resultados e muito menos aos condutores ilegais. Assim o prova o que aconteceu com um jovem de 17 anos, de nome Afonso, residente no Ca-

cém, que ontem pelas 23 e 30 terminou mal, na Rua Damasceiro Monteiro, a sua experiência de ás do volante. Ao que parece por falta de domínio no carro, este condutor sem carta, chocou

com quatro automóveis alinestacionados, provocando prejuízos no valor de cerca de 50 contos, pelo que ficou detido.

Mais difícil foi conseguir apanhar outro jovem, da mesma idade, José Fernando Lemos, que cerca da 1 hora da madrugada, foi interceptado pela Polícia conduzindo o carro com a matrícula IL-32-09. Pondo-se em fuga, foi perseguido pelo guarda que o mandara parar até que, na Rua Maria Pia, junto à Estrada do Loureiro, se despistou ficando a viatura parcialmente destruída. Uma vez detido verificou-se que o carro era roubado e pertencia ao sr. Hermano Xavier Cardoso Meneses.

CARLOS COUTINHO

assina o seu livro O HERBICIDA
sábado a partir das 16 horas

na Livraria Opinião — Rua Nova da Trindade, 24
O HERBICIDA — col. CENA ACTUAL — Edição Jornal do Fundão

Distribuição PLÁTANO EDITORA

S. R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49388 para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Póvoa, de uma linha subterrânea a 6 kV para o posto de transformação de Terras do Pão e derivada do apoio n.º 9 da linha para o posto de transformação de São João.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 29 de Janeiro de 1973:

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins



ao comemorar o seu 86.º aniversário ao serviço da indústria de móveis; no dia 2 de fevereiro, móveis sousa braga, realizam um almoço de confraternização do pessoal, motivo pelo qual estarão encerradas as suas fabricas e a loja, na estrada de benfica, 174.



LUÍS EDUARDO SANCHEZ MACHADO

FALECEU

SOCIEDADE IMOBILIARIA VALE, participa o falecimento do seu sócio-gerente, Ex.º sr. Luís Eduardo Sanchez Machado e que amanhã dia 2 às 9 horas, será celebrada missa de corpo presente na Igreja de S. João de Deus (Capela A) onde sairá o funeral às 10 horas, para jazigo de família no cemitério de Campo Maior.

AGÊNCIA MAGNO
T. 534167



LUÍS EDUARDO SANCHEZ MACHADO

FALECEU

Carvalho, Ribeiro e Ferreira, I.D.A., participa o falecimento do seu sócio-gerente, Ex.º sr. Luís Eduardo Sanchez Machado e que amanhã dia 2 às 9 horas, será celebrada missa de corpo presente na Igreja de S. João de Deus (Capela A) onde sairá o funeral às 10 horas, para jazigo de família no cemitério de Campo Maior.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 53 41 67

TV

DI/ESPECTACULOS

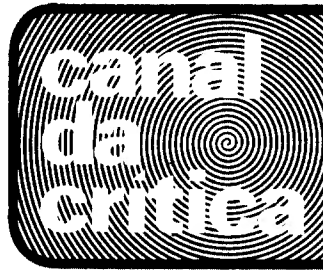
QUARTAS-FEIRAS- -PEDRO-SEM, QUE JÁ TIVERAM E AGORA NÃO TÊM...

E verdade; com as rubricas acontecem as coisas mais estranhas. Culturais, não cultuizam nada; informativas, não informam nada; distraem, não distraem. Dir-se-á que são paradoxos. Não são tal.

Uma delas, por acaso, até nem é portuguesa. Veio-nos de França e está incluída nas «Evasões célebres». A emissão contava-nos a fuga do duque de Beaufort da prisão de Vincennes. Preso político, inútil será dizer. Com muitas saias pelo meio. E intrigas no Paço, palavras dengosas, roçar de vestidos, o pesadumbre das botifarras nas grossas pedras do castelo. A acção lentíssima, a falta de assunto, a massa a estender-se para fazer mais uns pães e o tempo lentamente a escoar-se depois de uma ru-

brica igualmente difícil de ver, rubrica musical «fifty-fifty» com os quadros de Rouanet a qual já vinha depois de uma rubrica nada divertida, chamada Telejornal, a qual por sua vez... mas basta, basta!

A verdade é que nos encontramos hoje perante situações verdadeiramente difíceis, se me é dado exprimir-me assim. A gente quer entreter-se com uma fita e apanha por bombardeio com um episódio da Shirley que se deixa cair nos domínios das séries desmioladas nossas conhecidas; e apanha por estibordo a fita das evasões célebres já referida e que tão mal honra a fama de que gozavam entre nós as quartas-feiras da televisão que já tinham sido herdeiras da boa fama das segundas-feiras, as quais haviam



já herdado a boa fama das quintas-feiras que por sua vez, etc, etc, o que prova como entre nós, televisivamente falando, até os dias vão perdendo a sua virtude.

Mas se a gente quer divertir-se com uma sessão de variedades há logo quem diga com os seus botões: ai queres umas variedadeszinhas? Então espera pela pancada...

E a pancada vem na forma de um TV com a participação de Valério Silva e Lenita Gentil e se falamos muito pregam-nos com outro de Artur Garcia e Calvário e essa mesma e esse mesmo e esses mesmos em que estão a pensar, esses que foram ao concurso de artistas e canções do «Domingo à Noi-



Por MARIO CASTRIM

te» e depois foram lá sem ser ao concurso e acabam por lá ir novamente dentro do concurso após o que, etc, etc, como estão a ver logo que nos metemos na programação portuguesa é como se entrássemos num labirinto, mas há outra saída a não ser o rto, etc. Etc...

A confusão na programação é tal que nos obriga a comprar os jornais diários para não andarmos ceguinhos. O que não impede, às vezes, de termos ilusões: e nesse caso compramos uma revista, quer dizer: revista não é bem, melhor dizendo: a revista é uma revista parecida, não com uma revista, mas com uma objecto, um utensílio que se põe ao lado do televisor e então a gente passa os olhos pela revista-objecto e faz a sua escolha.

Que sucede? Sucedem que no domingo, como relatei, muitas rubricas me passavam se não tomasse as minhas precauções. Na segunda-feira, vou à procura de TV Infantil e quero que é dela... Em seu lugar encontrei uns «Tempos livres» do programa juvenil.

Para ontem vinha indicada a rubrica «Inquérito» e afinal, em seu lugar, aparece-me a rubrica «Em Foco» sobre o fim da guerra no Vietname...

Um sujeito perde-se. Baralha tudo. Claro que ontem não sei o que seria pior: se o tal inquérito, se o tal em foco.

Quanto custou aos Estados Unidos, a nação mais poderosa da Terra, a guerra no Vietname? Para utilizarmos a expressão de «Em Foco», custou-lhe «sangue, amor, lágrimas, dinheiro, desorientação, impopularidade e desprestígio».

Afinal, no que respeita a guerras, o nosso padre António Vieira sabia o que dizia.



UMA PRODUÇÃO MUSICORDE
Pavilhão de Desportos de Cascais

FEVEREIRO

24 às 21.30 H.—25 às 17.00 H.
BILHETES A VENDA

LISBOA:
Discotecas
VALENTIM DE CARVALHO,
C. 1.

Rua Nova do Almada, 95
Av. de Roma, 49-B

Discoteca MELODIA
Rua do Carmo, 23

Discoteca ROMA
Av. de Roma, 20-C

Discoteca PHILIPS
Av. Duarte Pacheco, 6

Livraria ULMEIRO
Av. do Uruguai

AGENCIA A. B. E. P.
Restauradores

CASCAIS:

Discoteca ALFAI
Av. Frederico Ulrich, 7

Restaurante OK
Junto ao Pavilhão

ALMADA:

ALMALAR, LDA.
Rua Luís Queirós, 5-C

PORTO:

Revista MUNDO DA CANÇÃO
Rua Passos Manuel, 134-1.
(com transporte assegurado)

PELO CORREIO:
MUSICORDE
Rua Coelho da Rocha, 69-P 1
LISBOA

Artistas contratados por intermédio de INTERARTES

AGENCIA ARTISTICA E DE REPRESENTAÇÕES, LIMITADA

ESTES ESPECTACULOS NAO SÃO TELEVISIONADOS

BILHETES A VENDA
(GRUPO B — M/ 10 ANOS)

LEIA

motor

TEATRO
MARIA
MATOS
ÚLTIMOS DIAS

Diariamente às 21.45 horas

Ruth Escobar

apresenta

Missa Leiga

de CHICO

DE ASSIS

Premio da critica brasileira para a melhor encenação e a melhor música

50% para estudantes e jovens até 18 anos, devido a um subsídio da Fundação Gulbenkian

M/ 14 anos

DIRIGENTES DA CASA DA MOEDA E IMPRENSA NACIONAL

Foram reconduzidos, por três anos, no conselho de administração da empresa pública Imprensa Nacional-Casa da Moeda o administrador, dr. Higinio Borges de Meneses, que exercerá as funções de presidente, com a designação de administrador-geral, e o administrador Ramiro Faria.

Reconduzidos, também pelo

mesmo período, o presidente do conselho fiscal, dr. José Gaspar da Cruz Filipe, e o vogal do referido Conselho, dr. Luís Filipe da Cunha de Noronha Demony.

Por portaria do Ministério do Interior, foi aprovado o modelo do cartão de identidade dos corpos gerentes e pessoal daqueles serviços.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Reuniu-se esta tarde a classe de Ciências da Academia de Lisboa, para escutar três comunicações, dos profs. Vítor Fontes, S. J. Formosinho e Andrade de Gouveia. Seguiu-se, com início às 17 horas, uma sessão plenária

para nomeação de comissões de exame de obras apresentadas aos concursos para os prémios académicos de 1972. Será ainda feita a distribuição de verbas orçamentais para 1973.

Marrocos alarga o limite das águas territoriais?

Na sequência de intenções já anteriormente manifestadas e segundo a rádio de Rabat, Marrocos teria alargado para setenta milhas o limite das suas águas territoriais, de acordo com um telegrama difundido pela agência ANI.

Segundo a mesma fonte, somente os barcos de países que estabeleçam acordos especiais de pesca com Marrocos serão autorizados a pescar dentro do novo limite.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros informa-nos, no entanto, não ter ainda confirmação oficial desta notícia. Caso a sua ceracidade venha a ser verificada, a atitude a tomar será «a mais consentânea com os interesses nacionais»... revelam-nos ainda daquele ministério

HOJE ESTREIA

SÃO JORGE

United Artists

ÀS 21.30 H.

James Coburn

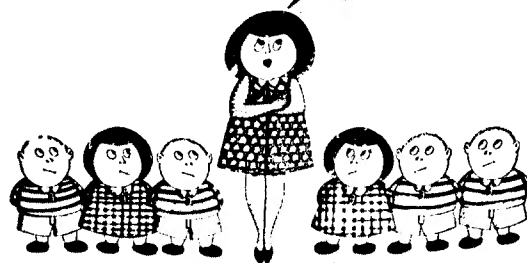
INDOMÁVEL! AVENTUREIRO! DOMINADOR!

OS CENTAUROS

"THE HONKERS" COLORIDO

Grupo C 14 anos

INFLAÇÃO É.....
INFLAÇÃO É.....
.....



AGORA

DICIONÁRIO DE ECONOMIA

por uma equipa de técnicos sob a direcção de ALAIN COTTA

na escola, na universidade, em sua casa, este DICIONÁRIO DE ECONOMIA é um indispensável instrumento de informação UMA OBRA DIARIAMENTE ÚTIL A TODA A FAMÍLIA

não gagueje...use o dicionário!

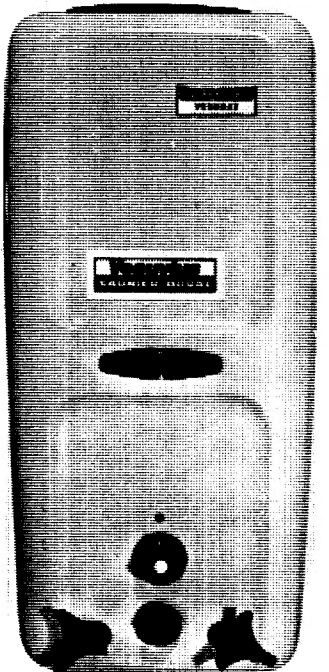


Já publicado: DICIONÁRIO DE POLÍTICA

PUBLICAÇÕES DOM QUIKOTE
Rua Luciano Cordeiro, 119-Lisboa 1

esquentador

Vesuvius
SAUNIER DUVAL



Vesuvius
SAUNIER DUVAL

abriu
correu
aqueceu

NA COZINHA
sempre que e preciso
água quente

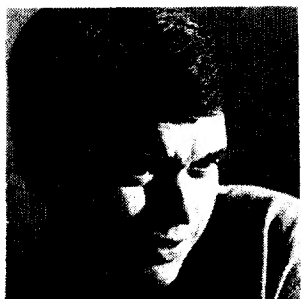
PARA O BANHO
sempre que e preciso
água quente
instantaneamente...
água quente!

Vesuvius
SAUNIER DUVAL

com

GARANTIA
OCL
OLAVO CRUZ LDA

DL/ESPECTACULOS



Tordo lança um disco com poemas de Ary



Que Fernando Tordo estava na Tecla, já pouca gente sabia. Agora que vai sair o seu disco «A Invenção do Amor», com poemas de José Carlos Ary dos Santos, já editado pela nova etiqueta de Tordo, é que só se soube ontem. Aqui estamos a dar a notícia: Hoje, dia 1 de Fevereiro de 1973, no Hotel Roma, às 18 horas, será lançado o disco acima indicado durante um «cocktail» que servirá, também e ao mesmo tempo, para a apresentação de Fernando Tordo como artista da editora com a qual, recentemente, assinou contrato.

MARIA JOÃO PIRES: UMA NOVIDADE EM COIMBRA

Maria João Pires dará, no próximo sábado, em Coimbra, um concerto em moldes inéditos em Portugal. Na primeira parte, Maria João interpretará quatro peças pequenas de outros tantos compositores e, no intervalo, o público votará na peça (e, consequentemente, no compositor) que preferir. Na segunda parte, a pianista interpretará, então, uma peça maior do compositor que tiver sido mais votado pela assistência.

Aos interessados, informamos que o concerto se realiza no Teatro Avenida, em Coimbra, pelas 18 horas do próximo sábado.

O Homem de la Mancha no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO — A partir da versão nova-iorquina, Flávio Rangel apresenta no teatro Adolfo Bloch a comédia musical de Dale Wasserman «O Homem de la Mancha», com Paulo Autran, Bibi Ferreira e Gran-

de Otelio à frente do elenco. Tema: numa prisão, e para salvar a vida, Miguel de Cervantes representa uma dramatização improvisada do «Dom Quixote». A música tem a assinatura de Mitch Leigh.

Um exemplo a seguir



Aqui está a prova: estes são alguns dos programas do Cineclube do Porto, relativos à temporada de 72, que, conforme referimos há dias, estão elaborados de uma maneira que pede meças a qualquer sala de estreia. Um exemplo a seguir para os que se batem em prol de um cinema de qualidade

UM "OSCAR" DE HOLLYWOOD PARA UMA ACTRIZ NEGRA?

A comunidade cinematográfica de Hollywood prevê que uma artista negra arrebatará provavelmente pela primeira vez este ano o «oscar» para a melhor actriz.

Duas candidatas negras estão empenhadas numa renhida disputa para obterem o cobiçado prémio da Academia — a antiga vocalista principal do conjunto «Supremes», Diana Ross, e a recém-chegada ao mundo do cinema, Cicely Tyson.

As nomeações para os prémios da Academia serão anunciadas em 12 de Fevereiro nesta cidade e a cerimónia da entrega dos «oscars» realizar-se-á em 27 de Março.

Espera-se que Diana Ross seja nomeada pela sua interpretação no papel da cantora Billie Holiday no filme «Lady Sings

the Blues».

Cicely Tyson, uma encantadora jovem actriz, deve ser nomeada, segundo se espera, por causa da sua interpretação em «Sounder», no qual abandona a sua apresentação habitual de mulher elegante para desempenhar o papel da mulher de um camponês durante a depressão.

A aguardada competição entre as duas actrizes surge nove anos depois de um actor negro ganhar «o oscar» pela primeira vez. Sidney Poitier recebeu esse prémio em 1964 por «Lilies of the Field».

Observadores de Hollywood afirmam que a única dificuldade que poderá surgir é se as duas actrizes negras arruinarem mutuamente as suas probabilidades devido ao facto de serem elegíveis no mesmo ano.

Isso poderia abrir a porta a outra actriz para com a qual, segundo se julga, a comunidade do cinema tem uma dívida emocional — Liza Minnelli, a estrela de «Cabaret» e filha de Judy Garland.

Judy Garland nunca ganhou um «oscar» como melhor actriz, embora lhe tivesse sido concedido um prémio pela sua actuação destacada de papéis juvenis no cinema em 1939.

Espera-se que sejam invulgarmente em grande número as candidaturas para o «oscar» da melhor actriz.

O crítico cinematográfico do «Los Angeles Times», Charles Champlin, indicou as cinco principais candidatas às nomeações: Cicely Tyson, Diana Ross, Liza Minnelli e Liv Ullmann pelo seu papel no filme

sueco «Os Emigrantes».

Via outras possibilidades, como Tuesday Weld pela sua interpretação de heroína neurótica em «Play It As It Lays», Maggie Smith pelo seu papel como velha extravagante em «Travels With My Aunt», Carol Burnett em «Pete 'n' Tillie», Susanah York em «Images» e Joane Woodward em «The Effect of Gamma Rays on Man-In-The-Moon Marigold».

Gerardo Ribeiro no São Luiz

Vai apresentar-se pela primeira vez no Teatro Municipal de S. Luiz, num concerto com a Orquestra Filarmónica de Lisboa, o notável violinista português Gerardo Ribeiro que tanto em Portugal como no estrangeiro tem sido muito considerado.

Vencedor de variadíssimos concursos prossegue os seus estudos na Juilliard School como bolseiro da Fundação Gulbenkian.

Executará a Sinfonia Espa-

nhola, para violino e orquestra, de Lalo.

A Orquestra Filarmónica de Lisboa será dirigida por Dimitri Agrafiotis, discípulo de Karajan, Wimberger e Baugartner, actual director da Schwabischen Symphonie Orchester.

As restantes obras do concerto, que se realizará nos dias 1 e 4 de Fevereiro às 21 e 45 e 16 horas são a Sinfonia La Reine, de Haydn e a Sinfonia Italiana de Mendelssohn.

Cinema no Mundo

ESPAÑA

MADRID — Fernando Rey, Julieta Serrano e Charo Lopez são os principais intérpretes do filme «Cinco Jovens Lobas», que Jaime de Arminan vai rodar dentro em breve.

Também Fernando Merino tenciona rodar em breve em Espanha uma película intitulada «O Padrinho E As Suas Afilhadas», com La Polaca e António Garisa.

bora na interpretação. Escrita em 1893, a peça foi representada na Broadway em versão livre de Charles Kalmann e Peter Goldbaum, a partir da qual foi realizada a versão espanhola. Os cenários são de Manuel Lopez e a adaptação musical foi realizada por Manuel Moreno Buendia.

INGLATERRA

LONDRES — Katherine Hepburn, Paul Scofield e Joseph Cotten são os principais in-

terpretes do filme «A Delicate Balance», cujos interiores estão a ser rodados nos estúdios em Londres.

EUA

HOLLYWOOD — Os produtores Richard Zanuck e David Broen contrataram Gilbert Moses para dirigir uma película intitulada «Willie Dynamite».

Zanuck incumbiu também Hal Dresner de escrever um argumento, subordinado ao título «Teh Eiger Sanction».

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

26.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

HOJE — 2 SESSÕES com JOSÉ VIANA no protagonismo

SUA EXCELENCIA O PENDURA

com DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Artur Semedo, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Segundas e quartas-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45

TERÇA-FEIRA DESCANSO DA COMPANHIA

AMANHÃ, DEFINITIVAMENTE, ESTREIA

2 SESSÕES — 20.45 e 23 horas

Telefone do Teatro 35 51 33

AMANHÃ, DEFINITIVAMENTE, ESTREIA

2 SESSÕES — 20.45 e 23 horas

Telefone do Teatro 35 51 33

CAMILO de OLIVEIRA

MULHERES E COMIGO!

com AIDA BAPTISTA

MARGARIDA MAUPERRIN

LINDA SILVA

CRISTINA CASSOLA

VITÓRIA MARIA

THE RED ROSE BALLET

6 anos - 16 anos

Domingo: matinée 16 h.

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

6.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROZ

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco IRENE ISIDRO

Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª — AS 21.45 H.

4.ª FEIRAS — Descanso da C.

6.ª FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: AS 20.45 e 23 HORAS

DOMINGOS — Matinée 16 h.

MADRID — Com um elenco encabeçado por Júlia Gutierrez Caba, Maria José Alfonso, Emilio Gutierrez Caba, Manuel Diaz Gonzalez e Raúl Sender, foi estreada no Teatro Reina Victoria a comédia de Vernard Shaw «A Profissão da sr.ª Warren», adaptada por Manuel Collado, que igualmente cola-

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Diogo Abreu Fragoso Amado. Café Restaurante «Monte Alentejo» — MONTE-MOR-O-NOVO

A DIPLOMATA AMERICANA E O FESTIVAL DA RTP

NICE, FRANÇA — Eleanor Hicks, consul norte-americano em Nice, que compõe canções, como amadora, disse hoje que desistiu de enviar obras da sua autoria ao Festival da Canção da Televisão Portuguesa.

Nunca pensei nisso muito a sério. Uma vez falei nisso e alguém ouviu. Na altura em que eu pensei enviar as minhas canções, o prazo já tinha terminado — disse Eleanor.

No princípio deste mês, um jornal francês anunciou que a representante do Governo norte-americano, em Nice enviaria canções que tinha escrito ao festival, que se efectua em 26 de Fevereiro.

Quando lhe perguntaram de que género eram as suas canções, ela respondeu: São

canções «pop», como as de Nancy Wilson ou Joe Cocker. Neste momento Eleanor apenas escreve as canções. Disse que gostaria de as cantar: Não tenho má voz e quando uma pessoa escreve uma canção, sabe melhor como quer que ela seja cantada.

O Governador norte-americano não põe qualquer dificuldade a que ela venda ou grave canções enquanto estiver na carreira diplomática, mas Eleanor diz que tem algumas hesitações devido à sua ideia de público. Isto não quer dizer que nunca grave as minhas canções. De qualquer maneira, agora estou muito ocupada com os meus deveres oficiais, para ter tempo para mais alguma coisa.

DI/GERAL

"O Algarve visto pelas crianças"

Foram divulgados os resultados finais do concurso «O Algarve visto pelas crianças», promovido pela Comissão Regional de Turismo daquela província.

Foram os seguintes os primeiros prémios atribuídos:

Escala dos 3 aos 7 anos
— **Trabalhos Artísticos:** 1.º - Carlos Alberto Silva Santos (7 anos) - Escola Masculina do Patacão (Faro). **Colectivos Literários** — 1.º - Paula Cristina Campos Gouveia (7 anos) -

Várzea da Candosa - Tábua.

Escala dos 11 aos 14 anos
— **Literários:** 1.º - Maria da Luz de Sá Grade (13 anos) - Rua dos Prazeres, 1 - Beja.

Classificação Artísticos: — 1.º - Jaime Alberto Fortuna Nunes da Silva (12 anos) - Rua Vale de Cató, Lote 400-A-4.º-E Olivais Sul, Lisboa - 6.

Colectivo — 1.º - Escola Masculina e Feminina do Patacão.

Além de outros prémios, foram ainda atribuídas numerosas menções honrosas.

Novo achado arqueológico no Norte

PORTO, 1 — O temporal que recentemente fustigou a costa nortenha, pôs a descoberto, na povoação de Angeiras, zona piscatória ao norte de Leça da Palmeira, importantes peças arqueológicas, constituídas por vários tanques de salga, cavados na rocha e que remontam ao período da romanização. Estes achados, aparentados com os existentes em Tróia, Setúbal, e na costa algarvia (o que leva a crer ter ali existido uma indústria pesqueira), vêm-se juntar a outros idênticos, descobertos em 1965, nos penedos do Enrocamento da Bonenta e na «Pedra da Freira», perfazendo um total de 23 tanques.

Os referidos tanques de salga encontram-se estudados no «Inventário de Objectos e Lugares com Interesse Arqueológico» publicado em separata de vários números da «Revista de Etnografia», da Junta Distrital do Porto, e da autoria de D. Domingos Pinho Brandão, bispo auxiliar da diocese, e do arquitecto Fernando Lanhas, delegado da Junta Nacional de Educação.

Trata-se, segundo aqueles arqueólogos, de um conjunto de construções de grande valor, que deve ser preservado dos «arqueólogos curiosos», recomendando este achado à Câmara Municipal de Matosinhos.

NO DIA 3 Funcionamento parcial da passagem subterrânea na Av. da República

Entra em funcionamento, no dia 3, a galeria do lado nascente do nó de ligação entre as avenidas da República e as de 28 de Maio e Estados Unidos da América.

Os trabalhos, que foram iniciados em Junho de 72 e devem es-

tar concluídos em Maio, estão avaliados em mais de 50 mil contos. O comprimento total desta passagem é de 360 metros, sendo 130 de galeria coberta. A altura das galerias é de 5 metros e a sua largura chega a atingir 15,5 metros.

Proceder-se-á em seguida a toda uma remodelação superficial, que será levada até à zona do viaduto do Caminho-de-Ferro, envolvendo pavimentos, zonas de estacionamento, paragens de autocarros, travessias de peões e áreas ajardinadas.

UM «VALENTE» CONDENADO A 18 MESES DE PRISÃO

PORTO — Foi julgado no 1.º Juízo Correccional pelo juiz dr. Estelita de Mendonça, Agostinho de Oliveira Ferreira, casado, de 33 anos, estucador, da Rua Nova do Sameiro, Madalena, Gaia.

O réu, no dia 8 de Abril do ano passado, teve uma discussão com o inválido Joaquim Lourenço de Oliveira, de 55 anos, acabando por agredi-lo de tal forma que lhe fracturou duas costelas e lhe provocou doença durante 53 dias.

Foi condenado na pena de 18 meses e 10 dias de prisão, um ano de multa a 20\$00 por dia,

880\$00 de imposto de justiça e a pagar, também, 5 000\$00 de indemnização ao ofendido.

O réu recolheu à cadeia.

INTERRUPÇÃO DE TRÂNSITO

Devido às obras em curso na linha de caminho de ferro, será interrompido o trânsito na estrada nacional n.º 341 (Alfarelos-Taveiro) nas passagens de nível de Taveiro e Ameal.

As interrupções verificam-se respectivamente nos dias 2, das 9 às 16, dia 3 durante o mesmo período e no Ameal dias 3, 5, 6 e 7 também das 9 às 16.

A LEGIÃO DÁ UMA AJUDA

Em plena tarde de ontem, um indivíduo de apelido Ramalheira, de 30 anos e natural de Santarém, tentou forçar a entrada do prédio n.º 89 da Av. da República, habitado pela sra. Hermínia Fonseca Rocha Mota. Mas a sua actividade chamou as atenções não de um representante da ordem pública mas de um motorista legionário que se pôs em perseguição do assaltante, finalmente apanhado nos terrenos da via férrea que atravessa a 5 de Outubro. E recolheu aos calabouços. Aí ainda tentou desfazer-se de 4 chaves que trazia, mas sem resultado. Foram-lhe ainda encontrados 250 escudos e uma chave de fendas.

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49398, para o estabelecimento, na freguesia do Castelo, concelho de Sesimbra, de uma modificação da linha aérea a 15 kV para o posto de transformação «FAULHA», entre o seu apoio n.º 2 e o apoio de derivação, suprimindo o apoio n.º 1.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

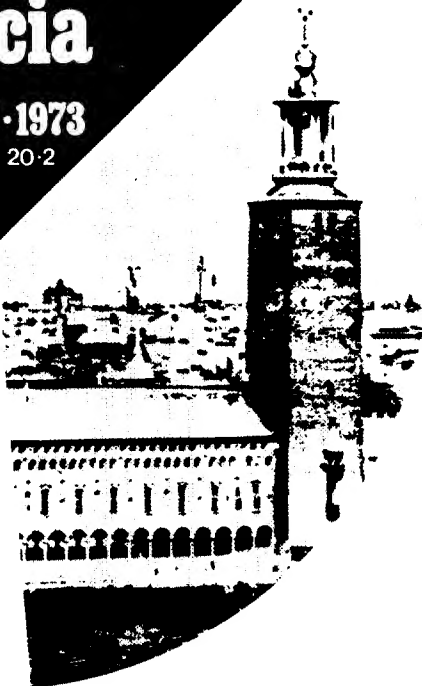
Repartição de Licenciamento, em 26 de Janeiro de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martini

ASSUNTO EXPORTAÇÃO uma oportunidade para a sua empresa

missão comercial à Suécia
de 20 a 27-5-1973
inscrições até 20-2

Crescer à escala europeia — necessidade premente da economia portuguesa de hoje — implica seleccionar mercados, programar o aproveitamento das oportunidades que se oferecem. Nos diversos continentes. Dentro de cada continente. É justamente nessa óptica que o Fundo de Fomento de Exportação promove e apoia financeiramente o envio ao estrangeiro de mais uma Missão Comercial: à Suécia. Tomando parte em mais esta iniciativa do F. F. E., conquiste para a sua empresa toda uma outra dimensão! Instituídos para o servir, temos o maior empenho no seu progresso — em fazer crescer empresas como a sua e, com elas, a economia do País. Avance, pois — e cresça. Terá a apoiá-lo a técnica segura dos técnicos da Exportação. Contacte-nos!



UNIAS D.F.F.E. 19



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Informações e inscrições:
Departamento de Relações Públicas e Missões Comerciais -
R. Camilo Castelo Branco, 2-3.º - Tel. 47928/59156 - Lisboa 1;
Delegação no Norte: R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - Porto.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO uma oportunidade para a sua empresa

missão comercial a Los Angeles
de 20 a 27-5-1973
inscrições até 20-2



As empresas nacionais apostadas em crescer «via Exportação» terão cada vez mais de encarar o Mundo de uma forma selectiva e programada. Trabalhando hoje mercados da Europa, amanhã mercados da América... Nessa convicção, empreende agora o Fundo de Fomento de Exportação uma Missão Comercial a Los Angeles. Pensámo-la com os olhos postos em empresas progressivas como a sua. Não hesite, pois! Avance — e cresça. Venha até nós, que o apoiaremos técnica e financeiramente. Criados para servir os industriais e comerciantes portugueses que aceitaram de pulso firme o repto do crescimento, estamos vivamente interessados na sua expansão. Aproveite, por conseguinte, a presente oportunidade. Um passo em frente — rumo a Los Angeles. Cedo descobrirá no Novo Mundo novas perspectivas de expansão para a sua empresa. Para o esclarecer e apoiar, conte conosco. Com a técnica segura dos técnicos da Exportação.

UNIAS D.F.F.E. 19



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Informações e inscrições:
Departamento de Relações Públicas e Missões Comerciais -
R. Camilo Castelo Branco, 2-3.º - Tel. 47928/59156 - Lisboa 1;
Delegação no Norte: R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - Porto.

DL/NACIONAL

A notícia era já conhecida, mas só ontem o presidente da Assembleia Nacional fez a comunicação oficial na reunião plenária a que compareceram 76 deputados: o dr. Sá Carneiro pediu a renúncia do seu mandato. Para a História, aqui fica a declaração do sr. eng. Amaral Neto: **O sr. deputado Francisco de Sá Carneiro enviou-me uma declaração de renúncia ao seu mandato. É uma decisão que eu respeito tanto quanto deploro. Mas o facto de o sr. deputado não ter querido atender à minha diligência para que reconsiderasse sobre ela, obriga-me, nos termos regimentais, a submetê-la a V. Ex.ªs que por votação e escrutínio secreto deverão decidir se a aceitam ou não. Vou comunicar a cada um de V. Ex.ªs o teor da declaração de renúncia para se poderem**

pronunciar com pleno conhecimento da causa e depois de amanhã proceder-se-á a votação em escrutínio secreto sobre esta declaração de renúncia»

O plenário da Assembleia Nacional votará amanhã, portanto, a sua aceitação ou dará a sua negativa ao pedido do dr. Sá Carneiro. Lembramos que, nos termos do Regimento, um deputado pode perder automaticamente o seu mandato se faltar a 15 sessões de trabalho consecutivas.

OS MEIOS DE INFORMAÇÃO

Na ordem do dia, prosseguiu a discussão do aviso prévio do dr. Magalhães Mota sobre os meios de comunicação social. Houve três intervenções. Uma

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

do eng. Alberto Alarcão, para justificar o seu pedido de que os órgãos de informação dêem todo o relevo à difusão das notícias de carácter económico; outra do deputado Themudo Barata, para falar, sobretudo, da influência da televisão sobre as novas gerações e dos cuidados que o Estado deve ter para evitar que um veículo de comunicação de tal ordem caia em mãos privadas que o aproveitem para os seus próprios fins. Citou o caso da Suécia, onde uma quinta parte das acções pertencem à Imprensa e a administração é controlada pelo Governo e recordou que, agora que a televisão está para ser implantada nos territórios africanos, deve haver o cuidado de criar programas próprios, que respeitem e não destruam a cultura local, evitando-se a importação maciça de séries estrangeiras, filmes e outros programas mistificadores ou pretensamente culturais. O terceiro orador de ontem foi o dr. Oliveira Ramos, deputado pelo círculo de Braga, o qual teceu considerações pertinentes sobre política da informação no nosso País.

NÃO ACOMPANHAR O RITMO

«No transcurso dos últimos anos — afirmou o dr. Oliveira Ramos — procederam-se a necessárias reformas do aparelho Executivo, mas, ao contrário do que seria de esperar, não se entendeu conveniente alterar, na essência e na substância, a epítome das instituições vigentes, ultimada no princípio dos anos 30, quando o ritmo de evolução era pausado e predominava uma sociedade de cunho agrário». O deputado comentou as consequências, hoje visíveis, dessa política, salientando depois que «a função dos órgãos de informação e, genericamente, dos meios de comunicação social, não é apenas a de divulgar notícias, anúncios, imagens, música, séries, filmes e programas de toda a ordem. Importa, sim, que se criem condições favoráveis à existência duma comunicação que espresse ópticas diferenciadas sobre a vida e os problemas da colectividade, que valorize as suas mensagens, que formule reflexões pertinentes acerca dos sucessos do dia a dia, que enuncie e escalpelize os erros e os desvios e que, em cada momento, clarifique os princípios a que se refere».

HÁ QUE ESCLARECER

Pouco depois, o dr. Oliveira Ramos diria: «Há que esclarecer o povo sobre a inércia ou opacidade do Executivo, sobre a razão ou despropósito das providências adoptadas, sobre a sua legitimidade ou ilegitimidade. E quem diz o Governo, diz as entidades e pessoas particulares e outros órgãos do Estado».

«Quanto mais o cidadão é pessoa bem formada e bem informada mais se acentua a tendência para ele tomar parte na orientação da Cidade, já cooperando no ordenamento da vida local, já na consecução da política nacional. Para isso, não basta uma presença generalizada das massas nos actos eleitorais, nem tão pouco, uma propaganda maior dos chamados temas cívicos. O problema central é um problema de educação: urge tornar o povo ciente de que é indispensável a sua participação nos negócios públicos e que ele também é responsável pela marcha boa ou má que eles tomam».

ser somente obrigatório, como obrigatória deve ser a fixação de um mínimo de garantia e os respectivos prémios. Num tal sistema oficializado, nenhuma companhia seguradora poderia escusar-se à celebração de contratos. O terceiro orador foi o moçambicano Max Fernandes. Para falar de uma espécie de «emigração» esquecida, aquela que resulta do acordo de 1928 cuja actualização o deputado pretende) celebrado com África do Sul para a utilização de mão-de-obra nativa de Moçambique nas minas da República Sul-Africana.

Socorrendo-se de um livro de um perito do próprio país importador de mão-de-obra, dr. Francis Wilson, professor da Universidade do Cabo, Max Fernandes acentuou as inacreditáveis diferenças salariais entre os trabalhadores brancos e negros das minas da África do Sul (21,7 para 1), ou seja uma média de 140.210\$00 anuais para o branco e 6.965\$00 para o negro. «E tomando por base o ano de 1938, enquanto o ganho em numário para brancos melhorou em 70 por cento, o dos africanos permaneceu ao mesmo nível ou em nível inferior ainda ao que auferiam em 1911». Mas a desgraça não acaba aqui, pois «o mineiro africano não tem direito a pensões, quando contrai a tuberculose, depois de 3 ou 4 semanas de cama é pura e simplesmente recambiado, armado de um lote de antibióticos e do endereço de uma clínica onde poderá obter mais e no caso de sofrer de pneumoconiose combinada com tuberculose é despedido para a sua terra com uma compensação única de 20 mil escudos; vive aformigado

em compoendes, em lotes de 2.400 a 7.000 e em quartos com 12,20, 60 e 90 homens, só homens». Exclamou o deputado: «Que vergonha! Que lástima! Que terrível acusação a quem os explora, a quem os deixa explorar, a todos nós!»

Segundo aquele deputado, este tipo de emigração de nativos para os centros mineiros da África do Sul movimentou dezenas e dezenas de milhares de homens e dura há mais de um século. Interrompido pelo deputado Ribeiro Veloso, também de Moçambique, o orador ouviu uma explicação: as condições de vida e de remuneração do trabalho são, nesta altura, bastante superiores em Moçambique. Simplesmente, ainda funciona a crença, entre as mulheres, de que o homem que há-de ser seu marido tem de conhecer mundo e, portanto, deve fazer a sua temporada na África do Sul. Comentário-resposta de Max Fernandes: essa «crença» foi difundida pelas grandes empresas interessadas no recrutamento de mão-de-obra ao preço da chuva, e que realizam, à custa dela, lucros fabulosos.

Resta, talvez, fazer uma referência às terríveis condições de vida, de trabalho, aos perigos a que os mineiros estão sujeitos. Mas, aproveitando a sugestão do deputado-orador, fechemos com um trecho da poética sabedoria popular da gente de Moçambique, um povo afinal tão sensível, arguto, sofrido e artista como outro qualquer povo do Mundo: «E lá fora que correm gazelas/ É lá fora que há luz e estrelas/ Diz, Magaica, diz Diz adeus à raiz/Diz adeus ao carvão/Que é morte viver/ Debaixo do chão».

BRASIL E PORTUGAL PODERÃO COOPERAR NA EXPLORAÇÃO DE URÂNIO

RIO DE JANEIRO, 1 — (FP) — Portugal aceitaria a participação do Brasil nos projectos de prospecção de urânio nas províncias de Angola e Moçambique, afirmou o director do departamento de Geologia da Junta Nacional de Energia Nuclear, José Matos Dias, à sua chegada a esta cidade.

Acrescentou que as perspectivas em ambas as províncias são boas mas que Portugal não poderia dirigir só a prospecção dada a extensão dos territórios. Por isso foram já assinados três contratos com empresas estrangeiras — uma das quais britânica.

A assinatura de um contrato idêntico com uma firma brasileira dependerá, disse do interesse que o Governo de Brasília demonstrar pelo projecto.

Segundo fontes informadas a oferta portuguesa deverá ser apresentada ao Governo Brasileiro antes de a firma implicada estudar em virtude das ligações com a política internacional que o assunto tem.

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA POSSE DO DR. JORGE SANTOS

Completa-se hoje um ano sobre a posse do dr. Alfredo Jorge Assis dos Santos como secretário de Estado da Saúde e Assistência. Por esse motivo, esta manhã o dr. Jorge Santos foi cumprimentado pelo ministro Rebelo de Sousa e pelos restantes membros do Governo dos Ministérios da Saúde e Assistência e Corporações e Previdência Social.

Também os principais dirigentes dos Serviços se reuniram para assinalar a data. Em nome de todos usou da palavra o dr. Coriolano Ferreira, secretário-geral do Ministério. O secre-

tário de Estado agradeceu e comentou a actividade desenvolvida no decurso do ano.

QUANDO MARAVILHA É NOME DE AZAR

Estava, ontem à noite, Maravilha muito entretido a ver como havia de entrar sem se fazer notado numa casa de artigos fotográficos da Estrada de Benfica, quando apareceu em cena o guarda-nosturno da área que logo ali pôs termo à sua ousada tentativa de penetrar clandestinamente em casa alheia.

Transportado à esquadra mais próxima, Maravilha, que tem 50 anos e diz ser ajudante de pedreiro nas horas vagas, acabou por ficar detido já que o seu nome é por demais conhecido nestes andanças em que nem sempre (como desta vez) as coisas correm as mil maravilhas.



CONTRATO ANULADO EM ESPANHA

PAMPLONA, 1 (FP) — Um comunicado da delegação do trabalho local anuncia que foi anulado o contrato colectivo assinado no dia 26 pelos representantes dos operários e a direcção da firma Torfinasa, por ter sido considerado em desacordo com as disposições legais.

Como se sabe, este acordo atendia na generalidade as condições postas pela ETA para a libertação do industrial Felipe Huarte, raptado pela organização revolucionária basca.

CASA DE ANGOLA CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1.º do artigo 34.º dos Estatutos, a Direcção da Casa de Angola, por sua iniciativa, convoca uma Assembleia Geral Extraordinária, a reunir no dia 16 do próximo mês de Fevereiro, pelas 20 horas e 30 minutos, na sua Sede, à Travessa da Fábrica das Sedas, n.ºs 7 e 7-A (ao Jardim das Amoreiras), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1. — O problema da Sede;
2. — O problema do Conselho Fiscal;
3. — O problema da Direcção.

Se à hora indicada, não estiver presente a maioria dos Sócios, a Assembleia Geral reunirá com qualquer número de sócios, uma hora depois, no mesmo local, com a mesma ordem de trabalhos.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1973.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO,
em exercício,
António Burity da Silva

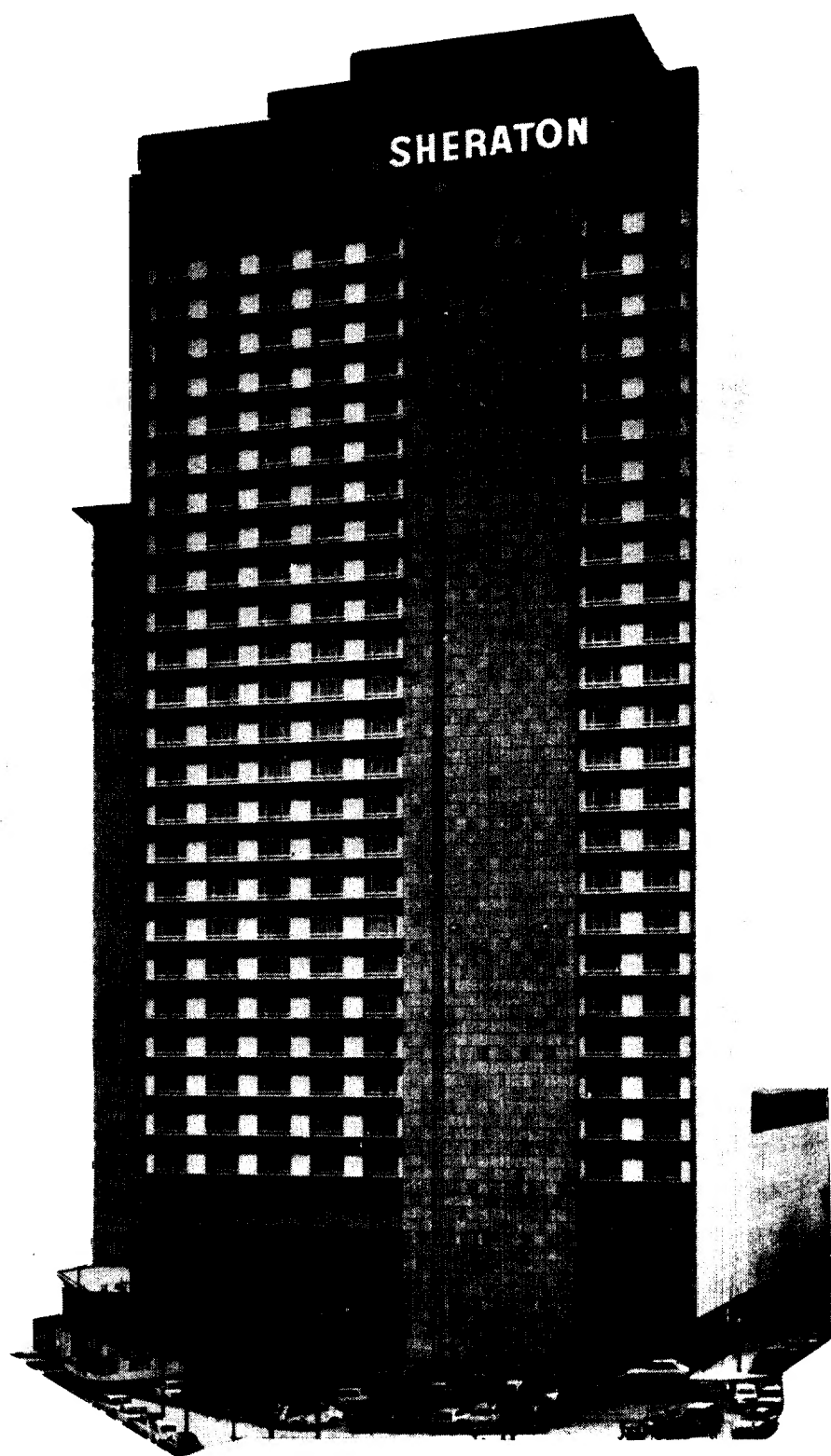
Inauguração do CINEMA CASTIL A COLUMBIA & WARNER seleccionou

UMA COMÉDIA ALUCINANTE!
Barbra Streisand
Ryan O'NEAL
"Que se Passa Doutor?"
Uma produção de **PETER BOGDANOVICH**

Grupo B/10 anos

AMANHÃ, 2 DE FEV
ÀS 21,45 NO

CINEMA CASTIL
Rua Castilho-Metro Rotunda
Estacionamento Parque-Castil



**o que há
de
comum
nos 3
restaurantes
do
maior hotel
de Lisboa ?**



AMBIENTE... QUALIDADE DE SERVIÇO... COZINHA REQUINTADA...

**... e segurança e conforto permanentes com
o gás que nunca se acaba: o gás de Lisboa**

PROJECTO DAS INSTALAÇÕES GÁS E ELECTRICIDADE : GABINETE DO ENG^o MANUEL CAMACHO SIMÕES

**GÁS DE CIDADE
GÁS DE QUALIDADE**

**COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE**

AS DUAS FORÇAS DA COMODIDADE



GÁS E ELECTRICIDADE

DL/NACIONAL

ORA DIGA-NOS:

O que pensa dos transportes de Almada para Lisboa?

Talvez Almada tenha tido a fatalidade geográfica de

ter «nascido» do outro lado. O certo é que, especialmen-

te em dias de nevoeiro, as gentes que a habitam se le-

vantam mais cedo, apanham raspanetes, têm maçadas só

porque o sistema de transportes não é satisfatório. Mas, será tudo? Não, não é. Nos dias normais o regime mantém-se já que inúmeras são as queixas, sendo quase sempre imputáveis as culpas ao tipo de transportes que os «cacilheiros» proporcionam.

Existe, por outro lado, o problema originado pelo facto de, como mais de uma vez foi assinalado, os preços das portagens serem excessivamente elevados o que não permite um uso regular e economicamente vantajoso por parte dos que poderiam ser normais utentes da ponte entre as duas margens.

Num dia sem nevoeiro, depois de tantos em que as anomalias de transportes se repetiram, visitamos Almada. Uma «cidade» em crescimento: mas ainda sem vi-

da própria, homens ausentes, ambiente de dormitório. Pelas onze da manhã só os trabalhadores locais ou as donas de casa andam pelas ruas.

O senhor Orlando Parado, um agente funerário de 57 anos que há 40 é músico da Academia, desce tranquilamente umas escadas, serviço melhorado, como tem, pela Ponte. Vai exactamente esperar um funeral que virá pela «nova via».

Bem, eu vivo deste lado. Mas sei como é, porque tenho o meu genro e a minha filha a trabalharem do lado de lá e eles contam o que se passa quando está um bocadinho de nevoeiro. A minha filha trabalha em Pedrouços e nesses dias tem de apanhar as camionetas onde paga cinco escudos, depois ainda tem de apanhar o comboio. O mesmo acontece ao meu genro que trabalha no Cais de Sodré. Fica em Alcântara e depois vai daí.

Por seu lado, José Alberto Rodrigues Pereira, soldador, de 20 anos, manifesta sensivelmente a mesma opinião:

Acho o barco caro e além disso não é bom, não por causa dos empregados, mas por causa dos barcos que não servem para fazer as carreiras. Em dias de nevoeiro vou pela Ponte que é muito cara como o senhor sabe...

Joaquim da Graça Cânseo, desenhador, de 38 anos, é mais pessimista e absoluto nas suas opiniões:

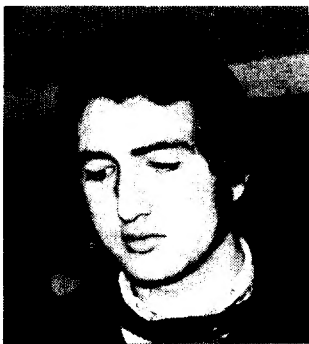
Penso que são pessimistas... Bem, eu vou quase sempre de automóvel porque me dá mais jeito de um ponto de vista profissional. Mas não há dúvida de que os cacilheiros não têm condições nenhuma. Não vão ao fundo porque não calha... Até um dia...

E ainda ouvimos um empregado de balcão, Daniel Malveiro:

Quando vou a Lisboa apanho a camioneta e depois o barco. Na hora em que eu vou há muitos lugares vagos. Mas ouço muitas queixas. Os assentos são muito jeitosos, não haja dúvida... Quanto aos preços não acho caro, nem baratos... são caríssimos...



«Bem, eu vivo deste lado».



«Acho o barco caro...»



«Penso que são pessimistas...»



«Não são caros nem baratos: são caríssimos...»

Tour Estados Unidos

Tenha um "new look" dos Estados Unidos



num tour de costa a costa!

Uma viagem acompanhada, de LISBOA-ESTADOS UNIDOS-LISBOA, visitando aquele grande país de costa a costa.

Além das importantes cidades atlânticas de NEW YORK a WASHINGTON, este TOUR inclui ainda a visita às cidades da costa ocidental: LOS ANGELES e S. FRANCISCO, debruçadas sobre o Pacífico; PHOENIX, erguida no verdejante «Vale do Sol»; LAS VEGAS com a sua atraente vida nocturna, e a esmagadora paisagem do GRANDE CANYON, no sudoeste americano. Os pontos mais característicos e significativos de cada região, serão objecto de visitas dirigidas, para que se possa apreciar os múltiplos aspectos paisagísticos, históricos e urbanísticos dum grande sub-continente.

De 15 a 26 de Março - todo este panorama dos ESTADOS UNIDOS - numa surpreendente viagem por Esc. 23 200\$00, de Lisboa, inclui instalações em excelentes hotéis e a economia e comodidade do pequeno almoço e jantar no respectivo hotel ou restaurante.

viaje na sua companhia

ESTA É A SUA OPORTUNIDADE. NÃO ADIE. Reserve já a sua viagem. Viajará na ida e na volta a bordo do 747-B. Procure o seu Agente de Viagens e peça programa detalhado.

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

S. R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49399, para o estabelecimento, na freguesia do Castelo, concelho de Sesimbra, de uma modificação da linha aérea a 15 kV para o posto de transformação COVÃO, suprimindo o apoio n.º 1.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Janeiro de 1973.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA

dão felicidade

RUA DA PRATA, 257

CONFIE NA

Ourivesaria da
GUIA

COMO O FAZ HÁ QUASE 100 ANOS
UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

A OPORTUNIDADE DA DOUTRINA CORPORATIVA NUM DISCURSO DO PROF. MARCELLO CAETANO

O prof. Marcello Caetano recebeu ontem os delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência que, durante três dias, estiveram a estudar em Lisboa problemas relacionados com a política social do ministério. Acompanhou a visita o dr. Rebelo de Sousa que usou da palavra para cumprimentar o chefe do Governo, tendo falado a seguir o delegado de Coimbra, dr. Manuel Carvalho Parente que situou a política social no contexto da orientação de Marcello Caetano. O chefe do Governo, em resposta às saudações, pronunciou um discurso, que reproduzimos na íntegra:

Meus senhores: É sempre para mim muito grata a visita dos delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência. Como já lhes tenho dito, o INTP recorda-me os dias heróicos da arrancada corporativa conduzida pela figura gentilíssima de Pedro Teotónio Pereira. Pedro Teotónio deixou-nos há poucos meses. Mas não sem que dele ficasse o primeiro volume das suas **Memórias**, justamente aquele que narra a acção do primeiro Subsecretário de Estado das Corporações. O lugar foi criado, na Presidência do Conselho, mas praticamente não havia serviços. Era preciso, para se poder pôr de pé toda uma nova orgânica e insuflar no País o novo espírito social, que o Subsecretário dispusesse de poderes amplos, integrados em competência própria e não delegada. A solução foi criar o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência com um presidente que o chefiasse, investindo nessa presidência o Subsecretário de Estado. Foi assim que este poder ser, de facto, o ministro capaz de lançar os grêmios, os sindicatos e as casas de povo, promover os primeiros contratos colectivos de trabalho, instituir a previdência social erguer as casas económicas e tudo o mais. A veneração dos trabalhadores e geralmente solicitada para figuras românticas que esvaziaram a vida em afirmações ou reivindicações retóricas ou consumiram a sua actividade em improficuos manejos clandestinos. Quando os trabalhadores portugueses têm verdadeiros motivos de veneração e gratidão por quem, como Pedro Teotónio Pereira,

efectivamente pôs em marcha nos anos 30 a política social que lhes proporcionou novas condições e amplas perspectivas. Passados quarenta anos talvez seja difícil de imaginar o que foi partir do nada e o que representou de arrojo a afirmação simultânea em tantos domínios e em tantos sectores dos direitos do trabalho. Mas os alicerces então lançados foram tão sólidos que o majestoso edifício da organização corporativa ainda hoje repousa sobre ela.

Foram quarenta anos de acção constante e profícua, estes que decorreram até hoje a partir do Estatuto do Trabalho Nacional. Acção que foi fecunda em benefícios para o País e para os trabalhadores justamente porque orientada por uma doutrina sã.

A bondade das doutrinas sociais afere-se sobretudo pelos seus resultados práticos. O corporativismo é uma doutrina de justiça, de participação, de colaboração e de paz. Foi, em Portugal, inspirado pelos ensinamentos da Igreja Católica — da Igreja que nos ensinou os princípios das encíclicas **Rerum Novarum** e **Quadragesimo Anno** e cujos fiéis elaboraram o Código Social de Malines. E se é certo que esses princípios tinham de sofrer a inevitável

adaptação que sempre distingue um corpo de legislação de um manifesto doutrinar e transporta a cidade ideal para as duras realidades das sociedades humanas, a verdade é que a inspiração cristã permaneceu viva nas ideias e não deixou nunca de animar os executores.

Os delegados do INTP foram desde anos longínquos da arrancada os missionários da doutrina corporativa. Pré-garam-na, explicaram-na, demonstraram-na, realizaram-na. E mau seria se hoje perdessem esse sentido de missão que sempre os conduziu e se remetesse a melancólicas, se bem que úteis, tarefas burocráticas. Porque hoje não é apenas necessário continuar a explicar a nossa doutrina: importa também combater as ideologias que, reanimadas por um impetuoso surto revolucionário a partir sobretudo de Maio de 1968, procuram conquistar a juventude e penetrar no meio sindical.

Doutrinas que pareciam arrumadas no museu ou condenadas pelo desmentido das realidades, ressurgem agora, e com que virulência! Desde a anarquia com todos os seus tons irracionais e emotivos, passando pelo sindicalismo revolucionário até ao marxismo revisto ou ortodoxo, não há doutrina que não procure ferozmente conquistar os espíritos para a tarefa comum de destruir a ordem social existente.

E ideias sedícias como a do trabalho como fonte exclusiva do valor, a da exploração capitalista através do sub-salário, a da luta de classes gerada pela inevitável contradição dialéctica na vida social, tudo isso que há cem anos e discutido e tem sido negado pela força da razão, a política social e a evolução da técnica, tudo isso aparece a espíritos incultos e desprevidos como a última palavra da verdade filosófica e da redenção da humanidade!

Como se nos países onde, por mal dos povos, tais ideias foram aplicadas os resultados não fossem a opressão das pessoas e a tristeza de viver!

Ainda não há muitos dias alguém que com frequência visita os países do Leste europeu me escrevia: «Se é verdade que o socialismo conseguiu satisfazer, no plano material, as necessidades mínimas das populações, é

também verdade que esses mínimos são a tal ponto mínimos que seriam desdenhados por quaisquer outros povos do mundo ocidental. Só de facto as anteriores condições de vida e o princípio de que um baixo nível económico pode ser geralmente aceite dentro de certa «justiça social» explica a relativa passividade com que é suportado. Com efeito, mais de vinte anos decorridos sobre a instauração do socialismo é visível o fracasso do sistema».

Aí está um depoimento fidedigno a juntar a tantos outros que no mesmo sentido têm sido feitos por pessoas autorizadas, e que nunca será demais lembrar a quantos andam iludidos com a miragem da redenção dos males humanos pelos socialismos de vários matizes.

Têm, senhores delegados, de estar atentos à ofensiva desencadeada e de não deixar de pregar, oportuna e até como o apostolo preconizava, inoportunamente, os princípios que temos por exactos e eficazes.

E ao mesmo tempo que doutrinar, senhores delegados, não deixem de informar. Quantos erros correntes por falta de esclarecimento! Quantos descontentamentos por carência de resposta! Quantas deformações dos factos e das ideias por ignorância, por precipitação de juízos ou por má interpretação!

Muitas vezes sem intenção. Um facto de hoje mesmo. Os milhões de ouvintes do tele-

jornal da nossa Televisão ouviram ontem a notícia de que haviam sido reduzidos de um ano para seis meses os direitos dos trabalhadores aos seguros de doença e de maternidade e aos subsídios de nascimento e de aleitação.

O equívoco no modo de dar a notícia deixou, pois, no espírito dos telespectadores a ideia de que tinham sido reduzidos benefícios. Quando, pelo contrário, o decreto publicado trouxe larga vantagem aos trabalhadores. Até aqui só tinham direito aos benefícios da previdência passado um ano sobre a sua inscrição nas caixas. A partir de agora terão assistência na doença e, quanto às mulheres, na maternidade e para aleitação, bem como os subsídios pelo nascimento de filhos, passado que seja metade desse tempo: bastam seis meses de inscrição nas caixas.

Foi, pois, mais um passo de progresso na concessão dos benefícios sociais.

Temos que estar constantemente atentos e activos. Os senhores delegados não são só agentes de um instituto de trabalho têm de enfileirar na primeira linha dos trabalhadores.

As palavras que acabo de ouvir, proferidas em vosso nome, dão-me a certeza da intangibilidade da vossa fé e da firmeza inabalável da vossa resolução.

Nós, como foi dito, não nos

limitamos a confiar na reforma social para conseguir a melhoria da condição humana: sabemos que se mudarmos as circunstâncias deixando o homem entregue cada vez mais aos seus instintos e às suas paixões, a sociedade não pode ser mais justa, o mundo prometido não será melhor. Abandonar a formação moral dos indivíduos para enveredar pela ilusão revolucionária, é uma traição a Deus e aos homens.

Por isso nós continuamos a contar com as pessoas. E a ter a certeza de que não é na indisciplina, na incompreensão, na anarquia, na revolta e no ódio que se encontrará o remédio para as injustiças sociais.

Prosseguiremos no caminho há muito traçado. Mesmo que tenhamos de afastar resistências. Mesmo que seja forçoso lutar para avançar. Mesmo que hajamos de sofrer incompreensões e ingratidões. Não importa. Nós queremos levar por diante a obra encetada, a obra de apoio à gente de trabalho e à sua dignificação e promoção, dentro de um clima de paz e de entendimento de classes. Segundo as possibilidades económicas do País. De acordo com os interesses nacionais. E haja o que houver, essa obra, porque convém à Nação e aos trabalhadores portugueses, ha-de continuar a erguer-se, serenamente, firmemente — sem paragens nem tergiversações!

Tertúlia Festa Brava

«A Tertúlia Festa Brava põe factos à frente de palavras» afirmou o eng. Lory, presidente da Tertúlia Festa Brava, que ontem comemorou o seu 26.º aniversário.

«A Tertúlia existe para defender a festa de toiros. Caso contrário a sua existência não se justificaria» declarou mais à frente o eng. Lory.

Salientou ainda que a direcção desta colectividade tinha resolvido nomear delegados nas principais cidades mexicanas e espanholas, tendo já representantes em Sevilha, Murcia e Madrid. A Tertúlia acaba de receber a medalha de prata «Ao Mérito Turístico» do Ministério de Informação e Turismo Espanhol e a medalha de ouro do Instituto de Cultura Hispânica, que serão entregues brevemente em Madrid pelo ministro Sanchez Bela.

Biologia do Português

No Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, iniciou-se hoje o curso livre de «Biologia do homem Português», regido pelo dr. António de Almeida, professor jubilado e antigo director do Centro de Estudos de Antropologia.

PRIMEIRA DOUTORA PELO I.S.T.

Com distinção e louvor, concluiu as suas provas de doutoramento em Ciências de Engenharia Química a sr.ª D. Maria de Lurdes Sadler Simões Gonçalves, que é a primeira mulher a doutorar-se pelo Instituto Superior Técnico.

A dr.ª Maria de Lurdes Gonçalves é natural de Silves e efectuou os estudos secundários no liceu de Faro, passando, em seguida, a frequentar o curso de Físico-Químicas da Faculdade de Ciências, que concluiu com 17 valores.

Foi bolsista no Centro de Radioquímica da Comissão de Estudos de Energia Nuclear do I. A. C. e da N. A. T. O., passando, em 1965/66 a trabalhar na Universidade de Oxford. Após o regresso a Lisboa, desempenhou várias funções no Instituto Superior Técnico, encarregando-se, a partir de 1970, da regência da disciplina de Métodos Instrumentais de Análise.

DR. CÉSAR MOREIRA BAPTISTA

Completam-se hoje quinze anos sobre a data de posse do dr. César Moreira Baptista como secretário Nacional de Informação, cargo que exerceu até 1968.

Em 27 de Setembro de 1968 foi nomeado subsecretário de estado da Presidência do Conselho e quando em 15 de Outubro do mesmo ano, se criou a secretaria de estado de Informação e Turismo, o dr. César Moreira Baptista foi dirigir este novo departamento, funções que continua a desempenhar.

TERESA STICH-RANDALL

INAUGURA AMANHÃ OS CONCERTOS DO S. CARLOS EM COLABORAÇÃO COM A EMISSORA NACIONAL

Amanhã, às 21.30, no S. Carlos, realiza-se o primeiro concerto da temporada organizada em colaboração com a Emissora Nacional.

É solista a grande cantora Teresa Stich-Randall, que acaba de interpretar admiravelmente o papel de Fiordiligi no S. Carlos.

Além das árias de Verdi, Donizetti e Bellini (a famosa «Casta Diva»), Stich-Randall interpretará as «Quatro Últimas Canções», consideradas das

mais sublimes páginas de Strauss.

A Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional será dirigida pelo notável maestro português Álvaro Cassuto que interpretará, em 1.ª audição, a «suite» Do Sudoeste, de Waldrop e o poema sinfónico **Macbeth**, de Strauss.

A bilheteira do Teatro de S. Carlos está aberta das 13 às 19 horas.

Para os concertos não é exigido o traje de noite.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja (às Jane-las Verdes)
Hoje e todos os dias às 22 horas
Sábados e domingos matinaes às 16 horas
Últimos Dias
«ALICE NOS JARDINS DO LUXEMBURGO»
de Romain Weingarten, com Carmem Dolores, Ana de Sá e Augusto Figueiredo
Direcção de Jorge Listopad
Marc. Tel. 677299
Maiores 14 anos
Sub. Fundo Teatro

INQUÉRITO SOBRE UM CRIME SEM ASSASSINO!

UM CASO DE URGÊNCIA
(A Case of Murder)

JAMES COBURN - JENNIFER O'NEILL
com BLAKE EDWARDS
ELE TEM UM PROCESSO ÚNICO DE "OPERAR".

HOJE às 21.45

NOITE de ESTREIA

CONDES

GRUPO D - 18 anos

PAVAVISION

DIÁSTRANGEIRO

RECONSTRUÇÃO DA INDOCHINA

KISSINGER EM HANOÍ NA PRÓXIMA SEMANA

WASHINGTON, (R. UPI-ANI)

Henry Kissinger visita Hanoi, na próxima semana, a fim de iniciar os planos de reconstrução da Indochina e o presidente Nixon reúne-se na Primavera com o presidente Nguyen Van Thieu, do Vietname do Sul.

Na sua primeira conferência de imprensa desde 5 de Outubro, o presidente dos Estados Unidos tem declarado que a assistência económica norte-americana à Indochina será «um investimento na paz», dando ao Vietname do Norte e do Sul um incentivo para cumprir o acordo de tréguas assinado em Paris no sábado.

Nixon exprimi a esperança de que as divisões causadas pela guerra, tanto no país como no estrangeiro, sejam sanadas brevemente, mas repetiu a sua promessa de «jamais» conceder amnistia aos desertores.

O presidente disse que o montante e a forma da assistência americana à Indochina

terão de ser debatidos com o Congresso e com os Governos interessados.

Funcionários governamentais confirmaram que os Estados Unidos sugeriram, nas negociações de Paris, uma assistência de 7,5 biliões de dólares, durante cinco anos, sendo 2,5 biliões de dólares destinados ao Vietname do Norte.

PROPOSTA NO CONGRESSO

Uma proposta de lei no sentido de impedir novas operações militares americanas na Indochina sem a aprovação prévia do Congresso foi ontem apresentada na Câmara dos Representantes por 38 congressistas.

Essa proposta, com efeito a partir de 28 de Março ou seja 60 dias após a assinatura do cessar-fogo, proíbe quaisquer operações militares americanas em terra, mar ou ar, não só no Vietname do Norte e do Sul mas também no Laos e no Camboja.

Esta legislação é idêntica à que foi apresentada no Senado na sexta-feira pelo senador democrático Frank Church e pelo republicano Clifford Case, dois elementos influentes da comissão de política externa.

O congressista Jonathan Bingham ao apresentar a proposta na Câmara dos Representantes salientou que ela era importante, na medida em que existe o perigo do presidente Nixon ordenar o recomeço das hostilidades, se o acordo de cessar-fogo não for cumprido.

«A declaração do presidente Nixon de que os Estados Unidos tomariam medidas para

que o acordo seja cumprido é de mau agouro uma vez que a única forma que os Estados Unidos têm de alcançar esse objectivo é enviando novamente as suas forças militares para a Indochina e recomeçando os bombardeamentos maciços» salientou.

AGNEW EM BANGKOK

BANGKOK, 1 (F.P. UPI-ANI)

O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, chegou esta tarde a Bangkok, depois de ter estado em Phnom-Penh durante a manhã.

Mal chegou o vice-presidente entrou para um automóvel e seguiu para o centro da cidade a grande velocidade. Os jornalistas, mantido à distância, não conseguiram fazer-lhe nenhuma pergunta.

Antes de regressar a Washington, Agnew visita ainda o Laos, Singapura, Malásia e Indonésia.

DIMINUIRAM OS INCIDENTES

SAIGÃO, 1 (UPI-ANI)

Os recontros travados entre os comunistas e as tropas sul-vietnamitas desceram ontem a cerca de metade do número que se verificara no primeiro dia do armistício anunciaram em círculos militares.

Verificaram-se cem incidentes durante o dia de ontem, quando na véspera se tinham registado 209 e nas primeiras 24 horas das tréguas 409.

Entretanto, os estratégicos bombardeiros «B-52» com base na Tailândia continuaram a ser utilizados para atacar insta-

lações comunistas na parte meridional do Laos.

EUA-CHINA

WASHINGTON, 1 (R.) — O senador republicano Edward Brooke pediu hoje ao Governo que estabeleça relações diplomáticas com a China como uma das medidas de reconciliação internacional após a guerra do Vietname.

Devemos ir para o pleno reconhecimento diplomático da República Popular Chinesa e aumentar o intercâmbio comercial e cultural com esse país.

«A verdadeira estabilidade do sistema internacional exige a mais completa participação da China nas questões mundiais.»

O senador salientou ainda que todas as diligências para controlar as armas nucleares poderão ser inúteis enquanto não se conseguir incluir a China e todas as outras potências nucleares nos acordos de desarmamento.



Há quem tenha dentes de ouro. Pois Herb Bales, dono de uma joalharia nos EUA, descobriu uma nova maneira de fazer publicidade dos seus diamantes. Com efeito, um dentista colocou-lhe duas dessas pedras nos dentes da frente, o que lhe permite exhibir um sorriso diamantífero (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

GENERAL VIETCONG EM SAIGÃO

SAIGÃO, 1 (R.) — O general Tran Van Tra, que comandou as forças comunistas durante a ofensiva do Tet, em 1968, chegou hoje a Saigão, a bordo de um helicóptero americano, para tomar parte na reunião da comissão militar de armistício. O general Van Tra chefia a delegação do Vietcong junto da comissão militar

O Dólar esboroa-se e reina a incerteza

NOVA YORK, 1 — (FP)

Depois duma tentativa de recuperação à abertura, o dólar continuou a esboroar-se durante todo o dia de quarta-feira, para encerrar mais uma vez em baixa perante as principais moedas europeias.

Continua a reinar a incerteza entre os operadores e nos meios financeiros perante as recentes medidas financeiras tomadas na Europa.

«ONDAS» EUROPEIAS

WASHINGTON, 1 — Os responsáveis americanos continuam a não se mostrar demasiado inquietos com as «ondas» monetárias nos mercados de câmbios europeus.

Paul Volcker, subsecretário do Tesouro, encarregado das questões monetárias internacionais, repetiu ontem que, a seu ver, não se trata de uma crise do dólar, mas de uma série de acontecimentos ligados às recentes decisões italiana e suíça contra o dólar, que é a moeda de intervenção nos mercados cambiais.

«Devemos habituar-nos a esse género de agitação que se repete de vez em quando» disse Volcker. A melhor contribuição dos Estados Unidos para a estabilidade do dólar a longo prazo está nos êxitos excelentes da economia americana, nomeadamente em matéria de preços, quando comparados aos dos outros países industrializados — acrescentou.

Volcker, que acaba de participar em Paris, nas reuniões do «Coxité des Vinte», encarregado da reforma do sistema Monetário Internacional, indicou que as discussões progredem de modo satisfatório para os americanos. O principal problema que se levanta actualmente — acrescentou Volcker — é saber como serão aplicadas e respeitadas as regras que todos desejam ver instaladas no sistema monetário reformado.

Entretanto, tudo o que os peritos europeus mais qualificados podem dizer é que se está perante mais uma manifestação da doença económica do dólar, que perturba, periódica-

mente, o funcionamento do sistema monetário ocidental.

Enquanto essa doença for tratada com «comprimidos de aspirina» nada ficará solucionado — acrescentam alguns desses peritos.

Enquanto a moeda americana continuar totalmente inconvertível — dizem ainda — o deficit externo dos Estados Unidos só poderá perpetuar-se e mesmo crescer, porque a massa dos capitais flutuantes, não representados pelos «balance-dollars» e pelos euro-dólares, não tardará a atingir cem biliões de dólares.

CALEIDOSCÓPIO

EMBAIXADA CHINESA EM TÓQUIO

MiKuo-Chun, primeiro encarregado de negócios da China no Japão, abriu oficialmente hoje as instalações provisórias da Embaixada do seu país no décimo-quinto andar de um hotel de Tóquio. Pouco antes, tinha ido visitar Hosaku Hogen, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros japonês, e o chefe do Departamento dos Assuntos Asiáticos, Kenzo Yoshida, acompanhado por cinco dos dez membros do seu pessoal. Mi Kuo-Chun, que fala correntemente o japonês, declarou que fará todos os esforços para estabelecer relações amistosas entre as duas nações, de acordo com o espírito da declaração comum de Pequim, assinada pelos primeiros ministros Chu En-Lai e Kakuei Tanaka. (F. P.)

CONDENAÇÃO EM MADRID

Um tribunal militar de Madrid condenou ontem Júlio Millon Hernandez a 18 anos de cadeia por alegados actos de terrorismo, que incluíram uma tentativa de fazer ir pelos ares um avião de passageiros. A acusação alegou que o réu, um espanhol, colocara uma bomba de relógio num avião das linhas aéreas domésticas espanholas em 1963, mas que o engenho fora descoberto antes de explodir. Afirmou ainda que Millon Hernandez era um dos membros principais de uma organização terrorista denominada

«Federação Ibérica de Jovens Libertadores». (R.)

GIBSON BARBOSA NO QUÊNIA

Mário Gibson Barbosa, ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, que acaba de efectuar uma visita de quatro dias ao Egipto, deve partir esta manhã do Cairo para Nairobi, no Quênia. O ministro brasileiro teve conversações com o homólogo egípcio, Mohamed Hassan Zayat, acerca do reforço das relações e da cooperação entre o Brasil e o Egipto. Num comunicado comum, os dois países declararam que a situação actual no Médio Oriente ameaça a paz e a segurança no mundo. (F. P.)

FRIO: 249 MORTOS

Morreram enregeladas, pelo menos, 249 pessoas em consequência da vaga de frio que assolou durante Janeiro os Estados de Uttar Pradesh e do Bihar, no norte da Índia, segundo revelam os mais recentes números conhecidos em Lucknow e Patna. As temperaturas desceram abaixo do ponto de congelação. As mortes ocorrem principalmente entre milhões de desgraçados que dormem nas ruas na Índia ou entre camponeses que irrigam os campos de cultura durante a noite. (R.)

UNIÃO INTERPALAMENTAR

A União Interparlamentar (UIP) terminou ontem o seu trabalho por comissões e propôs medidas em diversos cam-

pos, incluindo uma acção concreta de combate ao terrorismo — anunciou um informador da UIP. A conferência da UIP sobre cooperação e segurança europeia, em que participam parlamentares de 28 países europeus, dos Estados Unidos e do Canadá, trabalhou em Helsinquia, durante seis dias enquanto as conversações preparatórias para a conferência de segurança europeia decorriam paralelamente. (UPI/ANI).

Novos elementos sobre o assassinio de Amílcar Cabral

DAKAR, 1 — (F. P.) — Os assassinos de Amílcar Cabral tentaram raptá-lo mas como ele resistisse abateram-no a tiro, afirma um enviado especial de rádio Dakar a Conakry.

Tal como aconteceu com Aristides Pereira, mais tarde libertado, também o leader do PAIGC devia ser raptado. Cabral foi abordado pelos seus agressores na garagem da sua casa do bairro da Mina, a oito quilómetros do centro da capital, às 22.50 h. TMG. Perante a resistência de Cabral, um dos homens disparou uma rajada de metralhadora que o matou junto ao seu carro.

Entre os assassinos encontravam-se antigos desertores que já tinham «traído» em Novembro de 1970, data do ataque a Conakry e a quem Cabral pedira depois da condenação,

Experimentado novo tipo de bomba atómica

WASHINGTON, 1 (F. P.)

Foi experimentada com êxito, no polígono de ensaios do Nevada, uma bomba atómica de novo tipo, segundo anunciou na quarta-feira o general Edward Giller, chefe do departamento de aplicações militares da Comissão Americana da Energia Atómica.

Esta bomba, precisou, poderá, como qualquer granada de artilharia armada de ogiva, explodir no ar, ou no solo, ou com atraso depois de se haver enterrado.

Esta nova arma, baptizada «Fufo» (full-fusing-option-

bomb) ainda não está a ser fabricada a título operacional, mas poderá sê-lo se o Departamento de Estado o pedir «no interesse nacional», precisou o general Giller.

A «Fufo» poderia substituir o arsenal das três espécies de bombas atómicas concebidas para os bombardeiros gigantes «B-52» e os «F-111» do comando estratégico aéreo, com a vantagem da facilidade de manuseio e a redução do armazenamento.

Tinha sido feita pela primeira vez uma alusão a esta nova arma numa frase do relatório anual da Comissão da Energia Atómica do Congresso.

Nervosismo na Bolsa de Tóquio

TOQUIO, 1 (R.)

A Bolsa de Tóquio registou hoje nova descida acentuada em consequência de um excesso de oferta em relação à procura, aparentemente provocado pelo nervosismo dos possuidores de acções.

Pelo terceiro dia consecutivo o índice médio de valores baixou, tendo fechado a 5066,17 pontos ou seja menos 99 do que ontem. Nestes três dias a quebra de valores da Bolsa já excedeu os cinco por cento.

Os corretores dizem que alguns investidores alarmados estão a vender por qualquer preço. Um dos factores que contribuem para esta inquietação na Bolsa é o receio de que o Governo japonês seja forçado a revalorizar novamente a paridade do yen em relação ao dólar.

DL/ESTRANGEIRO

Nixon e Heath tentarão evitar o confronto CEE-Estados Unidos

WASHINGTON, 1 (F.P.) — O presidente Nixon e o primeiro-ministro Heath encontram-se hoje partilhando do mesmo desejo de evitar uma confrontação económica entre Estados Unidos e Comunidade Europeia mas não completamente de acordo sobre os processos a utilizar.

Os colaboradores do ministro inglês salientaram que ele era o homem de estado europeu melhor colocado para iniciar o diálogo entre os dois blocos económicos visto que a guerra do Vietname não criou entre Washington e Londres as mesmas tensões que com outras capitais.

O objectivo do encontro, tal como Nixon o revelou em conferência de Imprensa, é o mesmo dos dois lados: agora que Oeste e Leste vão ter negociações capitais para o futuro da Europa, é preciso que as rivalidades económicas não enfraqueçam a solidariedade ocidental.

Isto quer dizer que tanto americanos como ingleses reconhecem que os problemas que os Estados Unidos enfrentam por causa do alargamento da Comunidade Europeia e da expansão económica do Japão são de difícil e longa resolução.

Americanos e europeus parecem porém não ter concordado ainda quanto à melhor maneira de tratar esses problemas.

Essencialmente os Estados Unidos pretendem que sejam eliminados os obstáculos que a Comunidade Europeia põe às suas exportações e por consequência melhorar a situação deficitária da sua balança de pagamentos. Querem por isso estabelecer um traço de união formal entre as negociações comerciais do GATT e as do «Grupo dos 20».

Além das relações económicas, Nixon e Heath abordarão as negociações Oeste-Leste na Europa, a acção internacional na Indochina agora e as perspectivas de paz no Médio Oriente.

PRÉMIO KEFAUVER

Na véspera de se avistar com o presidente Nixon, o primeiro-ministro britânico, Edward Heath, reafirmou que o alargamento da Cee é tanto do interes-

se dos Estados Unidos como da Europa, Heath recebia o prémio Estes Kefauver (antigo senador americano) pela sua contribuição para a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum. Todos os presidentes americanos, desde Harry Truman até Richard Nixon — lembrou Heath — apoiaram, de uma maneira ou doutra, o processo evolutivo da unificação europeia. «Sempre pensei — disse o primeiro-ministro — que essa política é tanto do interesse dos Estados Unidos como o é da Europa, dos países em vias de desenvolvimento e da paz».

O chefe do Governo inglês fez votos para que os Estados Unidos e a CEE alargada actuem na via «da amizade e da cooperação pacífica».

Carnaval carioca sem biquínis

RIO DE JANEIRO, 1 — (UPI/ANI) — No próximo carnaval carioca são proibidos biquínis e outros fatos de banho, bem como fantasias que imitem hábitos religiosos e uniformes militares.

Qualquer festa que se efectue em salões ou praças públicas só poderá ser realizada com autorização do serviço de censura e diversões públicas e terá de terminar às quatro horas da manhã, a não ser que obtenha uma autorização especial.

Durante o período do carnaval terão de permanecer encerrados os estabelecimentos que vendem armas, munições e explosivos.

Também são proibidas nesta época as vendas de bisnagas que lancem água, o serviço de bebidas em copos de vidro e o serviço de bebidas alcoólicas em bailes que não sejam para maiores de dezoito anos.



MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Seixal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49410 para o estabelecimento, na freguesia de Paio Pires, no referido concelho, de uma linha aérea a 6 kV, com 653 m., para o posto de transformação da «MANI» - Máquinas e Equipamentos Industriais, Lda, e derivada do apoio n.º 9 da linha para o posto de transformação SEIXEIRA.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Janeiro de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins



DR. ANTÓNIO MARIA COSTA DE MORAES

Missa do 1.º Aniversário

Maria do Carmo Costa Félix de Moraes, Ana Isabel, Miguel Pedro, Frederico, Mónica e António Vasco da Costa Félix de Moraes, Júlio Henrique Costa de Moraes, mulher e filhos, José Luiz Costa de Moraes, mulher e filha, Fernando Manuel Costa de Moraes, mulher e filhos, Francisco José Correia de Lacerda da Costa Félix, Maria Margarida Peixoto da Costa Félix, Francisco José Peixoto da Costa Félix (ausente) e filhos, António Peixoto da Costa Félix, mulher e filha, Maria Margarida Peixoto da Costa Félix, Manuel Peixoto da Costa Félix, Maria Leonor da Costa Félix Madeira Rodrigues, marido e filhos, Maria Teresa da Costa Félix Aires Mateus, marido e filho, Maria Eduarda Gusmão da Costa Félix, Mary Howorth Peixoto e demais família, participam que amanhã, dia 2, pelas 19.15 horas, na Igreja da Conceição Velha, será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma de seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio genro, neto e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Armino Aires ALCOITÃO

Necrologia

DR. MATIAS COLAÇO FERNANDES

Faleceu o Sr. Dr. Matias Colaço Fernandes, de 55 anos, natural de Mértola (Santana de Cambas), casado com a Sr.ª D. Maria Manuela de Andrade e Sousa Fernandes, pai do Sr. António, Alberto de Andrade de Sousa Fernandes e da menina Maria Manuela de Andrade e Sousa Fernandes. O funeral, a cargo da Agência Salgado de Benfica, realiza-se amanhã, dia 2, da Igreja de São João de Deus (Capela F) para jazigo de família no cemitério de São Brás de Alportel.

Prof. DOUTOR MIGUEL A. MENDES ALVES

Comemorando o 3.º aniversário do seu falecimento, sua família manda celebrar missa na 6.ª feira, dia 2 pelas 12 horas na Igreja de S. Sebastião da Pedreira.

José Fernando Gonçalves

Faleceu no dia 29, na sua residência, em Rio Maior, o nosso dedicado correspondente naquela vila. O falecido que contava 58 anos e era professor do Liceu e Escola Técnica locais, era pessoa muito conhecida e estimada. Exercia também as funções de 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários.



DR. MATIAS COLAÇO FERNANDES FALECEU

Maria Manuela de Andrade e Sousa Fernandes, António Alberto de Andrade de Sousa Fernandes, Maria Manuela de Andrade e Sousa Fernandes, Rita Fernandes Marques, seu marido e filha, Fernanda Fernandes Vargas e filhas, Ana Fernandes Lousa, Alberto Miguel de Andrade e Sousa, Emília Roberto de Sousa e mais família participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 2, pelas 9.30 horas, da Igreja de São João de Deus (Capela F) com destino à Igreja da Matriz de São Brás de Alportel, onde será celebrada Missa de Corpo Presente, realizando-se em seguida o funeral para Jazigo de Família no Cemitério Local.

AGÊNCIA SALGADO DE BENFICA — Telef. 70 07 33

CONSELHEIRO DR. JOSÉ GUILHERME DE MELLO E CASTRO

O CENTRO DE MEDICINA DE REABILITAÇÃO da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa manda celebrar, amanhã, dia 2, às 11.30, na Capela do referido Centro, em Alcoitão, Missa de Sufrágio pela alma do Sr. Conselheiro Dr. José Guilherme de Mello e Castro.

EMPREGADO DE CONTABILIDADE

Admite Empresa Industrial de Lisboa ligada a importante grupo internacional

FUNÇÕES PRINCIPAIS:

- Classificar documentos
- Conferir contas correntes de fornecedores, clientes e bancos

HABILITAÇÕES E PREFERÊNCIAS:

- Curso Comercial ou equivalente
- Experiência de contabilidade industrial
- Conhecimentos do plano de contas francês/americano e de processamento mecânico de dados.
- Idade 25/35 anos

OFERECE-SE

- Ordenado compatível com a função e experiência
- Bom ambiente de trabalho
- Semana de 5 dias
- Plano de regalias sociais

Dá-se preferência a candidatos que residam na área de Sintra

Resposta manuscrita com «Curriculum vitae» e ordenado pretendido para GASEL — Ref.º 105/16 — Apartado 2512 — LISBOA



LUÍS EDUARDO SANCHEZ MACHADO

(Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja)

FALECEU

Aurora de Almeida Machado, eng.º Luís de Almeida Machado, mulher e filhas, Júlio de Almeida Machado, mulher, filhos e genro, António Sanchez Machado e mulher, Beatriz de Almeida Corado, Manuel Cipriano de Almeida e mulher, Justo Cipriano de Almeida e mulher e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente.

Será celebrada missa de corpo presente no dia 2 às 9 horas, na Igreja S. João de Deus (Capela A), donde sairá o funeral às 10 horas para Jazigo de Família em Campo Maior.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

SENSACIONAL CAMPANHA 1973



MAIÚSCULA

Comércio de Móveis e Decorações, Lda.
FABRICANTES E ARMAZENISTAS

OFERECEMOS

Um colchão e o estrado na compra de uma mobília de quarto.

Além dos nossos famosos jogos de sofá-cama com gavetão e 2 mapas em napa ou tecido por 3500\$00

MAIS

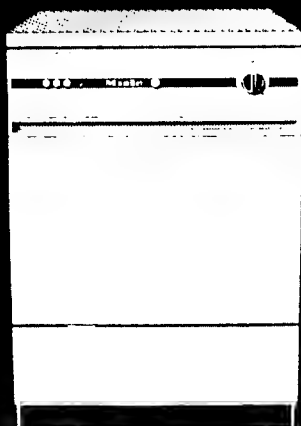
- ESTANTES E MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
- ELECTRODOMÉSTICOS E ALCATIFAS tudo ao preço de fábrica

SALÕES DE EXPOSIÇÃO

PRAÇA PAIVA COUCEIRO, N.º 1
RUA NEVES FERREIRA, N.º 4

TEL. 84 68 39 - LISBOA

Máquina de lavar louça G220 UNIBODY



"Unibody"

— um novo sistema de fabrico da MIELE!

Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente Oficial:

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91 A

Telefs.: 538323 - 536308 - 530838

Filial: Rua Angelina Vidal, 63-65 — LISBOA

HIPOTECAS SOBRE PROPRIEDADES

FAZEM-SE COM RAPIDEZ

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292, 1. Tel. 369384/5/6



TEN. COR. ENGENHARIA DOMINGOS CABRAL DE MELO

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua mulher, filhos, noras, netos e mais família participam que amanhã, dia 2, pelas 18.40 horas, na Igreja do Campo Grande, será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todos que se dignarem assistir.

ACÇÕES

DE J. PIMENTA, SARL

COMPRAM-SE

Indicar preço ao Apartado 2331
LISBOA

DI/GERAL

Faltam técnicos de pecuária

LOURENÇO MARQUES

«E cada vez mais necessário que técnicos invadam as fábricas de produtos animais. Necessitamos cada vez mais de criadores bem preparados para poderem tirar melhor rendimento do gado» afirmou o dr. Fernando Paisana, director dos

Serviços de Veterinária de Moçambique, durante a cerimónia da entrega de diplomas aos primeiros oito auxiliares técnicos de pecuária, formados nesta província.

Os referidos técnicos pertencem a um grupo de vinte e quatro candidatos que há dois anos iniciaram as suas aulas práticas e teóricas no

Instituto de Investigação Veterinária.

A sua função principal no campo da pecuária é a de servirem de elo de ligação entre os postos de fomento e repartições distritais dos serviços de veterinária e os criadores de gado, de modo a auxiliá-los com assistência técnica.

SOCIEDADE AGRÍCOLA DO CASSEQUEL

S. A. R. L.

CAPITAL Esc. 192 500 000\$00

SEDE: CASSEQUEL — CATUMBELA — ANGOLA

REPRESENTAÇÃO EM LISBOA: Largo do Carmo, 18, 1.º, Dt.º

Avisam-se os Senhores Accionistas, que pediram a transferência, para o exterior do Estado de Angola, do dividendo referente ao exercício de 1969 (cupão n.º 57), de que, para efeito de receberem a referida transferência, se podem dirigir ao local (nosso escritório em Lisboa ou estabelecimento bancário) onde formularam o pedido de transferência, devendo apresentar a relação que têm em seu poder.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1973.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o proc.º 8/49374, para o estabelecimento na freguesia de S. Simão, concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 6 kV, com 68 m., para o posto de transformação de Valentim Rodrigues e derivada do apoio n.º 27 da linha Azeitão-Palmela.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Janeiro de 1973

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49363 para o estabelecimento, na freguesia de S. Lourenço, concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 15 kV, com 23 m., para o posto de transformação de J. Afonso Canela e derivada do apoio n.º 1 da linha para o posto de transformação da Quinta do Peru (Águas).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Janeiro de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49387 para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Almada, de uma linha aérea a 30 kV, com 77 m., para o posto de transformação da MOBIL OIL PORTUGUESA (VIA RÁPIDA) e derivada da linha Sobreda-Seminário, apoio n.º 15.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Janeiro de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

em 3 linhas

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de administrador, por parte do Estado, da Detotal-Sociedade para o Desenvolvimento e Turismo da Ilha do Sal o dr. António Manuel Caldeira Marques.

///

Foram aprovados, oficialmente, os estatutos da Associação Luso-Venezuelana, com sede em Lisboa.

///

O Governo de Chipre depositou o instrumento de ratificação do Protocolo Adicional à Constituição da União Postal Universal e da Convenção Postal Universal.

///

Foi colocado, em comissão, no cargo de comandante distrital da P. S. P. de Leiria, o capitão, na reserva, João Rodrigues Góis Ramalho.

///

Foram autorizadas transferências de verbas e alterações de rubricas no orçamento do Ministério da Justiça, que totalizam, respectivamente, 7.447.680\$00 e 2.686.800\$00.

///

Uma portaria do Ministério da Marinha altera a redacção de diversas disposições do Regulamento da Inscrição Marítima, Matrícula e Lotações dos Navios da Marinha Mercante e de Pesca (R. I. M.), aprovado pelo Decreto 45.969, de 15 de Outubro de 1964.

///

Foi contratado pelo Ministério do Exército o dr. Pierre François Maurice Cadot como professor de prática de conversação de Língua Francesa.

///

Vêm na folha oficial (2.ª série, n.º 26) as listas do pessoal do quadro da Junta Autónoma de Estradas, a partir de 1 de Janeiro findo, e também dos quadros da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização e do Fundo de Fomento de Habitação.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

S. A. R. L.

Capital: 40 000 000\$00

Sede — Largo do Chiado, 8
LISBOA

Avisam-se os senhores accionistas desta Companhia que, para cumprimento do disposto na alínea 1.ª b) do Art.º 9.º dos Estatutos, os estabelecimentos bancários designados para o depósito de acções ao portador, dentro do prazo estabelecido, para efeito da reunião da Assembleia Geral do corrente ano, são os seguintes:

Banco Fonsecas & Burnay
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores

Lisboa, 31 de Janeiro de 1973

O ADMINISTRADOR-DELEGADO
a) Dr. João António Morais
Leitão

FUTEBOL

DL/DESPORTOS

Nacional de Reservas em Abril

Deve principiar no dia 1 de Abril o campeonato nacional de reservas em futebol, que engloba 16 equipas divididas por duas zonas. O regulamento foi discutido na recente reunião das Associações, faltando apenas a sua aprovação por parte da Direcção Geral dos Desportos.

Em linhas gerais, o documento para aprovação diz que a data do início do certame deve fixar-se no dia 1 de Março, sendo a abertura no ano corrente um mês depois, uma vez que a prova regional de Lisboa está bastante atrasada. A prioridade no preenchimento dos oito lugares em cada uma das duas zonas é dada aos clubes da 1.ª divisão. Caso alguns não estejam interessados em participar (sabe-se que na Zona Norte há casos de renúncia, como o Beira-Mar e o União de Tomar), as vagas são ocupadas por clubes da II divisão, por ordem da seguinte prioridade: clubes despromovidos do ano passado, clubes que tenham disputado a «Liguinha» e a classificação do último campeonato.

Os jogos efectuar-se-ão à quarta-feira podendo alinhar cinco juniores em cada partida.

BELENENSES, SPORTING E ATLÉTICO GANHARAM OS JOGOS DE LISBOA

Nos jogos do campeonato lisboeta de reservas verificaram-se os seguintes resultados: Sporting, 4 Oriental, 1; Belenenses, 3 Sintrense, 1; Sacavenense, 1 Atlético, 2 e Torriense, 6 Taíde, 2.

Como factos salientes da jornada há a anotar: péssimo comportamento disciplinar de Bastos (que atingiu fortemente e sem justificação um jogador do Oriental, «arrumando-o» para uns jogos e obrigando o treinador a mandar entrar o guarda-redes suplente para a linha

avancada), a iluminação (?) deficientíssima do campo do Sacavenense (com nula visibilidade junto das balizas e a tornar de todo desaconselhável a realização de jogos à noite). Neste jogo (Sacavenense Atlético) estranham-se os apenas dois golos dos alcantarenses que, com a linha avançada titular (Vasques, Clésio e Leitão) tinham obrigação de fazer mais.

BOAVISTA GANHA

No seu primeiro jogo em terras da Guiné, onde cumpre um contrato demorado, o Boavista derrotou a respectiva selecção por uma bola a zero (golo de Moura).

SPORTING: MELHOR EM JUVENIS

Realizou-se em Pina Manique o jogo desempate entre o Sporting e o Belenenses, a contar para a primeira eliminatória da segunda fase do campeonato de Lisboa em Juvenis. O Sporting venceu por um-zero, golo obtido por Medeiros após boa jogada de Fernando. O Sporting prossegue na competição.

SUECOS NO ALGARVE

O Farense recebe, no próximo domingo, a equipa sueca do Landskrona, para um encontro particular marcado para o estádio de São Luís. O prélio inicia-se às 15 e 30, sendo aguardado com certa expectativa, dado que o Landskrona informou ter nas suas fileiras quatro internacionais.

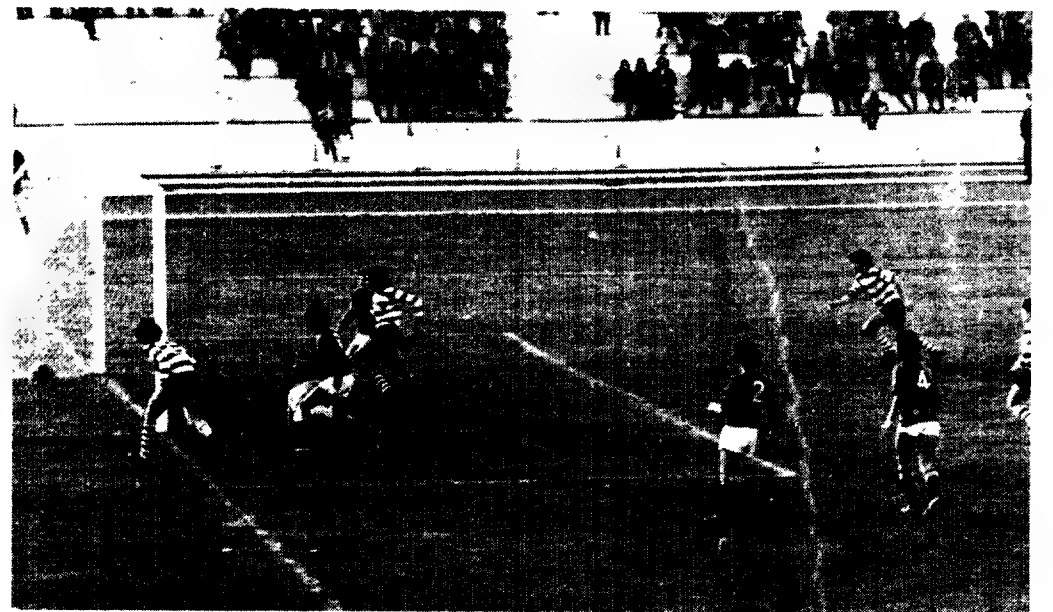
JOSÉ AUGUSTO ESPIA

O seleccionador nacional José Augusto foi a Atenas ver os búlgaros empatar com a Grécia a duas bolas. Como se sabe, a Bulgária pertence à série de Portugal nas eliminatórias do Cam-

peonato Mundial, pelo que a viagem de José Augusto se justificou plenamente. Aliás, após o jogo, o técnico da nossa selecção declarou que os búlgaros são mesmo bons, destacando-se a sua extraordinária condição física, espírito de luta e capacidade para manter elevado rendimento durante todo o jogo. Como pedras individuais, José Augusto salientou Bonev (estratega). Tacticamente, os búlgaros jogam à defesa com um «libero», laterais a marcar os extremos, meio campo povoadíssimo e apenas dois avançados fixos. A Bulgária defronta Portugal no dia 2 de Maio em Sofia.

VALPAÇOS EM MAUS LENÇÓIS

Na reunião semanal do Conselho de Disciplina da Federação foi decidido interditar o campo do Valpaços por seis jogos, por comportamento incorrecto do público com lesão física do trio de arbitragem. Foi



O golo dos juvenis do Sporting, no desempate de ontem, obtido numa jogada clássica: Fernando (com o número 9), passou a zona da defesa e foi à linha de fundo centrar atrasado. Medeiros (entre defesas e guarda-redes) surgiu em corrida, empurrando a bola para o fundo da baliza.

ainda instaurado inquerito ao comportamento do público nos jogos Sporting de Braga-Académica e Riopelle-Tirsense.

SETÚBAL EM LONDRES

O Vitória de Setúbal já sabe a hora a que deve jogar em Lon-

dres, na primeira mão da eliminatória da Taça UEFA, com o Tottenham. O jogo principia às 19 e 30, no White Hart Lane.

Metropolitano de hóquei

Em vésperas de começar a nova época do hóquei em Patins, com a disputa do Torneio de Abertura, teve lugar na sede da Federação Portuguesa de Patinagem o sorteio da primeira fase do Metropolitano, que principiará a jogar-se no dia 18 de Maio na zona Sul e no dia seguinte na zona Norte.

Os jogos da 1.ª jornada, na zona Norte, são os seguintes: Académico-Espinho, Porto-Car-

valhos, Sanjoanense-Fânzeres, Aguias do Porto-Oliveirense e Infante de Sagres-Valongo. Na zona Sul: Oeiras-C. Ourique, Sintra-Cuf, P. Arcos-Parede, Cascais-Estremoz e Benfica-Sporting.

Entretanto, foi fixada a data do início da preparação da selecção nacional: 26 do corrente. Está também prevista a participação no Torneio de Montreux (19 a 24 de Abril) a nível de selecção.

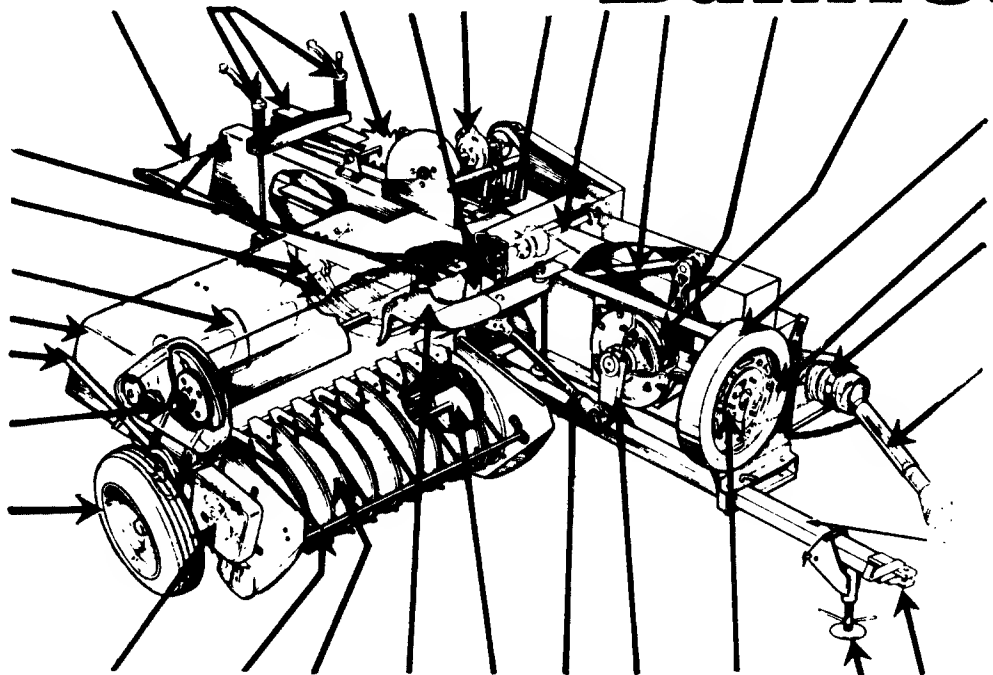
GRANDIOSOS SALDOS

CARPETES desde 345\$00, todas as larguras até 3x4 m — TAPETES, PASSADEIRAS, até 1 m de largura. TERYLENES, com larguras de 1,50 m a 3 m, desde 10\$00 — CRETONES, CHINTZ, CETINETAS, suíços e ingleses, RETALHOS para sanefas e ALMOFADAS, desde 5\$00. VELUDOS, ALGODÃO, ACRÍLICOS ADAMASCADOS, desde 60\$00. REPS, GORRÕES, SEDAS, tudo a preços incríveis

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º (c/ elevador)
(esquina da Rua da Prata)

ENFARDADEIRAS Bamfords



BL49, BL58, BL68. ATADORES DE ARAME OU CORDEL, OU AMBOS, INTERMUTÁVEIS

CURSO DE MANUTENÇÃO E MANEJO

PARA PROPRIETARIOS, OPERADORES, MECANICOS DAS OFICINAS RURAIS

Regido por um Técnico da Fabrica, MR. BURBIDGE

Das 9h às 12h e das 14h às 18h

2.ª feira dia 5 No Pavilhão da Agricultura
3.ª feira dia 6 da Feira de SANTARÉM

4.ª feira dia 7 Na nossa filial em
5.ª feira dia 8 BEJA

A MELHOR ASSISTÊNCIA PARA A MELHOR ENFARDADEIRA GRANDE STOCK DE PEÇAS

TRACTORES SAME E HOLDER, CEIFEIRAS DEBULHADORAS ARBOS, CORTA-FORRAGENS ESPALHADORES DE CHORUME, REGA POR ASPERSÃO SEPPIC, ALFAIAS DIVERSAS, ADUBOS, BATATA DE SEMENTE, PESTICIDAS, INSECTICIDAS, ETC...

SOCIEDADES REUNIDAS REIS S.A.R.L.

FILIAIS EM:

B E J A
C H A V E S
F A R N E S
M A T O Z I N H O S
P A M P I L H O S A
S A C A V E M
S A N T A R E M

ROSSIO, 102, 1.ª LISBOA-TELF: 362521/2/3

AGENTES EM:

CABEZEIRAS DE BASTO
BRAGANÇA
E V O R A
L E I R I A
TORRES VEDRAS

DELEGACÃO - PORTO - RUA FERNANDES TOMÁS, 305-373

TIMBRE

DL/DESPORTOS



Xeque-mate moçambicano ao xadrez nacional

Um xadrezista moçambicano acaba de «abrir a boca» revelando pormenores que, a confirmarem-se, provocarão sensação no mundo do xadrez nacional.

São acusações que podem vir a marcar a passagem de uma época na modalidade: «verdades» que necessitam confirmação ou desmentido.

«Sou o melhor xadrezista de Moçambique, aceito o repto de quem quer que se julgue com direito ao título, e defenderei o que afirmo partida após partida», assegurou, na cidade de Tete, o jovem Luís Ochoa Baptista, grande revelação dos últimos anos no xadrez de Moçambique, e que é o praticante moçambicano desta modalidade que melhor classificação obteve até hoje em torneios internacionais (segundo lugar no campeonato aberto de Salisbúria, na Rodésia, em 1972).

As afirmações de Luís Ochoa Baptista, recolhidas pelo matutino «Notícias» de Lourenço Marques através da respectiva delegação em Tete e reproduzidas agora com grande destaque, parece estarem já a gerar grande efervescência nos meios xadrezistas locais.

«Uma equipa moçambicana, com uma composição honesta, vencerá a actual selecção na-

cional», acrescenta Luís Ochoa, salientando que esta selecção ainda recentemente nas olimpíadas de xadrez, «englobada numa série fraca, acabou por fazer triste figura».

Analisando seguidamente a panorâmica do xadrez nacional, Luís Ochoa comparou a actual situação de Moçambique (anível de dirigentes) com a Metrópole, afirmando existir aqui, como no continente, uma «ditadura», com jogadores de xadrez a acumularem as funções de dirigentes máximos da modalidade, o que (segundo sublinhou) torna certas decisões do dirigente incompatíveis com os próprios interesses do jogador.

«A confirmar esta afirmação (disse o xadrezista moçambicano) está a maioria esmagadora dos praticantes metropolitanos, que me deram a entender serem contra tão obsoleta posição. Como consequência de tal «ditadura» deu-se o afastamento do melhor xadrezista português, João Cordovil, de 26 anos, que declarou já aum

jornal as razões que o levaram a afastar-se do xadrez nacional e a inscrever-se na Federação Espanhola da Modalidade».

Referindo-se depois (e em especial) ao panorama do xadrez em Moçambique, onde o xadrezista Marino Ferreira é também o dirigente federativo máximo, Luís Ochoa lamenta o facto de, segundo ele, a modalidade depender de uma associação de «velhos» a «utilizarem todas as armas contra a imposição dos elementos mais novos, que há muito proveram terem ultrapassado o nível médio desses xadrezistas mais antigos, os quais, pensando nos seus 20 anos de xadrez, não querem dar a mão à palmatória».

O xadrezista moçambicano salientou ainda o facto de, em 1972, só os jovens de Moçambique (Pedro Plantier, de 19 anos; Rogério de Carvalho, de 18; e o próprio Ochoa, com 20) terem disputado o primeiro tabuleiro (mesa de honra) no Torneio Aberto da Rodésia, o que (segundo ele) pôs cobro à hegemonia da «velha guarda» do xadrez moçambicano.

Ténis no C.I.F.

Encontra-se praticamente concluída a construção do campo coberto do CIF nas novas instalações situadas no Caramão da Ajuda. Entretanto, está a ser montado o sistema de iluminação eléctrica, o qual permitirá que o referido campo possa ser utilizado em períodos nocturnos.

Dado o elevado interesse de que se reveste esta obra para a prática do ténis entre os sócios, resolveu a direcção do clube, para assinalar condignamente a inauguração do referido campo, promover a realização de um torneio especial aberto a todos os jogadores classificados na época finda ou em épocas anteriores, esperando, assim, reunirem-se alguns dos melhores tenistas nacionais.

O torneio iniciar-se-á em data a anunciar oportunamente e abrangerá as modalidades de singulares-homens e de pares-homens. Todos os encontros serão disputados no campo coberto a partir das 18 horas, excepto os das meias-finais e das finais.

Ainda com o objectivo de intensificar a prática do ténis entre os membros do CIF, terá início em 10 do corrente um grande torneio interno reservado exclusivamente aos sócios, realizando-se os respectivos encontros nos sábados e domingos.



O "HOMEM" DE CLAY

O «homem» de Clay: o inglês Joe Bugner (que é campeão da Europa) já está nos Estados Unidos, pronto a seguir para Las Vegas onde defrontará Muhammad Ali. Até agora, o titular europeu tem treinado em St. Ives, na Grande Ilha. Mas, desde ontem, que está nos Estados Unidos, esperando ansiosamente o próximo dia 14 que, naquelas paragens é conhecido como o «Dia de S. Valentim». Mas Joe diz que «não é preciso ser-se valente, para levar de vencida Cassius Clay...» Conversa fiada?

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 22 DA 12ª ÉPOCA-4 FEV./73

O Alcoa — x11 11x 112 x1xx;
O Algarve — 111 x11 111
21x1; Beira Baixa — 1x1 xx1
111 x111; Cardeal Saraiva —
121 1x1 112 x112; Comércio
de Portimão — 12x 111 1xx
2x1x; Correio dos Açores —
xx1 11x 112 2111; O Telégrafo
— 1xx 11x 11x 2x11; Desporti-

vo das Beiras — xxx 111 x12
2112; A Defesa — x12 11x 21x
21x2; Eco de Estremoz — 1x2
x11 x12 2x1x; Ecos do Despor-
to — 1xx 1xx 11x x111; Folha
do Domingo — 1x1 1x1 111
x111; Jornal do Barreiro —
11x 2x2 121 11x1; Jornal do
Sul — 1x1 x11 2xx x111; Jor-

nal de Viseu — 11x 211 x11
xx1x; Linhas de Elvas — 11x
1x1 xx1 2111; Notícias de Fel-
gueiras — 2x1 11x 11x x11x;
Notícias de Gouveia — xxx
112 122 1111; Povo Algarvio
— 121 11x 112 2111; Reno-
vação — 122 1x1 111 x1x1;
A Voz Desportiva — 1xx 112

112 211x; Voz de Lamego —
1x1 122 11x 2111; Estrela da
Manhã — 1x1 11x 111 x111;
Eu Sei Tudo — 121 11x 112
2x1x; Jornal da Lixa — 122
211 211 x111; Jornal de Santo
Tiro — x21 111 x11 1x1x; A
Rabeca — x21 11x 112 2111;
Rádio Oceano — 112 x12 111
x111; Reconquista — 111 111
111 x111; A Voz do Domingo
— 1x1 1x1 111 x1x2; Açores
— 21x 1xx x1x x111; Badala-
das — 1x2 1xx 1xx 21xx; Boa
Nova — 121 11x 111 2111;
Cavalcada do Ritmo — 1xx
11x 111 x1x1; Centro Desporti-
vo — 1x1 11x 11x 2111; Clube
Asas do Atlântico — 1xx 11x
111 x111; A Comarca de Arganil
— x21 112 112 2111; O
Comércio do Porto — 222 x21
xx2 2xxx; Correio de Coimbra
— 1x1 11x 11x 2111; Correio
do Minho — 1x1 112 111
x111; Correio do Vouga —
111 111 11x x111; Diário do
Alentejo — 1xx 21x 111 xxx1;
Diário de Coimbra — xx1 111
11x 2111; Diário do Minho —
1x1 11x 111 2111; Diário do
Sul — 112 21x 1x1 1x12; O
Distrito de Setúbal — 111 xx1
111 xxx; Ecos de Cacia —
12x 111 111 x111; Emissor Re-
gional da Guiné — 112 212
11x, xx2x; Época — 12x 12x
1x1 2x11; A Ilha — 21x 1xx
11x x1x1; Imagens Piedenses
— x21 1x2 11x 2111; Jornal

do Fundão — 1x2 11x 1x1
x111; Jornal de Sintra — xx2
11x 11x 2111; O Mensageiro
— 1xx 1x1 111 x111; Litoral
— 1x1 11x 11x x11x; Maria
da Fonte — xx1 111 111 2111;
Notícias de Chaves x12 11x
11x 21x2; Notícias de Guima-
rães — xx1 122 111 2111;
Notícias de Penacova — xxx
111 211 1121; Gazeta das Cal-
das — 12x 1xx 111 211x; O
Comércio de Leixões — x11
11x 11x 21x1; As 10 espere
por nós — 111 122 xxx xx11;
Dos fracos não reza a história
— x22 11x 1xx x111; Jornal
da Graça — 111 111 111 1111;
Jornal de Notícias — xx1 1x1
11x 2111; Manchete Desporti-
va — x11 111 11x x111; Penal-
ti — 1x1 111 11x 1x1x; Progra-
ma sem nome — 1x1 111 11x
2121; Quadrante Desportivo
— 222 1x1 212 11x1; Quadrante
Norte — 11x 21x 1x1 x2x1;
Repórter do Dia Angola —
1x1 11x 11x 2111; Resenha
Desportiva — xx2 11x 11x
x121; O Sorriso da hora do al-
moço — 2x1 112 1x2 2111;
A Voz dos Ridículos — 2x1
1xx 1x2 2x11; A Ordem — 2xx
212 2x1 111x; Pexa que não
maça — 221 1xx 11x x111;
Rádio Altitude — x21 111 11x
x11x; República — 22x 122
x22 2111; Revista de Som —
111 x22 xx1 1x2x; Terra Alta
— 111 21x 1x1 2122; Canal

18 — x1x 111 111 xx12; A
Nossa Chave — xxx 111 111
21x1; Notícias do Totobola —
x21 1x2 111 1x11; Rádio Des-
porto — 121 x1x 112 11x1;
O Domingo e o Desporto —
111 1xx 11x 2111; Diário de
Lisboa — x21 122 11x 2111;
Voz do Casa Pia — 1xx 11x
11x x111; Notícias de Évora
— x12 1x2 11x x111; Clube
do Ar — 2x1 111 1x1 x1x1;
Diário do Porto — xx1 111
111 211x; O Primeiro de Janeiro
— 1x1 11x 111 x1x1; Ritmo
e Amizade — x1x 111 1x1
x11x; Auto Rádio — x2x 111
11x x1x1; Rádio Sports — xxx
1xx 21x 2121; Estúdio 64 —
122 11x x12 11x2; Placard
Desportivo — x1x 111 211
x11x; Placard Desportivo
Açores — 1x2 11x x1x 2112;
Rádio Placard — 111 111 111
1111; Bondiazinho — 112 211
x21 21x1; Brado Africano Des-
porto — 12x 11x x12 x111;
Brado Africano Ronga — 12x
1x1 x1x 2111; Cidade 73 —
111 111 x11 2x11; Domingo
Alegre — x11 1x1 111 1x12;
Jornal Desportivo — 1x2 211
1x1 121x; Passatempo — 111
211 x21 1111; Revista Despor-
tiva — 11x x1x 1x2 2x11; Ro-
teiro Sonoro — 111 211 111
21x2; 20 Ponto D — 222 x11
211 1112; Terceiro Programa
— 1x1 211 121 1112; Reno-
vação — x12 x2x x11 xx11

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. FAMILICÃO - GIL VICENTE	63	35	12	7	4	1	
2. UNIAO LAMAS - FAFE	36	46	28	4	5	3	
3. OLIVEIRENSE - BRAGA	55	33	22	6	4	2	
4. VILANOVENSE - RIOPELE	84	12	14	9	1	2	
5. TIRSENSE - ESPINHO	76	25	9	8	3	1	
6. SALGUEIROS - VARZIM	47	45	16	5	5	2	
7. NAZARENS - TORRES NOVAS	82	19	9	9	2	1	
8. MARINHENSE - ORIENTAL	84	19	7	9	2	1	
9. PENICHE - OLHANENSE	50	39	21	6	4	2	
10. COVA PIEDADE - PORTIMONENSE	19	44	47	2	5	5	
11. SESIMBRA - ALMADA	85	23	2	9	2	1	
12. SACAVENENSE - CALDAS	79	24	7	9	2	1	
13. SINTRENSE - UNIAO LEIRIA	74	22	14	8	2	2	

a) Nos termos do Art.º 102.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
1x1 111 111 2111

NOTÍCIAS E FACTOS

TENIS DE MESA: no Torneio de Abertura desenrolado em Alcantarilha, Armação de Pera e Algôz (Algarve) evidenciaram-se Jorge Beldade, Daniel Sancho, Fernando Sousa, Casimiro Mendonça e José Manuel Costa.

BASQUETEBOL: sem qualquer derrota (e batendo, no último jogo, o Nacional por 53-36) a equipa feminina do Internacional prolongou o seu reinado regional. A seguir classificaram-se as representações do Sporting, Algés, Nacional, Benfica e Encarnação.

JOGOS OLÍMPICOS: o Canadá orçou a competição de 1976 num mínimo de 8 milhões e 600 mil contos.

NATAÇÃO: aprovado oficialmente o projecto de tanques para aprendizagem com as medidas de 12,5 x 6 no que vão ser construídos em diversos estabelecimentos de ensino.

HIPISMO: enquanto se prepara para uma homenagem ao duque de Edimburgo (por ocasião da sua próxima visita a Portugal) a Federação Equestre escolhe novo elenco directivo. Nomes: dr. Augusto Sá Viana Rebelo, dr. Basílio Orta da Franca, Jorge Marques Ferreira e José Afonso Palla (Congresso); eng.º Branquinho da Fonseca, eng.º Sommer de Andrade, Luís Leiria Pinto, ten-cor. Alvaro Sabbo, Manuel Possolo e eng.º José Lebre (Directão); D. Luís Margaride, dr. Mendes de Almeida e eng.º António Trigo de Sousa (Conselho Fiscal); brigadeiro Henrique Calado, cor. Joviano Ramos e ten-cor. Jorge Mathias (Conselho Técnico); dr. Sollari

Allegro, Raul Pais e António Oliveira Monteiro (Conselho Jurisdicional).

XADREZ: no torneio promovido pelo Clube do Laranjeiro destacaram-se António Jacinto, Fernando Duarte, Ludgero Alves, Joaquim Barahona, Mário Dorez, José Viegas, Joaquim Serrano, João Marques, Alcino António, Cândido Santos, António Santos, José Santos, José Grade, Alvaro Alves, Silva Pereira, Carlos Sobral, Vítor Madeira, Humberto Martins e Henrique Mateus.

GOLFE: marcados para o Estoril o campeonato internacional de amadores (homens e senhoras) que se desenrolará de 22 a 25 de Março e o campeonato da Europa (por equipas de amadores) entre 28 de Junho e 1 de Julho.

HOQUEI EM CAMPO: Benfica A-Futebol Benfica A, Hóquei Clube de Portugal-Benfica B e Palmense-Futebol Benfica B são os encontros indicados para o próximo domingo, dentro do calendário do «Torneio de Abertura».

HALTEROFILISMO: Nedelcho Kolev estabeleceu, em Sofia, novo «record» mundial de juniores, na categoria até 75 quilos, com 142 quilos no «arremesso». O anterior «record» já lhe pertencia, com menos um quilo e meio.

VELA: no torneio da Associação Portuguesa da Classe 420, realizado durante o mês de Janeiro, 15 tripulações obtiveram saliência especial. Nomes das duplas pela escala de valores: Francisco Lufinha-Filipa Reis, Goulartt Branco-Mi-

quel Alves, António Matta-António Faria, Vítor Teodoro-Francisco Mourão, João Cabral-Luís Trabuco, Augusto Roque-Lino Apóstolo, João Faria-Azevedo e Silva, Jean Vigny-Cristophe Vigny, Oliveira Braz-Luís Faria, Carlos Poppe-Frederico Valsassina, Manuel Ricciardi-Domingos Andrade, Helena Salema-Carlos Salema, João Capucho-António Manno, João Galvão-António Janeiro e Vasco Teixeira-Cristina Teixeira

MORTE: o campeão nacional de carabina e membro da equipa olímpica de tiro das Filipinas há vários anos, tenente Adolfo Feliciano, morreu quando um avião ligeiro em que viajava se despenhou. Seis pessoas, incluindo o comandante dos fuzileiros navais das Filipinas (comodoro Rudiard Brown) perderam a vida no desastre que ocorreu na província de Bataan, a noroeste de Manila.

PESCA DESPORTIVA DE RIO: a Associação Regional de Abrantes prepara-se para escolher, a 11 do corrente, a gerência-1973. Nomes indigitados: ASSEMBLEIA GERAL — dr. José Brito Ribeiro Vasco, capitão António da Rosa Batista, Gabriel Pinhão Fidalgo e Francisco Sousa. DIRECÇÃO — José da Silva Graça Vieira, Fernando Alves Taborda, Benito Augusto da Silva Neves, Eduardo Correia Campos, Augusto Esteves Carrilho, Abílio Lourenço Monteiro, Alexandre Silva Paulo, Manuel Gueifão Galriça e Francisco Fortunato. CONSELHO FISCAL — Amadeu Vasco, Luís Corte Real de Almeida e José Luís Fernandes Batista. CONSELHO TÉCNICO



As basquetebolistas do Internacional, campeãs lisboetas. O treinador da equipa é o jornalista Vítor Hugo

Arménio Stoffel Lemos, Manuel Moutoso Miranda, João Camarinhas dos Reis, Francisco da Silva Brás e Telmo Silvério Teixeira Pereira. CONSELHO JURISDICIAL — DRS: Ilídio Lopes Lizardo, Manuel dos Santos Machado e Francisco Correia Semedo

HÓQUEI EM PATINS: a equipa do Malhagale (Lourenço Marques) disputa em Joanesburgo, um torneio da modalidade com as equipas lusosul-africanas do União, do Novo Mundo e do Hot Spurs (esta da cidade do Cabo) nos dias 23, 24 e 25 do corrente. Sabe-se também que no mês de Março o União de Joanesburgo vai organizar outro torneio semelhante, devendo ser convidada para nele participar a equipa do Ferroviário de Lourenço Marques.

ESTORIL: a taça «Stafford» («Greensome») pares-mistos, por pancadas com abono, forneceu a seguinte ordem classificativa: Marisa e Fernando da Costa Cabral, Colette e J. D. Hanley, Kristine e Toresten Hallerstrom, Carmen e Pedro Mantero, Pina e Renato Romanini, A. Kristine e Nils Marcusson, Maria Luisa e Rodrigo Bivar, Annamaria e Gianni Braito, Vera Lennox e Brodie Lennox, Fi e A. Field-Johnson, Lois e Robert Erly, Helen e T. C. Smith, Glória e Friedrich von Rumohr, Maria e Justo Caraballo, Tereza e João Salazar de Sousa, Charlotte e Erland Redlich, Flora e Leon Stafford, Maria Cristina e Paul Lambert, Monica e Ulf Hagenfeldt, Harriet e Ulf Bjorkman e Gudrum e Lennart Koster.

DESISTÊNCIA: a cidade norte-americana de Salt Lake retirou a sua candidatura aos Jogos Olímpicos do Inverno de 1976. Isto significa que os jogos vão ser na Europa: em Innsbruck (na Austria), em Tampere (na Finlândia) ou em Chamonix (na França).

ANDEBOL: prossegue, este fim-de-semana, o campeonato nacional da segunda divisão. Calendário para sábado: SP. Braga — Des. Portugal, Vitória Guimarães — Maia, B.º Latino — Vila Real, C.D.U.P. — Padroense, S. Mamede — Inf. Sagres, SP. Espinho — Sanjoanense, Mineiros — Conimbricense, Marinhense — Académica, Encarnação — Oriental, Naval Setubalense — Passos Manuel e Espírito Santo — Boa Hora.

Jogos para domingo: Braga — Maia, Vitória Guimarães — Des. Portugal, C.D.U.P. — Inf. Sagres, S. Mamede — Padroense, Mineiros — Académica, Marinhense — Conimbricense, Marinhense — Academia Militar, Badminton Clube de Portugal, Clube de Badminton de Lisboa, Clube Internacional de Futebol, Ginásio Clube do Sul, Desportivo da T.A.P., Desportivo da S.I.P.E., Dramático de Cascais, Lisboa Ginásio e Benfica.

cense, Ima — Vendedores de Jornais, Espírito Santo P. Manuel e, Naval Setúbal — Boa Hora.

BADMINTON: campeonato regional do sul (3.ªs categorias) nos dias 15, 17, 18, 19, 23 e 24 do corrente. Participan-

tes: Academia Militar, Badminton Clube de Portugal, Clube de Badminton de Lisboa, Clube Internacional de Futebol, Ginásio Clube do Sul, Desportivo da T.A.P., Desportivo da S.I.P.E., Dramático de Cascais, Lisboa Ginásio e Benfica.



SEXO FRACO TAMBÉM SE EXALTA

É verdade que sim: o sexo (chamado) fraco também se exalta e provoca confusões. As imagens confirmam a ideia, faltando apenas referir que as cenas se passaram em Madrid,

durante um encontro de basquetebol feminino entre as equipas do Real Madrid e do Gernona. Não concordando com uma decisão dos árbitros, «nuestras hermanas» não esti-

veram com meas medidas: vá de discutir «acaloradamente», chegando a pôr em jogo a integridade física dos juizes de campo. Que (até) eram do sexo forte...

PELÉ VIAJA COM O SANTOS

O Santos (com Pelé) encontra-se em Nova York de onde segue para Sidney (Austrália) onde realiza o seu primeiro jogo desta excursão amanhã, contra uma selecção local.

A equipa joga depois em vários países: Arábia Saudita, Koweit, Escócia, Inglaterra, Alemanha Ocidental, França,

Bélgica e Holanda. O regresso está previsto para 10 de Março. Seguem na delegação, além de Pelé, os «internacionais» Carlos Alberto, Cláudio, José Carlos, Clodoaldo, Jair da Costa, e Edu, entre os jogadores.

O total de jogos é de 13 o que renderá ao Santos um milhão e meio de cruzeiros, com cada jogo entre 20 e 22 mil dólares.

Um terço deste dinheiro será para Pelé, que não está em boas relações com a direcção do Santos.

O Santos foi obrigado a cancelar três jogos no Nordeste do Brasil onde Pelé, pelo contrato, receberia 10 mil cruzeiros por desafio, mas achou pouco e disse «que não», por não estar em boas condições físicas.

ATLÉTICO—SPORTING

21.ª Jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão

DOMINGO — 4 DE FEVEREIRO
(TAPADINHA ÀS 15 HORAS)

DIA DO CLUBE: Avisam-se todos os Sócios que, devem adquirir o respectivo bilhete com a máxima antecedência para evitar aglomerações na hora do jogo.

ANÁLISES CLÍNICAS DE URGÊNCIA

CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS

DR. FERNANDO TEIXEIRA

R. Rodrigues Sampaio, 30-A-3.º, esq. — Lisboa

Com início em 1 de Fevereiro, serviço permanente, diurno e nocturno, incluindo Sábados, Domingos e Feriados

Colheitas domiciliárias

Chamadas pelos telefones 555527 - 555561

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO	Elect. Compra	Venda
Cons 2 3/4	452\$	452\$
Cons 3 1/2	—	491\$
Cons 3 1/2	—	577\$
Centenários	—	—
Tes 5 % 57	1.001\$	1.001\$
Tes 5 % 59	—	1.001\$
Extern 1 a s	—	629\$
Extern 1 a c	—	631\$
Extern 3 a s	—	730\$
Extern 3 a c	—	—
Caut 3 a s	—	185\$

FUNDOS PÚBLICOS	Elect. Compra	Venda
A Lx 6 %	—	950\$
C M L 5 3/4	—	—
C P 5 5/8	980\$	980\$
C P 5 5/8	980\$	980\$
C P 5 5/8	—	—
Corr 5 3/4 %	—	985\$
Met 5 3/4 %	—	1.015\$
Tur 5 3/4 %	—	—
C P 6 3/4	—	1.035\$

ELECTRICAS	Elect. Compra	Venda
G 5 % 58	—	—
G 5 % 59	—	—
G 5 % 62	—	950\$
G 5 % 63	—	965\$
G 5 % 64	—	—
G 5 % 65	—	—
G 6 % 67	—	960\$
G 6 % 69	—	950\$
G 7 % 71	—	—
H E C 5 %	—	750\$
H E C 5 %	—	955\$
H E C 5 %	—	—
H E D 5 %	—	770\$
H E D 5 %	—	970\$
H E N P 5 %	—	—
H E S E 5 %	—	—
H E S E 5 %	—	—
H E Z 5 % 57	—	—
H E Z 5 %	—	920\$
N Elec 5 %	—	—
N Elec 5 %	—	980\$
Termoelec 5 %	—	750\$
U E P 5 % 60	—	750\$
U E P 5 % 63	—	—
U E P 5 %	—	—

DIVERSAS	Elect. Compra	Venda
A P T 5 % 56	—	—
A P T 5 % 58	—	—
Lisnave 6 %	—	950\$
Nitratos 60	—	850\$
Pet. 2 a 3 a	1.030\$	1.025\$
Sacor 7 %	—	—
Sacor 5 % 54	—	—
Sacor 5 % 60	—	—
Sid 5 % 2 a	—	—
Sid 5 % 3 a	—	—
Sid 5 % 4 a	—	—
Socel 5 %	—	—
U. Fabril 67	—	935\$
U. Fabril 68	905\$	905\$ 910\$

ULTRAMARINAS	Elect. Compra	Venda
Carbonil 5 %	—	700\$
Rev 5 % 57	—	700\$
Rev 5 % 59/60	—	—
Moçamb 5 %	—	535\$
Sonete 5 %	—	820\$

ACÇÕES	Elect. Compra	Venda
De Bancos		
Agricultura	4.650\$	4.650\$ 4.680\$
Alentejo	2.150\$	2.140\$ 2.160\$
Angola	4.500\$	4.490\$ 4.500\$
Cred Predial	5.350\$	5.350\$ 5.400\$
Esp Santo	15.900\$	15.900\$ 15.950\$
Forçento	4.530\$	4.500\$ 4.550\$
F. Burnay	74.500\$	74.000\$
N Ultr m.	6.200\$	6.150\$ 6.250\$
N Ultr c	8.400\$	8.350\$ 8.450\$
Portugal n	—	5.000\$ 5.200\$
Portugal p.	7.800\$	7.500\$ 8.000\$
P Atlântico	15.450\$	15.400\$ 15.500\$
Totta Açores	7.550\$	7.500\$ 7.550\$
Algarve	2.950\$	2.930\$ 2.970\$
Borges & Irmão	7.800\$	7.050\$ 7.080\$
Pinto & Sotto Mayor	15.000\$	15.000\$ 15.100\$

J. BURNAY, LD^a

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

	25-1-73	31-1-73	1-2-73
GERAL	257,2	260,5	258,7
METROPOL	265,2	270,9	270,0
ULTRAM	198,4	184,0	184,3

De Seguros	Elect. Compra	Venda
Alentejo	495\$	495\$ 500\$
Bonança	—	14.000\$
Imperi	—	38.000\$
Mundial	2.510\$	2.500\$ 2.510\$
Soberana	7.790\$	7.790\$
Tranquilidade	—	—

Electricas	Elect. Compra	Venda
C P E p	1.129\$	1.127\$ 1.130\$
C P E n	—	1.100\$
E Beiras	1.840\$	1.830\$ 1.850\$
G Elec c	347\$	344\$ 348\$
H E A A	—	174\$
H E N P	—	250\$ 260\$
H E S E	1.800\$	1.750\$ 1.850\$
U E P	178\$	— 178\$

Ultramarinas	Elect. Compra	Venda
Ag Casseque	980\$	980\$ 990\$
Ag Incomati	—	1.900\$ 2.200\$
Ag S T e P	—	—
Ag Angola	1.640\$	1.640\$ 1.660\$
Alg Angola	230\$	230\$
Ang Agric	—	700\$
Boror	220\$	— 220\$
Boror Com	75\$	— 75\$
Buzi	89\$	83\$ 89\$
Cabinda	—	—
Com Lobito	655\$	650\$ 700\$
D A T 100	2.200\$	2.180\$ 2.250\$
H E Revue	—	520\$
I do Princ	—	—
Moçambique	360\$	350\$ 380\$
Sonete n	—	—
Sonete p	405\$	405\$
Zambeia	—	—

Diversas	Elect. Compra	Venda
Ag Lx ant	—	—
Ag Lx 34	—	640\$ 680\$
Ag Lx 36	—	—
Cel Guadiana	—	5.100\$ 5.500\$
C Leiria p	17.900\$	17.800\$ 17.900\$
C Tejo p	48.000\$	48.000\$ 49.000\$
F Ramada	—	1.350\$ 1.440\$
Fornos Elect	290\$	290\$ 295\$
P Celulose	5.320\$	5.320\$ 5.350\$
Siderurgia p	6.900\$	6.850\$ 6.900\$
Siderurgia n	—	3.900\$ 4.000\$
Socel	4.300\$	4.250\$ 4.300\$
Cidla	9.100\$	9.100\$ 9.200\$
C U F	3.700\$	3.700\$ 3.750\$
Intar	605\$	605\$ 608\$
Nitratos	1.220\$	1.220\$ 1.240\$
Petroquímica	1.110\$	1.100\$ 1.120\$
Sacor	5.160\$	5.150\$ 5.170\$
Tab Portugal	—	6.300\$ 6.500\$
Tabaqueria	—	12.100\$ 12.300\$
U F Azoto	880\$	880\$ 890\$
Empor	350\$	340\$ 350\$
Ind Aliança	—	—
I P Colón	1.350\$	1.320\$ 1.350\$
Nac Naveg	—	4.000\$
Naveg (Col.)	—	—
P. Pesca	1.250\$	1.220\$ 1.300\$
Matut	2.200\$	2.200\$ 2.250\$
R Marconi	1.800\$	1.750\$ 1.850\$
TAP	1.215\$	1.215\$ 1.220\$
Compal	650\$	650\$ 700\$
Salvor	—	1.500\$ 1.600\$
Penina	—	1.870\$
Lisnave	14.250\$	14.200\$ 14.300\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS	Elect. Compra	Venda
Atlântico	—	—
F I D E S	—	194.00 199.80

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	30\$50	33\$50
Alemanha Marco	8\$30	8\$60
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$80	27\$40
Argentina Peso Novo	—	—
Austria Schilling	1\$16	1\$21
Belgica Franco	\$585	\$615
Brasil Cruzeiro	\$350	\$430
Canada Dólar	25\$80	26\$50
Dinamarca Coroa	\$360	\$400
Espanha Peseta	\$41	\$43
França Franco	\$510	\$540
Holanda Florim	\$815	\$845
Inglaterra Libra	62\$00	65\$00
Itália Lira	\$04	\$044
Marrocos Dhran	\$500	\$550
Noruega Coroa	\$390	\$420
Suecia Coroa	\$550	\$580
Suiça Franco	7\$00	7\$25
Ouro	—	—
Inglaterra Libra Isabel	485\$00	515\$00
Inglaterra 1/2 Libra	620\$00	660\$00
Ouro fino Barra	56\$50	60\$50

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Prça D João da Câmara 18 - Telef 328045
Rua do Ouro 52 - Telef 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)
Noite de Teatro

«AS TRÊS BARCAS»

A RTP volta a apresentar esta noite na rubrica Noite de Teatro a peça da autoria de Gil Vicente «O Auto das Barcas»

2.º Programa
Foi êxito na TV
«Os Aldrabões»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa	1.º Programa
1.º Período	1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados	12.45 Abertura
13.00 Vária	13.00 Feminino singular
13.15 «Por Favor Não Comam Os Mal-mequeres»	13.15 «Arne»
13.45 Telejornal — 1.ª edição	13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com	14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite	14.15 Logo à noite
2.º Período	2.º Período
14.40 Ciclo preparatório TV	14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa — educação musical	19.00 TV educativa — física moderna
19.30 Telejornal — 2.ª edição	19.30 Telejornal — 2.ª Edição
19.45 «Woodbina»	19.45 TV palco
20.15 Sangue na estrada	20.15 Cartaz TV
20.30 Há só uma terra	20.30 Expedição — O Castor — protecção à espécie
20.35 Presença do passado	20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal — 3.ª edição	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de Teatro — As Três Barcas de Gil Vicente	22.05 «Os Homens de Shiloh»
23.25 Museu do Cinema	23.30 Telejornal — 4.ª edição
23.45 Telejornal — 4.ª edição	23.35 Meditação e fecho
00.00 Meditação e fecho	
2.º Programa	2.º Programa
20.30 Abertura e desenhos animados	20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com	20.45 Vária
21.00 «Por Favor Não Comam Os Mal-mequeres»	21.00 «Arne»
21.30 Telejornal — 3.ª edição	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV — «Os Aldrabões»	22.05 Variedades
22.50 Concerto	23.00 Encontro com o mundo — Concluído no exílio
23.35 Fecho	23.35 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	86 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	56 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Comboios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco a moderado de Noroeste e chovia ou caíam chuviscos em alguns locais de Norte e Centro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12.º
P. DOURADAS	3.º
COIMBRA	11.º
PORTALEGRE	6.º
LISBOA	11.º
FARO	11.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira

Máxima

15.º

Penhas da Saúde

Mínima

1,8.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar

14,2.º

Atmosfera

9.º

MARÉS DE HOJE

PREA-MAR	BAIXA-MAR
3.04 3,5 m	8.45 1,2 m
15.30 3,4 m	20.55 1,2 m

Dia 2

3.43 3,7 m	9.21 1,0
16.06 3,5 m	21.31 1,0 m

Dia 3

4.19 3,8 m	9.55 0,9 m
16.40 3,6 m	22.05 0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado e vento moderado de Noroeste; períodos de chuva fraca ou chuviscos; possibilidades de neblina nos vales e terras baixas.

AMANHÃ

NASCE ÀS 8.42

OCASO ÀS 19.00

Dia 3 | Dia 10 | Dia 17 | Dia 25

radio

EMISSIONA 1. PROGRAMA

16.00 Ao encontro da melodia	21.20 Tempo Literário.
16.30 Convívio, programa da Juventude	21.45 Música sinfónica
18.05 A convidada de hoje: Roberta Flack	22.00 Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa
18.20 Espectáculo de Teatro, por Figueiredo de Barros.	23.00 Emissão em línguas estrangeiras
18.40 Música portuguesa	01.15 Fecho
19.10 Zarzuelas	
20.00 Diário sonoro	Programa estereofónico — MF2
20.20 O Conjunto Curved Air.	21.00 Música ligeira variada
20.30 18.º episódio do folhetim «A Herdade Florida»	22.00 Octeto em lá maior D. 803, Op. 166, de Schubert, pelo Octeto de Munique
20.50 Melodias	23.05 Coros de ópera: Steuermann
21.00 Momento 73	23.25 Obras de Bach e Mozart
21.20 Música só música.	00.10 Sinfonia n.º 9, em mi menor, de Beethoven
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa.	01.00 Fecho
22.00 Guitarrradas pelo conjunto de Jorge Fontes.	
22.30 Ritmos de todo o mundo.	RÁDIO CLUBE
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia	Onda Média
00.30 Diário sonoro	16.00 Noticiário
00.45 Escala na madrugada, por Galiano Pinheiro	18.02/21.00 Programa «MQVIMEN-TO» (Realização de Fialho Gouveia)
02.00 Fecho	21.00/24.00 «QUADRANTE 2-9-0»
	21.03 Diálogo
2.º Programa	21.08 Serão musical
16.00 Que quer ouvir? , programa coordenado por Margarida Brandão	21.32 Impacto
18.00 Música portuguesa	22.30 Quando o telefone toca
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas	23.08 Mensagens bíblicas
20.00 Diário sonoro	23.22 Grandes orquestras
20.20 Música de câmara	23.30 PZX
21.00 Cena da loucura da ópera «Lucia di Lammermoor» de Donizetti	2.00 A noite é nossa
	6.00 Diário rural
	7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário	20.00 Divagando
16.04 Programa CDC	21.02 Boa noite em FM
18.02 O nosso programa	22.02 Programa à go-go
19.04 Vértice	23.00 Noticiário; programa à go-go (continuação)
20.00 Divagando	0.02 Em órbita dois
21.02 Boa noite em FM	1.02 Banda sonora Sonipol
22.02 Programa à go-go	2.00 Perspectiva
23.00 Noticiário; programa à go-go (continuação)	3.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário «Programa CDC»	20.00 Divagando «Genérico»
16.04 Programa CDC	21.05 Só-rádio
18.02 O nosso programa	21.35 Canções que foram êxito
19.04 Vértice	21.45 O arauto da verdade
20.00 Divagando	22.03 Variedades
21.02 Boa noite em FM	22.30 Quando o telefone toca
22.02 Programa à go-go	23.04 Clube da Juventude

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

Das 6.00 às 10.00 e das 22.00 às 2.00

RÁDIO VOZ DE PORTUGAL

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30

RÁDIO PENINSULAR

Das 12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA

Das 14.30 às 19.30

Teatros de serviço

LISBOA

TURNO 1-1 ATE AS 22 HORAS

AJUDA
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A (Telef. 636620)

ALCANTARA
Vieira da Rosa, R. Prior do Crato, 74 (Telef. 660137)

ALFAMA
Pereira, Rua do Paraíso, 98 (Telef. 863224)

ALMIRANTE REIS
Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (Telef. 45751)

ALVALADE
Sanez, Av. da Igreja, 31-C (Telef. 717505)

AREIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Telef. 731478)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Telef. 41845)

BAIXA
Valadas, Rua da Madalena, 235 (Telef. 872060)

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (Telef. 611454)

BENFICA
Ribeiro, Estrada da Luz, 199 (Telef. 780969)

CAMINHOS DE FERRO
Conceição, Calçada D. Gaspar, 30 (Telef. 381279)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Telef. 686640); Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (Telef. 682838)

CONDE REDONDO
Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 73 (Telef. 42239)

JANELAS VERDES
Pinheiro, Rua Presidente Ariaga, 16 (Telef. 691054)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)

MARQUES DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp, 52-C (Telef. 43409)

OLIVAS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais-Sul) (Telef. 313610)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395)

S. BENTO
Confiança, Praça das Flores, 59 (Telef. 690401)

S. PAULO
Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (Telef. 369120)

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Telef. 761035)

TURNO 1-2 TODA A NOITE

ALCANTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Telef. 630704)

ALTO DO PINA
Ibérica, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (Telef. 728277)

ALVALADE
Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (Telef. 721409)

AMEIXEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, (às Galinheiras) (Telef. 790969)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (Telef. 44995)

BAIRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94 (Telef. 321534)

BAIRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte 11 (Telef. 311216)

BAIXA

Brites Moita, Praça da Alegria, 27 (Telef. 321149). Corle, Rua de S. Nicolau 93 (Telef. 325378)

BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193); Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Telef. 638193)

BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (Telef. 704828)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua Maria Pia, 358-A (Telef. 686176)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Telef. 684424). Rua Maria Pia, 358-A (Telef. 686176)

ENTRECAMPUS
S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (Telef. 771469)

ESTEFÂNIA
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (Telef. 534027)

ESTRELA
Tagus, Praceta da Rua Posidónio da Silva, 162-A (Telef. 669485); Rodrigues e Aires, Rua da Lapa, 54 (Telef. 662246)

GRAÇA
Branquinho, Rua de Sapadores 87 (Telef. 842725)

INTENDENTE
Intendente, Largo Pina Manique, 50-51 (Telef. 47838)

LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Telef. 794174)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (Telef. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

DEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430691)

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)

MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (Telef. 260087)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170); Nova, Est. de Alvide Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303); Helenica, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Telef. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)

QUELUZ
Correia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906); Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045)

CACÉM

Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS

Quima, Est. de Mem-Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA

Marráz, L. Afonso de Albuquerque (Telef. 980058)

COLARES

Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA

Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Telef. 271297)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224141)

BARREIRO

Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2273035)

COVA DA PIEDADE

Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239129)

MONTIJO

Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)

SESIMBRA

Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETÚBAL

Oliveira, L. da Misericórdia (Telef. 22488)

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 3 (Telef. 2218560)

PORTO

2.º TURNO

SUB-TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73. Contumil, Rua de Contumil, 540. Guerra, Rua Costa Cabral, 43. Guimarães, Rua de Francos, 37. Lemos e Filhos, Lda. Pr. de Carlos Alberto, 31. Liga Ass. Soc. Matos, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A. Moreno, Lda., Largo de S. Domingos, 44. Sani, Rua do Paraíso, 214. Serpa Pinto, Rua de Serpa Pinto, 645. Vasques, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO J

Machado, R. Bernardo de Albuquerque (Telef. 23767); Sitália, Largo da Sé Velha 13-14 (Telef. 23234); Luciano e Matos, R. da Sofia, 7-11 (Telef. 22147)

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision — Um filme de Richard Fleischer com George C. Scott OS CENTURIÕES DO SÉCULO XX
Hoje às 18.30
Grupo B (10 anos)
CHARLY com Cliff Robertson e Claire Bloom.

SATELITE (Tel. 555131)

15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
A obra prima de Jean Renoir baseada no romance de Emile Zola «A FERA HUMANA» com Jean Gabin e Simone Simon

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª semana — Por amor a César por amor a David — Entre dois amores... Rosalie CÉSAR ET ROSALIE com Yves Montand e Romy Schneider (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30-18.30 e 21.45
Grupo C - 14 anos
Um filme de André Delvaux «ENCONTRO EM BRAY» (Rendez-vous à Bray) com Anna Karina, Mathieu Carrière. (Metro: Alameda)

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Joseph Cotten e Anne Baxter num filme de Orson Welles «O 4.º MANDAMENTO»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Uma adolescente... os sonhos a imaginação... o amor! «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani e Mauriel Catala. Amanhã e Sábado às 0.30 H. Cinema fora de horas PONTO DE ENCONTRO — Grupo D (18 anos)

ROMA (Tel. 727778)

15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
«A GUERRA ENTRE HOMENS E MULHERES» Barbara Harris e Jack Lemmon

LONDRES (Tel. 731313)

14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 11.ª Semana
A Estrela do ano «Liza Minnelli» «CABARET» (A Deus Be-lim) Snak-Bar-Pub The Flag O melhor encontro gastronómico

ROYAL (Tel. 865037)

15.00 e 21.00
Grupo B (10 anos)
Cantafins em O CATEDRÁTICO. Em complemento BATALHA SEM REGRESSO.

EDEN (Tel. 320768)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«CHEGA-LHE... AMIGO» com Bud Spencer e Jack Palance Technicolor-scope

BERNA (Tel. 7776098)

15.15 - 18.30 e 21.45
Eastmancolor-2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
Duas horas de grande cinema «PERSEGUIÇÃO» Um filme de René Clement

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
A CONSPIRAÇÃO em complemento A VIÚVA QUE NÃO CASOU (Metropolitano: Arcoiros - P. Chile)

TIVOLI (Tel. 50595)

15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido — Nem tudo na estalua estava certo... A ESTALUA com David Niven e Virna Lisi

CASINO (Tel. 26462/26498)

17.00 e 21.30
Grupo D 18 anos
A CAVE

AVIZ (Tel. 47163)

15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
53.ª Semana «Record» de exibição em Portugal «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color - Scope

CONDES (Tel. 322523/326710)

21.45 — NOITE DE ESTREIA
UM CASO DE URGÊNCIA (A case of Murder) o filme de Blake Edwards com James Coburn e Jennifer O'Neill
14.15 - 16.30 e 18.45
Grupo D (18 anos) A CÔLERA DE DEUS

LYS (Tel. 48560)

15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«DRACULA, O PRÍNCIPE DAS TREVAS» e em complemento «O ESTRANHO CASO DO INSPECTOR MAX» (Metropolitano - Intendente)

MUNDIAL (Tel. 538743)

18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Virna Lisi, Maurice Ronet e Annie Cordy vivem uma apaixonante história de amor! «UM GATO NA RATOEIRA» Alta comédia colorida de Sergio Gobbi. A noite musical de fundo por Jorge Fontes e a sua guitarra

APOLLO (Tel. 763319)

15.15 - 18.30 e 21.45
6.ª Semana - Technicolor
(Grupo D - 18 anos) - Genial «O GRANDE CONQUISTADOR» Com Wood Allen
Hoje às 24.00 Horas
Clássicos à meia-noite
Grupo D (18 anos)
AL CAPONE com Rod Steiger e James Gregory

S. JORGE (Tel. 54153/4)

21.30 — Hoje ESTREIA
OS CENTAUROS com James Coburn — Grupo C (14 anos)
15.15 e 18.15 últimas
MALPERTUIS — Grupo C (14 anos)

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) - grande êxito de James Garner e Lou Gossett (O JOGO DO AMOR) Novo conto do vigário.
Hoje Estreia Excepcional de mistério e Suspense As 21.45 ENTRE A LOUCURA E O CRIME. Grupo D (18 anos) Colorido. As 15.15 e 18.15 últimas
O JOGO DA COR (Grupo D (18 anos))

ODEON (Tel. 326283)

15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 9.ª Semana
Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJAS A MULHER DO DELICADINHO» Um escândalo em graça brejeira

VOX (Tel. 720808)

Hoje ESTREIA — As 21.45
Eastmancolor. Grupo D (18 anos) um filme de Jacques Deray — Um romance de François Sagan UM FRAIO DE SOL NA AGUA RIA
As 15.15 e 18.30 últimas
exibições do filme WILLARD. A man-são do terror com Berne Davison e Ernest Borgnine.

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Warnercolor Vicente Price em «MASCARAS DE CERA»

BARS BOITES RESTAURANTES DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21 h e das 22.30h às 05.00h.

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminia e Jose Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384

SANZALA — Dancing, Duo Ouro Negro e Conjunto Background Jantares e ceias até às 5 da manhã. Avenida Marechal Carmona, 2 (C Grande) Telef. 790177

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao lado de Redondo) Telef. 560538 Com variedades.

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167

CASEBRE — Rua da Barroca, 133 Telef. 369760. Encerrado aos domingos. Cantam: Carlos Barra, Declinda Rodrigues e Nazaré A 1.00h. convidado especial em tempo-show. Folclore pelos cinco topicos de Vila Franca de Xira. Tom Carvalhinho e Júlio Gomes

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552

SAN-PAYO — Bar-boite c/música constante. Aberto até às 5h da madrugada. Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422. (Ar condicionado)

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Topicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.

SOLAR DA HERMINIA — Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Telef. 320164

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946

FONTORIA — Dancing Musica constante Variedades internacionais. Praça da Alegria, 66 Telef. 35431.

PRÍNCIPE NEGRO — Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande Circo de Madrid»

TRINDADE

21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MARIA VITÓRIA

20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

GIL VICENTE

22.00 (18 anos)
«As Criadas»

CASA DA COMÉDIA

22.00 (14 anos)
«Alice nos jardins de Luxemburgo»

MARIA MATOS

21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»

VARIEDADES

20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»

CAPITÓLIO

21.45 (18 anos)
«Sexo, Nunca! Somos britânicos»

A. B. C.

20.45 e 23.00 (18 anos)
É o fim da macacada»

LISBOA/Cinemas

Olimpia
(14 anos)
«O Forasteiro invencível»

CINEARTE

21.30 (18 anos)
Verão 42»

PARIS

21.30 (18 anos)
«O Regresso de Sabata»

MAYER

21.00 (18 anos)
«Quem?»

PROMOTORA

21.00 (14 anos)
«Sartana desafia Sabata»

JARDIM CINEMA

21.30 (10 anos)
«Ringo e a sua pistola de ouro» e «Um buraco no céu»

MOSCAVIDE

21.00 (18 anos)
«O Amanhecer da Urso Maior»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS Stadium
21.30 (18 anos)
«Direito por linhas tortas»

OEIRAS

Oeiras-Cine
21.00 (14 anos)
«As 4 penas brancas»

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELÉF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

O 31 DE JANEIRO NO PORTO

PORTO, 1. Com o pedido de publicação recebemos da comissão organizadora das comemorações do 31 de Janeiro, no Porto, o seguinte texto:

«A comissão organizadora das comemorações do 31 de Janeiro, no Porto, decidiu realizar no sábado, dia 3, um jantar comemorativo da revolução de 31 de Janeiro de 1891.

O jantar, já autoriza-

do, terá lugar no restaurante «Cantinho» à Estrada Nacional N.º 1, em Grijó, pelas 20 horas.

Convidam-se especialmente todos os democratas que tinham bilhete-convite para a sessão pública.

As inscrições para o referido jantar poderão ser feitas na Rua Sampaio Bruno, 12-4.º, sala 2, ou pelo telefone 380330».

“Ajuste de contas” no atentado contra Augusto Lindolfo?

Tudo leva a crer que terá sido uma pistola-metralhadora FBP, provavelmente roubada em qualquer quartel ou instalação militar, a arma utilizada no atentado contra o ex-militante do Partido Comunista Português, Augusto Lindolfo, ocorrido anteontem ao começo da noite em Valadares-Gaia.

Embora continue internado, e em estado grave, no Hospital de Santo António do Porto, o autor de «O Tempo, o Mar e a Ria» foi considerado livre de perigo, após as intervenções cirúrgicas a que foi submetido.

TRAÍÇÃO

Presumindo-se que o atentado foi da iniciativa dos membros da A.R.A. (Acção Revolucionária Armada) antigos companheiros da vítima, as averiguações, confiadas inicialmente à Polícia Judiciária, passaram a ser orientadas pela D.G.S., que está, ao que parece a encaminhá-las para a detenção de Jaime Serra, considerado um dos presumíveis dirigentes daquele grupo armado do PCP.

Crê-se que era ele o condutor do «Volkswagen», azul ou verde, em que os dois autores do atentado se deslocaram (e puseram em fuga).

Augusto Lindolfo — actualmente com 40 anos — terá ingressado ainda jovem no Partido Comunista Português, onde desenvolveu larga actividade clandestina. Preso pela primeira vez em 1951, foi em breve libertado, voltando imediatamente à actividade partidária.

Voltou a ser preso em Abril de 1962, tendo sido julgado e condenado. Terminado o cumprimento da pena em 1967, regressou de novo à clandestinidade, já como membro do Comité Central do Partido. Encarregado da reestruturação do Partido no sul do país, foi capturado novamente em 1971.

Soubese posteriormente que Augusto Lindolfo terá repudiado na prisão as actividades políticas e que o ajuste de contas de ex-companheiros terá sido motivado por traição sua. Foi aliás aconselhado pelas autoridades a adoptar algumas medidas

de segurança pessoal, pois desde logo se terá posto a hipótese de que ele viesse a ser alvo da vingança dos militantes da PCP.

O QUINTO AJUSTE DE CONTAS

Conforme informação da D.G.S., este é o quinto ajuste de contas contra um «desertor» de organizações clandestinas e o primeiro em que foi utilizada uma pistola-metralhadora.

O primeiro ocorreu em Junho de 1950, em S. Gemil, também nas proximidades de Gaia, tendo sido eliminado Aurélio da Assunção Celorico, apontado como traidor do PCP; em Maio do ano seguinte em Belas, é abatido Manuel Domingos, o «Almoínhas», igualmente considerado traidor pelo Partido; em Julho de 1961 é executado também por traição José Miguel, antigo activista; em Novembro de 1965 foi a vez de Mário Mateus, considerado elemento provocador pela F.A.P. (Frente de Acção Popular), grupo marxista-leninista, dissidente do PC.

Esclarecido o caso de Santo Tirso

O marido de Maria Luisa Martins Machado, que no dia 16 de Dezembro foi assinada em Sobre Gai, perto de Santo Tirso, confessor, depois de mais de um mês de suspeitas que sobre ele recaíam, ter sido o autor do crime. No entanto, porque na altura das primeiras investigações, tanto Augusto Dias da Costa, confessa o assassino que era negociante de carnes em Santo Tirso, como sua amante apresentaram provas convincentes da sua não culpabilidade, foram postos em liberdade.

Com a confissão o crime não fica totalmente esclarecido. Os pormenores e pontos obscuros deverão ficar explicados com a reconstituição dos acontecimentos, já marcada para depois de amanhã.

EXPLOSÕES DE 31 DE DEZEMBRO

Criança ferida regressou a casa

Regressou a casa completamente restabelecida e com a vista recuperada, a menor Ana Paula da Conceição Costa de 10 anos que fora vítima da explosão de um dos petardos que deflagrou na tarde de 31 de Dezembro, com o fim de espalhar panfletos.

O irmão da Ana Paula, Jaime Armando da Conceição Costa

também foi atingido pela mesma explosão junto da estação Sul e Sueste. O Jaime Armando

continua internado no hospital D. Estefânia a recuperar dos ferimentos no corpo e na mão direita, tendo-lhe sido amputado um dos dedos. O seu estado é satisfatório devendo regressar a casa dentro de pouco tempo.

Relatório sobre a morte de Amílcar Cabral

DAKAR, 1 (F.P.) — O enviado especial do diário senegalês «Le Soleil» escreveu na quarta-feira que terminou os seus trabalhos e entregou as suas conclusões ao estado maior do PAIGC a comissão revolucionária de inquérito criada pelo alto comando guineu para investigar a respeito do assassinato, em 20 de Janeiro, de Amílcar Cabral, secretário geral do Movimento de Independência da Guiné Portuguesa e de Cabo Verde.

A comissão, diz o enviado especial, ouviu quinhentas pessoas, doze das quais são consideradas cúmplices activos e quarenta e três suspeitas.

A referida comissão compreendia membros da comissão central do Partido Democrático da Guiné, dirigentes do PAIGC e da Frelimo, os embaixadores da Argélia, do Senegal, de Cuba, da Tanzânia, do Zaire, da Nigéria, da Serra Leoa, da Libéria e do Egipto.

O enviado especial de «Le Soleil» diz que será nomeado novo secretário depois do funeral de Amílcar Cabral e depois de ter sido feita «uma campanha de informação e de desintoxi-

cação» entre as tropas do PAIGC.

Muitos acusados — escreve o enviado, disseram nos seus depoimentos que «estavam descontentes porque os caboverdianos tinham todos os privilégios e levavam vida dourada em Conakry em vez de estar na frente».

EM MEMÓRIA DE AMÍLCAR CABRAL

Seku Turé abriu ontem em Conakry perante 680 delegados de diferentes países e organizações um simpósio em memória de Amílcar Cabral.

No seu discurso, analisou as causas internas e externas que levaram ao assassinio do líder do PAIGC. No plano interno, fez uma crítica das contradições existentes dentro do partido.

Turé apresentou enfim soluções: intensificação da educação de massas e da alfabetização, luta contra a corrupção e a discriminação racial e religiosa, presença de um responsável político na frente e maior importância da frente interna que a da frente externa diplomática.

Mini - JORNAL

PLANO DE FOMENTO

Na sede da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, estão a decorrer os trabalhos de apreciação de relatórios especializados do IV Plano de Fomento. Na sessão de amanhã será apreciado o relatório sobre necessidades e áreas prioritárias de investigação para a indústria.

SERVIÇOS HIDRÁULICOS

Foi nomeado subdirector-geral dos Serviços Hidráulicos, o eng. Estevão Lamas de Oliveira, que, desde 1964, desempenhava as funções de director dos Serviços Fluviais da respectiva direcção-geral.

REUNIÃO DE BIBLIOTECÁRIOS

Os bibliotecários, arquivistas e documentalistas de Lisboa, reuniram-se mais uma vez na Casa da Imprensa, tendo escutado uma exposição do bibliotecário dr. Jorge Peixoto, que falou sobre as reuniões internacionais da I.F.L.A. e da F.I.D., realizadas em Budapeste no ano passado. Presentes as delegações de Coimbra e do Porto, que para aquele efeito se deslocaram à capital.

SERVIÇO METEOROLÓGICO

Na sede do Serviço Meteorológico Nacional, efectua-se no dia 7 mais uma reunião científica do pessoal técnico, durante a qual será escutada uma palestra do meteorologista prof. Alfredo Mendes, sobre a XIII Assembleia Geral da Comissão Sinológica Europeia (Brasov, Agosto-Setembro 1972) programa geral dos trabalhos e recomendações.

CURSO DE ARTES GRÁFICAS

Nas instalações da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, está a decorrer um curso experimental de artes gráficas com a frequência de 22 alunos e dirigido pelo dr. Guilherme Pires. Tem a duração de dois anos e inclui, além das disciplinas de especialização, várias matérias de cultura geral. O referido organismo concede subsídios didácticos aos mestres e alunos, bem como uma remuneração aos aprendizes, a título de gratificação e de estímulo.

ROTARY CLUBE DE LISBOA

O Rotary Clube de Lisboa efectua amanhã, às 13 horas, num hotel da capital, o seu habitual almoço-reunião, durante o qual o dr. William Jacobson, adido cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América, proferirá uma palestra sobre «Educação e Ensino nos Estados Unidos».

INVESTIGADOR DO I.N.I.I.

O director do Instituto Nacional de Investigação Industrial, eng. Torres Campos, conferiu posse do lugar de investigador daquele organismo, ao dr. José Manuel Mendes Correia, que desempenhava as funções de assistente.

— REUMATISMO ...
— DIABETES ...
— ARTERIOSCLEROSE ...

ALI-ZAFER

Um produto alemão em cápsulas de óleo de alho cru
Pedido de Literatura

PESTANA & FERNANDES, LDA.

Lisboa — Rua da Prata, 153, 2.º
Porto — Rua do Almada, 83-2.º-F

Exclusivos Triunfo

HOJE ESTREIA ÀS 21.45

Um filme de JACQUES DERAY / Um romance de FRANÇOISE SAGAN

com CLAUDINE AUGER · MARC POREL, BERNARD FRESSON

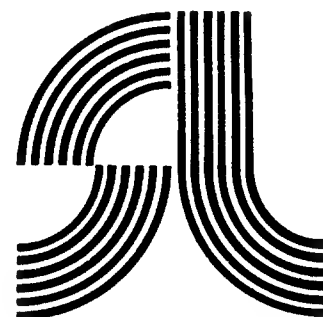
Música de MICHEL LEGRAND
Eastmancolor · Grupo D18anos

UM RAIOS DE SOL NA AGUA FRIA

- un peu de soleil dans l'eau froide -

O livro é editado em Portugal por LIVRARIA BERTRAND S. A. R. L.

SUPLEMENTO LITERÁRIO



Perrault e os "Contos da Crueldade"

CARTA ABERTA DE JOSÉ AUGUSTO SEABRA A ÓSCAR LOPES

Livros recebidos

EDITORIA ARCÁDIA

HISTÓRIAS COMPLETAS — vol. 2
Edgar Poe
Tradução de João Costa
Coleção Clássicos Universais

LIVRARIA BERTRAND

DIAS LAMACENTOS — 2.ª edição
Urbano Tavares Rodrigues
Prefácio de Sottomayor Cardia
Coleção Autores Portugueses

LIVROS DE AUTOR

O CORPO E A VOZ
Orlando Neves

LIVROS DO BRASIL

NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS
Gilberto Freyre
Tradução de Olívio Montenegro e Luiz de Miranda Cor-
reia
Coleção Livros do Brasil — n.º 85

UM NÚMERO À ESCOLHA

Anders Bodelsen
Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues
Coleção Vampiro — n.º 307

MORAES EDITORES

ESCRITO DE MEMÓRIA
Pedro Tamen
Coleção Círculo de Poesia — n.º 56

PORTUGÁLIA EDITORA

O CASAL A NU
Desmond Morris
Tradução de Jorge da Silva Melo
Coleção Contemporânea — n.º 24

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

O IOGA NO AMOR CONJUGAL
Suzanne Piuze e Lionel Gendron
Tradução de J. Fonseca
Coleção Biblioteca do Homem e da Mulher — n.º 19

A PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA

F.L. Mueller
Tradução de Maria Anelina Conde Rodo
Coleção Saber — n.º 58

BARRANCO DE CEGOS — 4.ª edição

Alves Redol
Prefácio de Mário Dionísio
Coleção Obras Completas de Alves Redol — n.º 9

Noticiário editorial

INICIATIVAS EDITORIAIS

Foi distribuído o primeiro fascículo da «História da Primeira República Portuguesa», obra dirigida por A. H. de Oliveira Marques, à frente de uma equipa de trabalho constituída por Arlindo Manuel Caldeira, Irene Serpa, José Mariz e Manuel Roque de Azevedo.

LIVROS DO BRASIL

«Novo Mundo nos Trópicos», de Gilberto Freyre, livro que foi publicado originalmente nos Estados Unidos da América do Norte, apresenta uma visão pessoal do Brasil e das suas potencialidades como nação, desenvolvendo uma análise original da realidade brasileira.

Anders Bodelsen surge pela primeira vez em Portugal, após uma carreira internacional fulgurante. O seu romance «Um Número à Escolha» foi editado em 14 países e adaptado ao cinema, na Suécia, num filme com a actriz Bibi Anderson, que obteve o maior êxito.

PORTUGÁLIA EDITORA

Esgotada em poucos dias a primeira edição, acaba de ser posta à venda nova edição do livro «O Casal a Nu», do conhecido zoólogo britânico Desmond Morris. Trata-se de uma análise de todas as formas do comportamento íntimo dos seres humanos, na linha de pensamento que domina toda a obra deste escritor e cientista: o reconhecimento de que o homem não é mais do que uma espécie animal submetida às mesmas leis biológicas dos outros animais, sendo este princípio igualmente válido no que respeita à sua vida afectiva.

UMA CONFRONTAÇÃO COM FREUD O OUTRO INCONSCIENTE

As teorias de dois espíritos fora do comum, Piaget e Freud, que transformaram a psicologia actual, encontram-se forçosamente em confronto quando se abordam problemas psicológicos de toda a ordem. E verdade que um e outro são genetistas e, num certo sentido, estruturalistas. A transformação que trouxeram a esta disciplina é tal que os psicólogos clássicos os consideraram heréticos e recusaram ouvi-los.

São dois homens de formação diferente: um, Piaget, saiu da biologia naturalista, onde encontrou as noções de estrutura e de dinâmica; depois, para o estudo da psicologia da criança, chegou aos problemas epistemológicos que eram, ao que nos parece, o seu alvo desde a partida; o outro, Freud, saiu da clínica neurológica numa época em que ela era o ramo mais exacto da ciência médica, e, por este facto, o mais estático e o mais tranquilizador; separa-se dela completamente para criar uma nova ciência, a psicanálise, e abre, assim, novos caminhos terapêuticos. Na origem ambos são, no entanto, biólogos; evolucionistas de doutrina, compreendem que o Homem não é, à nascença, um ser completamente feito, mas um ser em formação, cujas fases devem ser estudadas ao longo do caminho durante o qual ele se faz, fazendo-se.

O que impressiona sobretudo, no caso de Piaget, é a sua continuidade, a extrema coerência das suas investigações e da sua vida. A lógica da sua doutrina comporta um mínimo de contradições (embora, às vezes, essenciais). Freud, pelo contrário, depois dos primeiros trabalhos sobre a histeria, tenta, passo a passo, criar um corpo de doutrina, porém, na sua construção dinâmica, põe-se em causa constantemente, critica-se, reconsidera noções que julgava essenciais, reconstrói a sua doutrina. A sua coerência está no movimento das ideias, fruto de novas experiências. As diversas verdades são frequentemente utilizadas por este ou aquele dos seus alunos, que, ao fazer a sua exegese, encontram muitas vezes a confirmação das suas próprias exigências.

Se Freud foi, desde o princípio, rodeado de uma excessiva popularidade, fruto do escândalo, as suas teorias foram, seguidamente, prejudicadas por inqualificáveis simplificações, que não tiveram em conta a evolução da sua doutrina e valorizaram alguns dos seus princípios em prejuízo de outros. Piaget, pelo contrário, durante um longo período de trabalho intensivo e aprofundado, foi ignorado ou rejeitado. Quantos psicólogos clássicos ou experimentalistas criticaram os seus métodos «clínicos», que não apelassem unicamente para a noção quantitativa?

E difícil afirmar que Freud se tenha interessado pelos trabalhos de Piaget, a não ser no «congresso de psicanálise de Berlim», em 1922, a propósito do seu estudo sobre «o Pensamento simbólico e o pensamento da criança». Em contrapartida Piaget, por diversas vezes, de 1919 a 1923, refere-se ao pensamento freudiano, em especial em «A Linguagem e o Pensamento na Criança» (1923), quando distingue um pensamento dirigido, ou inteligência, e um pensamento não dirigido, autístico. Houve quem aproximasse estas duas noções dos processos primários e secundários da teoria psicanalítica.

E igualmente nesta obra que Piaget parece aceitar a noção de satisfação alucinatória, em-

bora mais tarde (1962) ponha em guarda contra a possível confusão entre a «representação alucinatória do objecto do desejo» dos psicanalistas e a sua noção «de imagem alucinatória».

Deve-se reconhecer que Piaget foi influenciado pela maneira de pensar psicanalítica nas suas obras: «A Representação do Mundo na Criança» (1926) e «O Julgamento Moral na Criança» (1932). Quando descreve dois tipos de realismo infantil, o realismo intelectual e o realismo moral, este último será aproximado por Odier do «Super-Ego» de Freud. Por outro lado, a «moralidade de constrangimentos», ou heterónima, e a «moralidade de cooperação», mais autónoma, aproximar-se-ia, segundo Nass, de certas concepções psicanalíticas presentes, abordando o problema por vias diferentes. Durante a conferência dos psicanalistas de língua francesa, em 1933, certas equivalências parecem salientar-se entre as duas doutrinas: importância da história da criança e dos estados libidinais, no caso de Freud, desenvolvimento do pensamento de certos sistemas ou esquemas dos quais se pode reconstituir a evolução, no caso de Piaget; irracionalidade e fraqueza do Ego da criança, onde predomina o processo primário, no caso de Freud, existência de formas infantis de pensar: adualismo, artificialismo, realismo, sincretismo, no caso de Piaget; Super-Ego freudiano, realismo moral piagetiano. Porém, deve-se dizer que, no seu relatório, Piaget não respondeu muito claramente ao apelo de R. de Saussure. Depois, no seu curso na Sorbonne (1954), referindo-se a «As Relações Entre a Afectividade e a Inteligência», podemos dar-nos conta a que ponto ele se afastara das preocupações psicanalíticas. De facto, de 1933 a 1945 mantém-se quase mudo relativamente ao problema psicanalítico.

Os psicanalistas, pelo contrário (Odier, Gressot, Anthony, Goin-Décarie e E. e J. Kestenberg, Nass, Wolff, Rapaport, Cobliner, Haynal, etc.), após os primeiros trabalhos de R. de Saussure (1926-1933), conhecem o pensamento de Piaget e tentam estabelecer correlações. Anthony considera que a teoria de Piaget é a única, fora da teoria psicanalítica, que é digna de uma séria atenção. Para Gressot e Rapaport, os modelos piagetianos confirmam, em grande parte, as hipóteses psicanalíticas sobre a estrutura e a génese do pensamento e do conhecimento. Alguns consideram os trabalhos de Piaget como complementares dos de Freud ou vice-versa; se outros se satisfazem com um certo paralelismo entre a obra de um e de outro, outros ainda, como Jacques Lacan, consideram que «a criança de Piaget, nas suas respostas aos enunciados, não traz nada mais do que aquilo que preside à sua enunciação com fins de prova».

Pela nossa parte, não acreditamos que se possam estabelecer equivalências entre as noções de pulsões de Freud e as noções energéticas de Piaget; existem diferenças extremamente importantes entre o ponto de vista de Piaget, sobre a organização do pensamento e as particularidades da relação sujeito-objecto; pensamos que a noção freudiana de objecto e a noção piagetiana de permanência do objecto não devem ser confundidas, mesmo que elas se possam completar, como querem certos autores, pois do mesmo modo que uma coisa persiste em si, do mesmo modo o objecto da libido não pode ser descrita no quadro de um sistema de coordenadas tempo-espaciais. Consideramos, por outro lado, que o problema da representação mental segundo Piaget e as noções psicanalíticas de imagens alucinatórias ou de fantasmas se situam a um nível diferente; do mesmo modo, o problema dos estádios de desenvolvimento ou dos níveis de desenvolvimento não é colocado num plano semelhante, respectivamente, no caso de Piaget e de Freud.

UMA PSICOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO COGNITIVA

Alguns censuram a Piaget o facto de afastar do seu sistema o drama humano, de fazer uma psicologia da organização cognitiva ou de não ter tratado no interior do cognitivo propriamente dito o que Flavell intitula «a cognição quente». A isto responde Piaget que a evolução afectiva parece solidária da evolução intelectual. Quando admite que na conduta relativamente aos objectos, o aspecto estrutural é constituído por estruturas lógico-matemáticas e a aspecto energético pelo conjunto dos afectos intra-individuais, é evidente que se encontra longe da doutrina freudiana. A estrutura cognitiva, como tal, não pode ser se-

parada da afectividade e dos investimentos. Pode-se, com efeito, de um ponto de vista freudiano, separar a afectividade da estrutura quando ela é não somente estruturante mas no estruturado; sem ela a estrutura não seria o que é; não poderia ser um devir de estruturas novas, a menos que se admita que a dinamogenia pulsional aparece e desempenha um papel quando das transformações, para desaparecer num período da organização e tornar-se matéria inerte no período de cristalização.

Piaget e Freud trouxeram noções essenciais ao conhecimento psicológico do Homem; a busca de compromissos correria o risco, parece-nos, de lhes tirar o sabor.

Como acabamos de ver, durante numerosos anos, Piaget não se pronunciou sobre a psicanálise. Em Dezembro de 1970, a solicitação da American Psychoanalytic Association, fez uma exposição sobre: «Inconsciente afectivo e inconsciente cognitivo». E neste trabalho (em «Raison présente», 1971, 19) que ele descobriu, como nunca o fizera, o fundo do seu pensamento sobre a psicanálise: problemas das estruturas, tomada de consciência da acção própria e recalques cognitivos, mecanismo de tomada de consciência, catarse e memória, problemas dos estádios.

O autor conclui que convém pensar desde já na fundação de uma psicologia geral que incida, simultaneamente sobre os mecanismos descobertos pela psicanálise e sobre os processos cognitivos, pois o género de comparações a que se entregou neste trabalho não passa de um começo e parece rico de promessas. Tal é, igualmente, a nossa opinião; nestas bases já adquiridas, está por fazer todo um trabalho sobre o desenvolvimento; grupos pluridisciplinares conjugarão os seus esforços não sobre várias confrontações ou exegeses, mas sobre a descoberta dos modos de evolução desse ser em transformação, polifonia de contradições, que, a partir de características gerais, fará de cada um de nós indivíduos particulares.

J. DE AJURIA GUERRA

ESCRITO DE MEMÓRIA

UM NOVO LIVRO DE PEDRO TAMEN

«Círculo de Poesia»

MORAES EDITORES

VERÍSSIMOS SÁLDAM

Sobretudo, gabardines, Marins, anoraks, calças, camisas, malhas, robes, e um grande sortido em casacos e blusões de cabedal e camurça para homem e senhora, e muito mais coisas do resto da Estação.

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

editorial
estúdios cor



JOSE RODRIGUES MIGUEL

o espelho poliedrico

Os homens vistos pelo espectroscópio do seu passado

editorial estúdios cor s.a.r.l.
Rua João Pereira de Rosa, 20 - A Lisboa 2 - Tel 326889

ERA UMA VEZ

Com mais frequência do que possa imaginar-se, deparam-se-nos lúcidos espíritos que recusam favorecer a criança com o encontro de fadas e prodígios. Depois do positivismo e sobretudo agora, em pleno desenvolvimento da Ciência, numerosos são os pais e os pedagogos que rejeitam violentamente essa linha, tomada por obscurantista. E já Leibniz se referia ao ressurgimento de «um gosto pelo maravilhoso e pelo erro». O sublinhado é meu.

Situando-me na posição oposta, tenho procurado pontos de referência em trabalhos alheios que, a mim, me parecem honestos e profundos.

(Assim me foi fácil entender que o Pai Natal simboliza ainda nos nossos dias os espíritos do lar, os deuses lares, que nas lendas criadas pela psique colectiva subiam e desciam pela chaminé, ligando o homem às forças do universo. Trunfo comercial afanosamente alimentado numa, e pela, sociedade de consumo, isso não impede de poder ser tomado como ralo vestígio de um arquétipo...)

Assim me foi fácil encontrar e beber nas fontes que me confirmam na ideia de que as crianças devem ter acesso ao Maravilhoso, de que as crianças a ele acedem naturalmente mesmo contra a vontade dos adultos, mas que, sendo os pais quem delas dispõem e quem lhes fornece o primeiro fermento, quando mais cedo o fizerem e quanto mais boa vontade puserem ao fazê-lo, mais certo será o desenvolvimento da sua imaginação, mais harmonioso e rico será o seu espírito. (Serão, pelo menos, maiores as probabilidades!)

E assim me surge o arriscado tema da literatura infantil: fogo desperto, de multiplicadas chamas, sobre o qual fervilha ininterruptamente qual sertão de ferro onde estaleja pura e apaixonada querela. — A dos que pensam dever dar à criança o Maravilhoso (incluindo situações absurdas, situações-limite, passíveis de provocar angústia) e a dos que, com tão boas intenções como esses, tomam a linha contrária, menos instintiva e mais colada às modernas regras da pedagogia.

Nasce esta reflexão de uma conversa a propósito da história de um elefante azul, escrita em intenção de crianças muito pequenas. Contou-me uma escritora especialista em literatura infantil, e também professora, que algumas colegas referindo-se ao livro lhe haviam feito um reparo: várias crianças, ouvindo as aventuras do elefante posto sôzinho diante do seu dia-a-dia na sociedade dos elefantes, e demais bichos, teriam perguntado: «E os pais? Onde estão os pais? Não voltam da viagem?» Aconselhavam pois a autora a acrescentar, numa outra edição, que os pais do elefantinho tinham voltado. Perplexa no primeiro momento, contudo não concordei. Não me parecia que o balanço das frases finais fosse favorecido se fosse alterado; o mais que se podia fazer, disse, era — talvez — anunciar a meio do conto que eles vinham a caminho.

Depois, continuando a reflectir no assunto, vi claramente que não, que a história deveria ficar como estava.

As crianças carregam ansiosas — que carregam inocentes, a ansiedade dos pais projectada nelas — o adulto narrador que acrescente o que lhe aprouver e o que melhor corresponder a cada qual. (De resto a história tem deliberadamente algumas passagens que procuram despertar a iniciativa do adulto, não intentando dei-

xá-lo passivo — nem ao pequeno ouvinte.)

E assim matutando passo da discussão havida sobre um modesto conto escrito em português, onde não aparecem grandes prodígios como não aparece a crueldade ou sequer se adivinha a maldade (dos outros, sempre dos outros, não é?), para o problema da literatura infantil, invocando, como não podia deixar de invocar, a literatura oral, os contos tradicionais e a herança que representam — herança que até hoje não me parece ter sido, em si mesma, contestada.

O seu a seu dono

Tomemos os contos de Perrault. E comecemos por recordar que os temas desses contos não são tipicamente franceses. Pertencem ao folclore mundial, e desde há séculos, há milénios, correm de boca em boca, tão familiares aos chineses como aos agípcios, aos hebreus como aos italianos e aos alemães.

Certos estudiosos vêem nos contos um «dialecto» da mitologia, um resíduo de velhos mitos solares, estelares, crepusculares, **Pele-de-burro**, **Cinderela**, **Barba-Azul** representariam outros tantos dramas cósmicos cujo verdadeiro herói seria o sol, a aurora, as nuvens, a noite, o inverno, o furacão.

Outra família de estudiosos, a dos orientistas, afirma ser a Índia a fonte de todos os contos de fadas; para eles a sua origem, porém, não se perde na noite dos tempos nem emana de velhos mitos. A maior parte teria por autores os primeiros discípulos de Budá, cujo ensino moral se entretinha de apólogos. Ao longo da Idade Média essas fábulas emigraram para o ocidente através de traduções árabes e hebraicas, e cada país as foi adoptando à sua maneira própria.

Nos livros que consultei é citado um etnólogo que evoca a etnologia para explicar os elementos sobrenaturais dos contos-restos, segundo ele, de uma formação primitiva. Estas histórias de ogres e de fadas, de animais que falam, de seres e objectos que se transformam por encanto, reflectem crenças e costumes anteriores a todas as distinções de raças, crenças há muito desvanecidas nas nossas sociedades, mas vivas ainda em certas tribos primitivas. Tratar-se-ia pois da expressão de ritos iniciáticos.

Seja como for, as histórias do tempo em que havia fadas parece terem sido confiadas à memória de gente simples, que as transmitiu em ininterrupta cadeia e num estilo naturalmente tosco. Um dos autores faz notar como se reconhece a marca da poética popular na simplificação das personagens (o príncipe de **Pele-de-Burro** é o melhor que há sobre a terra, o Capuchinho Vermelho é a mais bonita menina da aldeia, Cinderela herda da mãe uma **doçura e uma bondade sem par**, etc.) e chama a atenção para a tradição oral das repetições, que dão às histórias a cadência de um refrão, longínquo eco das formas poéticas de outrora que atravessam os contos.



Charles Perrault

Em França á Charles Perrault que, há três séculos, ao pegar num feixe delas, as transforma num clássico da literatura, e numa obra-prima que o tempo não marcou.

Convém não esquecer que quando Charles Perrault cai em desgraça após vinte anos de leais serviços a Colbert, por volta de 1680 e tal, ainda não aparecera editado nem o seu volume (que só vê a luz em 1697) nem, me parece, qualquer outro de género. As histórias de fadas tinham acabado por subir das aldeias e eram contadas havia muito pelos salões, impondo-se como moda que destronava aos poucos os jogos de maldizer, de «retratos» e de máximas. Leio que o próprio Colbert tinha na sua roda pessoas só com essas funções, a de lhe contarem histórias maravilhosas.

Luiz XIV, que aos sete anos, quando o afastam das saias da mãe e das mulheres da casa, chorava por não poder ouvir à hora do deitar os contos «de Peau-d'Ane», continuava a apreciá-los meio século mais tarde. E La Fontaine, em 1678 exclamava «Si Peau-d'Ane m'était conté j'y prendrais un plaisir extrême...»

O equívoco

Mas os contos tradicionais, ao contrário do que somos inclinados a pensar, dirigiam-se a um público adulto e não infantil.

As velhas fiando ao canto da lareira contavam-nos a uma assembleia de adultos — quantos deles forasteiros, e não a crianças que andassem por ali. Imagino algumas começando a prestar atenção, travando o seu bulício ou fingindo que dormiam... Talvez mais tarde as amas idas das remotas aldeias as contassem às crianças que embalavam. Parece certo, aliás, que Perrault tenha ouvido muitos desses contos à sua própria ama e às amas de seus filhos.

Estas histórias aparecem, a dada altura, em folhetos que eram vendidos nas feiras. Essa literatura «de cordel» viajava assim rapidamente graças aos bufanheiros e mercadores.

Algumas delas pertenciam a

primem a infância da humanidade, convém à infância propriamente dita.

E antes de chegarmos, como é fatal, à noção de arquétipo, pergunto: não é verdade que todos esses temas correspondem a misteriosas constantes da alma humana?

«O maravilhoso é, com efeito, um momento necessário da história dos géneros ou das técnicas literárias, mas é também outra coisa, mais longe de ser eliminado pelo progresso da ciência, renasce incessantemente das próprias cinzas, pronto a tomar sempre novas formas» — Escolho este parágrafo num exaustivo estudo de 500 páginas, e dele me sirvo como apoio à minha velha teoria. Mas há que ser honesta e completá-lo, porque Marc Soriano, prudente, acrescenta «A hipótese dos arquétipos surge-me como uma tentativa de simplificação e de explicação, respeitável justamente na medida em que reflecte uma necessidade fundamental da humanidade (...). Mas a maior parte dos trabalhos que partem desse conceito não se fundamentam em estudos históricos precisos».

Dize tu, direi eu

Num seu artigo que toda a gente leu no semanário «N.O.», afirma: «O Pequeno Polegar faz parte do nosso equipamento cultural de base. Temos desde sempre dentro da cabeça esta história que em nós ficou depositada a partir de antiquíssimas leituras e das narrativas feitas pelos nossos pais ou pelas professoras das classes infantis.»

E não é verdade? Não podemos nós subscrever a afirmação?

O facto é termos todos recebido das mãos da pressurosa

mos nas histórias maravilhosas que lemos em pequeninos, que quase todos, por nossa vez, demos a ler aos nossos filhos.

Ora a conclusão a que desde sempre cheguei é que não nos (lhes) fez mal nenhum...

A respeito de Perrault, Marc Soriano diz que depois de Marx, de Freud e de Proust sabemos muito bem que o artista (aqui inclui-se o adaptador) não cria com o seu eu do registo civil, ou das circunstâncias da sua vida, mas sim com um eu virtual e diferente, cria num outro universo que se encontra a igual distância entre os acontecimentos e a maneira como esse universo é sentido — e eu permito-me uma paráfrase e afirmo que também a criança quando lê (ouve) uma história, a não lê (ouve) com o seu eu civil mas sim com um outro eu e num outro universo.

Senão vejamos como poderiam pais normais darem aos seus filhos o conto do **Pequeno Polegar**, e como poderia uma criança pequenas «aguentar» a história em que o casal de lenhadores projecta ir perder os filhos na floresta (para que os lobos os comam)? Esta nota de os pais irem deliberadamente abandonar os filhos parece-me mais perturbadora ainda do que a ameaça de lobos ferozes ou de ogres castradores.

E na segunda parte da **Bela-Adormecida**, aquela avó-ogre que lambe os beiços ao evocar o manjar que o mordomo lhe servirá, os seus dois netos, Aurora e Jasmin, assados e regados com molho especial?

No conto dos Grimm, **Hansel e Gretel**, também aos pequenos leitores são oferecidos os pormenores dos preparativos em que a bruxa da floresta se agita para assar no forno os dois irmãos: Brrr.

Oh, mas esse pavor deve com certeza ter sido um atraente pavor, e esse arrepio, um gostoso arrepio...

A verdade é que tamanhos calafrios não me parecem, realmente, abalar o «soninho descansado» dos meninos a quem as avós, as mães, as velhas da casa, embalam, ao mesmo tempo que enxotam o Papão para cima do telhado. Ainda aí, o vulto negro, impreciso e ameaçador, lhes é amorosamente invocado por sobre as suas inocentes cabeças...

Pessoalmente sou capaz de recordar, e tornar a sentir, a paz de alma com que li a história do Pequeno Polegar. E todas as outras histórias maravilhosas. Mas da contradição que chega a encontrar na atitude dos que se acham preocupados com afastar dos pequeninos as evocações de semelhante «pavor» sem, me parece, cuidarem de investigar se eles, pequeninos, não virão obrigatoriamente a enfrentar a crueldade e o pavor na vida de todos os dias, dessa contradição, tentarei falar na próxima vez.

ISABEL DA NÓBREGA



«O Barba Azul», segundo uma gravura popular do princípio do século XIX

o processo contrário: é depois disso que passa a aparecer nos folhetos de cordel, e que surge, com algumas variantes, na literatura de outros países.

Aliás, para o autor dos «Contos da Mãe Ganso», as histórias tradicionais, porque ex-

família estas histórias a que chamarei «de crueldade». Pais desnaturados (quando não incestuosos), perversas madrazas, maridos tiranos, a luta angustiante, angustiada, do mais fraco para resistir ao mais forte, eis o lote com que depara-

ESTA ESTRANHA LISBOA

URBANO TAVARES RODRIGUES

Esta Lisboa mais que estranha, esta absurda Lisboa, poluída no ar, poluída nas águas, poluída nas palavras sem correspondência com as realidades, poluída pelos porteiros e... outros, que nem nos consentem a liberdade de não usar gravata; esta cidade onde a música, a pintura, as letras, as artes são adquiridas, não pelos que delas carecem, e sim por aqueles que não as sentem, mas com elas se adornam, pois tão mal pareceria sair à rua com calças mal vincadas e sapatos por engraxar, como não dar à linguagem o brilho utilitário de uma pomada de cultura; esta cidade onde crianças de dez anos começam a trabalhar e já não têm espaços verdes para brincar; esta Lisboa onde vem desaguar a população a quem os campos já não oferecem trabalho, chegando eles para a construção civil, e elas como clientes de **boutiques**, a fim de tornar mais **sexy** a mercadoria que à noite oferecem pelas ruas e pelas boites; esta cidade dos ratos de automóveis, dos assaltos a mulheres, em vãos de escada, à bolsa ou ao pudor, ou mesmo a ambos; esta cidade que começa a ser violenta e onde velhas trapeiras e quantos já nada receiam perder confiam às janelas na noite apagadas em indiferença de gente adormecida e aos guardas-noturnos a verdade que ninguém ainda se atreve a gritar; esta Lisboa, onde tudo tarda em chegar, tanto o bom como o mau, a exemplo de grandes metrópoles não tardará em ter os seus desesperados.

Disto nos fala Urbano Tavares Rodrigues, nos seus textos, que Gageiro ilustra com as suas fotografias, e onde a beleza literária é secundária em relação ao alarme que nos quer transmitir.

Porque esta Lisboa, que não serve os homens mas deles se serve, de automatização e de desumanidade, fatigante pelo trabalho, pelas longas esperas nas pareagens dos transportes públicos, que a ninguém permite os momentos a sós consigo mesmo; que lhes exige uma sempre maior destreza técnica em nome do que chama educação permanente, mas não passa

OPINIÕES CRÍTICAS

de uma incessante competição e lançá-los uns contra os outros; esta cidade poluidora, pela televisão, pela rádio, pela banda desenhada de violência e erotismo, pelos filmes dos superespiões, pelas solicitações constantes do muito ter e nada no ser; esta cidade, onde já ninguém se detém junto de um homem caído no passeio, que sempre se toma por um embriagado e bem pode não o estar; esta cidade de gente impaciente, onde cada um representa um estorvo para outro, ou por seguir na sua frente com passo mais vagaroso ou não se desembaraçar ao volante do carro e a quem se lançam insultos ou a estridência das buzinas; esta cidade, onde muitos já desistiram de encontrar linguagem comum com o seu semelhante, tornou-se uma Lisboa de egoísmo.

E o mal, o seu maior mal, é, para tantos, já não parecer estranha.

FRANCO DE SOUSA

ESCORA

VÁRIOS

Albino Pais Santarém, Pires Laranjeira, José António Correia Pais, Francisco José Craveiro, José de Matos-Cruz, António Pedro Pita, António Augusto Menano, Eduardo Olímpio e Fallorca são os nomes de «Escala», cadernos que, sob a orientação de José de Matos-Cruz, começaram a sair em Coimbra. Dos oito primeiros foi já um trabalho conjunto «Escala 1», que inclui textos de reportagem (Albino Pais Santarém), crítica de rádio (José António Correia Pais), recensão de livros (José de Matos-Cruz e António Augusto Menano) e poesia (Pires Laranjeira, Francisco José Craveiro, António Pedro Pita e Eduardo Olímpio).

Quanto ao último, Fallorca, publicou isoladamente um texto policopiado (em papel de embrulho) com o título «Por que há uma cidade dentro das palavras — tu me disseste um dia». Trata-se de um discurso poético aparentemente caótico, mas com uma carga de lirismo e uma riqueza verbal assinaláveis. Fallorca, que — se não erro — apareceu nas páginas do extinto suplemento juvenil do «Diário de Lisboa» canta um mundo em destruição, mas que através dela se reconstrói. Um nome a fixar, para mais tarde.

Quanto ao trabalho dos autores de «Escala 1», é extremamente desigual. Albino Pais Santarém faz o levantamento de um bairro (a Borralheira) sito na periferia da Covilhã e dos seus habitantes diz serem «gente de fraco índice cultural, condição que os constrange numa negligência perene de se capacitarem e consciencializarem de toda a problemática que os rodeia...»; José António Correia Pais, ao falar de «A música portuguesa e outros aspectos», pergunta: «Mas que fazer num país em que toda a gente grava? Qualquer dia até ali o Quim de Alguidares de Baixo vai gravar duas cançonetazitas lá do sítio e dois «xaropeitos» estrangeiros que tem ouvido na rádio, e, certamente, terá grande sucesso, porque a editora aceita e vende, a rádio transmite, e o público, gosta e compra...»

Na colaboração em prosa, salvam-se os textos de José de Matos-Cruz e de António Augusto Menano. Na poesia, a única voz adulta parece-me ser a de Eduardo Olímpio, já que Pires Laranjeira e Francisco José Craveiro escrevem uma «poesia» despojada de toda e qualquer carga lírica e extremamente pobre e António Pedro Pita, para além de exímio cultivador do lugar comum, só por engano pode ser tomado como poeta.

Resta-nos, pois, Eduardo Olímpio, com o seu saudável sentido crítico, a sua amarga ironia, a sua bela capacidade de olhar à realidade circundante e transformá-la em poesia. A coisa mais importante que, afinal, se pode (deve) pedir a um poeta.

Utilíssima, a iniciativa do grupo «Escala» merece o meu voto de longa vida.

TORQUATO DA LUZ

URBANO TAVARES RODRIGUES

Quando um escritor com a obra realizada que é a de Urbano Tavares Rodrigues se ultrapassa a si mesmo, sem se negar ou trair e atinge o ponto de fusão e síntese de todas as correntes literariamente válidas deste quartel de século, podemos estar seguros de que se trata não já de um caso de extraordinário talento (como sabíamos), mas de cumeada de uma época.
Mário Sacramento

A PALMA DA MÃO

Espelho de uma cultura e de um espírito é este volume, límpido, variado e hirtido de «A Palma da Mão» em que o autor se expõe, como é, actuante, de tudo preocupado e não escondendo nem opiniões nem simpatias.

Diário de Lisboa
Coleção OFÍCIO DE VIVER
262 páginas / 60\$00

DESERTO COM VOZES

A fascinante aventura do remanchar do quotidiano num admirável livro de crónicas, onde se propõe e explana um dos mais vivos, penetrantes e belos estilos da nossa literatura contemporânea. Urgente e necessária a leitura desta obra.

Baptista-Bastos
Coleção OFÍCIO DE VIVER
312 páginas / 70\$00

ENSAIOS DE ESCRIVER

Uma das características positivas deste livro é a vivacidade e brevidade das suas sínteses... Uma série de lampejos que se nos tornam bastantes pelo menos para estimular-nos à leitura.

Jornal de Notícias
Coleção AS PALAVRAS E AS COISAS
284 páginas / 70\$00

A IMPOSSÍVEL EVASÃO

«Se algum protesto (nesta história que eu quis quanto possível lisa e nua) de entre muitos outros protestos mais audivelmente se eleva, é o que visa os falsos pais, falsos maridos, falsos amantes, falsos mestres, falsos valentes.»

(do Autor)
Coleção DUAS HORAS DE LEITURA
n.º 10 / 15\$00

HISTÓRIAS ERÓTICAS

BOCCACCIO
TRADUÇÃO DE URBANO TAVARES RODRIGUES
Nesta tradução, Boccaccio adquire toda a frescura e a ironia que o celebrizaram nas novelas do Decamerón, uma obra clássica de que estas «Histórias Eróticas» são parte.
Coleção DUAS HORAS DE LEITURA
n.º 8 / 15\$00



Editorial Inova/Porto

FIDES

FUNDO DE INVESTIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

distribuição de rendimento

A SOGESTIL - Sociedade de Gestão de Títulos, S.A. R. L., avisa os Ex.ªs Srs. Participantes do Fundo FIDES de que, atendendo à evolução do Fundo (cujas unidades de participação excedem os três milhões de partes) e ao valor dos resultados contabilizados até à data, resolveu proceder à distribuição, no dia 31 do corrente mês de Janeiro de

Esc. 7500

por unidade de participação, por conta dos lucros da anuidade de 1972/3.

O pagamento será efectuado, mediante a apresentação dos títulos, nas dependências dos Bancos Depositários (Banco Totta & Açores e Casa Bancária Pancada, Moraes & C.ª), a partir de 1 de Fevereiro próximo futuro.

Como habitualmente, os Srs. Participantes poderão converter o rendimento distribuído em novas unidades de participação, o que lhes permitirá beneficiar das seguintes vantagens:

a) As novas unidades adquiridas com o valor do rendimento estarão isentas da comissão de 3 % fixada no artigo 13.º do Regulamento;

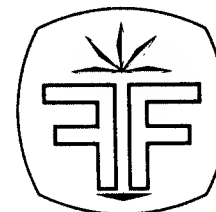
b) Se a conversão se efectuar durante o mês de Fevereiro, a cotação será a que for fixada imediatamente após a distribuição do rendimento, portanto a do dia 31 de Janeiro. Findo o mês de Fevereiro, os Srs. Participantes continuarão a poder beneficiar, na conversão do rendimento, da isenção da comissão de 3 %, mas a operação far-se-á à cotação do dia respectivo.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1973

O Conselho de Administração
da

SOGESTIL

Sociedade de Gestão de Títulos, S.A. R. L.



SEDE:
Rua do Ouro, 69-79 - Lisboa 2

A HOMENAGEM (ADIADA) A UM ESTRANGEIRO DEFINITIVO

Ao primeiro andar da Rua António Maria Cardoso onde mora o Centro Nacional de Cultura, subiu, há exactamente uma semana, a saudade de Adolfo Casais Monteiro, pela voz de quatro palestrantes e pela presença de duas dezenas de pessoas. Foi isso, a saudade — foi uma evocação um tanto pela rama, o que fizeram Alcáida Baptista, Fernando Azevedo, Joel Serrão e, mais tarde, Sophia Andressen, que leu poemas do autor e um de sua autoria, improvisado no momento.

Adolfo Casais Monteiro foi um homem «independente e lúcido», afirma Alcáida Baptista. Foi «um poeta e homem de atitude», pensa em voz alta Fernando Azevedo. Era «um professor demitido quando o conheci», responde Joel Serrão. Por seu lado, José-Augusto França não tenta uma definição do homem mas lê-lhe um ensaio inédito sobre modernidade. E Sophia terá pensado que o melhor era usar-lhe as palavras do corpo da poesia e deixar o circunstancial, a anedota, a evocação de serão com pés no estrado da braseira. Resultou, o serão? Nunca se sabe. Quem lá estava não se queixou, nem isto se faz para escutar os circunstanciais. Alguém ficou a saber que Adolfo Casais Monteiro: Nasceu no Porto em 1908 e que isso não tem importância nenhuma? Já teve mais importância o facto de se ter licenciado em Ciências Históricas-Filosóficas, motivo por que viria a poder ser professor na sua cidade natal, funções de que seria demitido por motivos políticos?

Foi para Coimbra, onde frequentou o Liceu Normal e, isso, provavelmente, lhe serviu de cordão umbilical à «Presença»?

Partiu, nos primeiros anos da década de cinquenta para o Brasil, onde escreveria o «Estrangeiro Definitivo»? Explorou-se na verdade quais foram os motivos da ida, como de

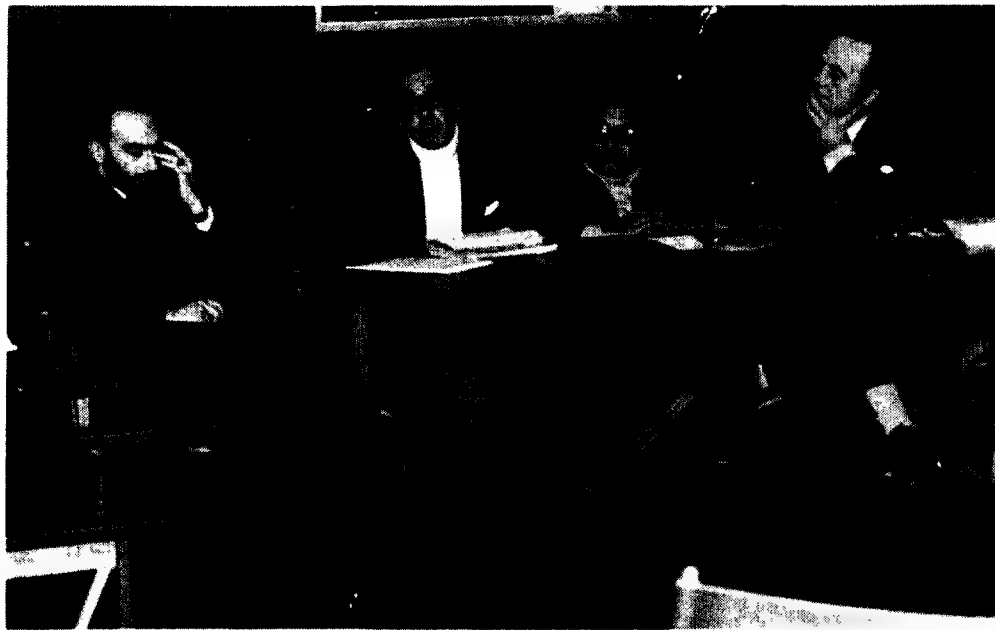
outros cujos nomes andaram no ar, sem nunca ganharem as raízes do nosso tempo e a crítica dos nossos críticos?

Alguns coisas se disse, é claro. Mas a personalidade do homem foi, muitas vezes, mais esmiuçada pelo ângulo do comportamento do que pelo do pensamento.

Assim, Fernando Azevedo puxa à sua brasa a sardinha de que Casais Monteiro andou muito ligado aos surrealistas. E para isso tem, ali à mão, provas evidentes: «Europa», o poema onde o autor diz: «A madrugada ainda virá? / Vão calando um a um na luta sem trincheiras».

Joel Serrão diria mais à frente que se tratava de um homem com «cultura de raiz heterodoxa». Mas também se diria, no decorrer da sessão, que se atravessavam os tempos difíceis da reconstrução (não das destruições materiais que nunca sofremos) que se seguiriam à guerra. Diz, ainda, Joel Serrão: «Adolfo Casais Monteiro viveu uma década terrível, a de 40, com todos os problemas de liberdade, o que nele não é uma confusão, embora ele algumas vezes também o fosse. Mas Casais Monteiro não era um homem de raiz liberal».

Quando as dissidências fizeram que A.C.M. abandonasse a «Presença», o grupo acabou. À frente da direcção da revista tinham estado ele, José Régio



Os que falaram...

e o, hoje, crítico literário do «Diário de Notícias» João Gaspar Simões. Já em Lisboa, o homem a respeito de quem Joel Serrão afirmaria no decurso da homenagem (para pouca gente) que «nunca deverá ter deixado uma presença cultural no Brasil» deambulou pelas tertúlias, indo à «Colombo» na Avenida da República e à Smarta, que fica à esquerda da Avenida da Liberdade. Conviveu com surrealistas e, no seu poema «Sol da Tarde», fala de Fernando Lemos (que partiria também), de Vespeira e de Miró.

Em 1953 escreveu «Voo sem pássaro dentro». Começa com um poema intitulado «Permanência»:

«Não peçam aos poetas um caminho. O poeta / não sabe nada de geografia / celestial. Anda / aos encontros da realidade...»

No ano seguinte já estava fixado no Brasil, onde leccionaria em universidades: Rio e S. Paulo. O único dos «conversadores» do serão que se interroga a respeito desta ida (sem regresso) é Joel Serrão. Não nos fala concretamente dos motivos que terão ditado a decisão. Mas pergunta-se: «Fez bem? Fez mal? Foi um erro fundamental? Pessoalmente considero a sua partida como um dos grandes erros que A.C.M. praticou».

Sempre que um português vai ao Brasil, a partir da fi-

xação de Casais Monteiro, arranjará um pretexto para o visitar. Pretexto que talvez não fosse necessário («Nada me pode ser mais grato do que a amizade de todos quantos se encontraram nos meus versos» — diz A.C.M.). Mas a respeito de encontros e reencontros diz Fernando de Azevedo: «Eu tinha receio de reencontrar o Casais. Era um homem rude, difícil de lidar com as pessoas, o que não era mais que pudor». Nas impressões de reencontros dos outros presentes é algo de semelhante que se supõe.

Quem era Casais Monteiro? O professor Joel Serrão declara-se pouco propenso a fazer uma exegese dos seus textos.

Claro: foi o ensaísta, foi o poeta, foi o professor, o homem complicado. Teria que ser uma exegese de tudo.

A relação entre a sua faceta de poeta e de ensaísta não lhe fazia a ele tanta confusão (ler «Algumas notas para o leitor de 1944» em «Poesia completa»). Para ele escrever poesia era falar do que sentia. Ensaio era o pensamento. A presença de uma ideia impedia-o de escrever o poema. Foi ele quem o disse. A sua pessoa seria assim tão complicada? Suscitaria, a si próprio, muitas dúvidas?

Afirmar nestas ocasiões que «os seus rendimentos certos eram oitocentos escudos de uma herança. Ele chegou a revelar-me que grande parte do que fazia era para viver» diz alguma coisa do homem que Fernando Azevedo foi rever ao Brasil. «Quando nos encontramos era uma cabeça branca de europeu projectado no Brasil, com uma experiência amadurecida na amargura do exílio»?

E do homem que Joel Serrão descreve como tendo vivido uma prática marxista?

E do homem que haveria de morrer a 24 de Julho de 1972?

Homenagem como? Com a leitura, por José-Augusto França, de uma resposta a um inquérito sobre modernidade publicado num dos «Córneos» de que o «leitor» da noite faz uma interpretação muito sua: «Querem que fale de modernidade, ora toma!»?

Com a leitura de poemas? Que homenagem mereceu Adolfo Casais Monteiro?

ROGÉRIO VIDIGAL

INTRODUÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA (4)

A literatura popular

É por esse motivo que a literatura popular exige particular atenção, e levanta problemas nada fáceis de resolver — pelo menos enquanto não seja feito o amplo trabalho de levantamento e de síntese indispensável para lhe determinar a significação passada e presente. E o facto de só até certo ponto a podemos considerar folclore está a pedir a exaustiva investigação das suas modalidades, e até a determinação dos géneros que a constituem, desde o épico ao romanesco. Para se compreender a sua importância, é preciso saber que, em extensas regiões do Brasil, o «folheto de cordel» é, de facto, a única literatura corrente, constituindo uma produção e um comércio activos e prósperos. Enquanto outras expressões da cultura popular, como por exemplo os bonecos de barro, sejam a ser objecto de comércio de luxo nos grandes centros, os folhetos de cordel permanecem, fora do meio que representam, domínio exclusivo dos especialistas. Nas grandes e pequenas cidades do Norte e do Nordeste, sobretudo, eles são vendidos nas feiras, e os seus textos lidos, recitados e cantados, pois se mantem viva a tradição da transmissão oral.

Essa literatura, oral ou escrita, reúne frequentemente, o «jornalismo» e a «crítica» à função puramente literária, a qual persiste intacta sobretudo quando a matéria é tradicional, prolongamento da tradição popular lusa e, através desta, remontando a imemoriais origens. Luiz da Câmara Cascudo, mestre incontestado e apaixonado destes estudos, assim escreve na introdução da sua obra «Cinco Livros do Povo»:

«A Literatura Popular, típica, é impressa, tendo ou não autores sabidos, identificáveis. Cada ano mais de mil folhetos são impressos no interior do Brasil e espalhados como folhas por todo o território, em mais de 200.000 exemplares. Uma dezena de editoras exclusivas não cessa a impressão, sempre renovada, desses folhetos que têm público fiel e complexo. Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão são os maiores centros irradiantes. Em Belém do Pará há uma casa editora para a Amazônia. Mato Grosso e Goiás imprimem igualmente. Os assuntos são infinitos. Todos os motivos políticos, locais e nacionais, fazem nascer dezenas de folhetos, todos os versos, quadras, ABCD, sextilhas, décimas. Raríssimamente aparece o folheto em prosa. Há o registo dos acontecimentos sociais, grandes caçadas ou pescarias, encontros, incêndios, lutas, festas, monstruosidades, milagres, crimes, vitórias eleitorais. Há a série permanente em redor dos temas que têm devotos, odisséias de cangaceiros, milagres de santos, visão de benditos famosos, fugas espectaculares, sonhos, visões ligadas ao «meu padrinho Cícero de Juazeiro», Cícero Romão Batista, 1844-1934, que continua fornecendo motivo a uma tonelada anual de folhetos» («Cinco Livros do Povo, Introdução ao Estudo da Novelistica no Brasil», Livraria José Olympio Editora, 1953). E depois de explicar a função do poeta popular, acrescenta: «Não é mais possível nas cidades maiores do Brasil a existência do poeta profissional. No sertão, ou vivendo para o sertanejo, ainda reside essa figura admirável que as Histórias da Literatura ignoram».

Não seria possível entrar aqui em pormenores sobre a imensa diversidade de aspectos que assume a literatura popular, nem dedicar atenção à história da sua formação. Transcrevo, pelo seu significado implícito, e a vários títulos significativos, estoutra passagem da citada obra de Câmara Cascudo: «Alcantara Machado revelou a existência dos «Lusiadas» no alto sertão brasileiro seiscentista. Em 1616 o escrivão Francisco Rodrigues da Guerra escreve o inventário do bandeirante Pero de Araújo em troços de papel, no sertão de Parauapebas. Nesses troços de papel, no anverso, estavam algumas estrofes do canto quinto. É a menção única mas emocional da presença camoniana, viva, entre os rudes homens que empurravam para oeste o meridiano de Tordesilhas» (p. 15). Daqui o leitor pode deduzir como a literatura popular teve condições para surgir, e como houve, mesmo ali onde a presença de qualquer espécie de interesses literários seria menos presumível, um fermento erudito, digamos assim, que não suscita apenas a imitação mas, sobretudo, é exemplo para novas criações.

Porque é a imaginação poética do povo o elemento fundamental. Ao lado de textos tradicionais que continuam a ser impressos (como por exemplo a história de João de Calais), importam mais, quanto mais, quanto ao sentido da literatura viva, as produções inspiradas nos temas já enumerados na citação de Câmara Cascudo. O ciclo do cangaço, só por si, é uma literatura. O actual alterna com o antigo — e com o intemporal. A crítica mais severa aos costumes da civilização distante (pois não encontrei, na famosa feira duma cidade baiana, Feira de Santana, um folheto, lá impresso, «contra» Copacabana?) encontra-se lado a lado, nas barracas de feiras e mercados (ou vendidas por mercadores ambulantes) com a transposição épica dos feitos de Lampeão.

Está por fazer a antologia em que se procurasse reunir as autênticas páginas de poesia em que essa literatura é fértil. Os textos são extremamente desiguais, sem dúvida: o interesse que despertam não parece ter directa relação com o seu maior ou menor valor literário. Por outro lado (o que explica talvez o seu esquecimento por parte dos historiadores da literatura), dum ponto de vista académico e purista sofre a literatura popular dum senão que revela precisamente o seu carácter oral: a «incorrecção» habitual da linguagem, agravada pela quase sempre total ausência de pontuação. Como poderiam os gramáticos ter-lhe perdoado?

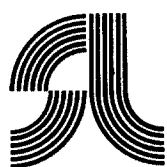
do? Mas a espontaneidade dos poetas populares cria recursos que, pelo próprio facto de não haver uma disciplina formal rígida, além da que seja imposta para a sua adaptação ao canto, suscitam muitas vezes imagens e construções surpreendentes, maneiras de dizer que mantêm o equilíbrio entre as necessidades da narração e as imposições duma inspiração que, por não ser tecnicamente controlada, nem por isso é menos viva.

Na realidade, o lugar desta produção popular na literatura brasileira só começou a ser reconhecido, e a sua arte respeitada, depois que alguns dos seus temas mais significativos passaram a inspirar uma corrente literária «cult»: com efeito, os «escritores do Norte», essa onda que, por volta de 1930, avançou contra a literatura citadina penteadada e purista, e em reacção até contra o próprio modernismo, onde que se espraiou por todo o Brasil, com Lins do Rego, Jorge Amado, e tantos outros, é, sob mais que um ponto de vista, a consagração da parte dessa literatura popular que cantara a vida e as emoções do povo do sertão, que constituiria por assim dizer a sua memória, a sua tradição, literatura sob certos pontos de vista mais «autêntica» do que a outra, constituindo um fundo cultural de profunda significação, correspondendo sem dúvida a uma sociedade primitiva, mas que, na realidade, formou mais o Brasil do que a pena dos legisladores ou a arte dos salões, ignorantes de tudo quanto se passava na imensidão dum país pouco menos que abandonado à sua sorte.

As próprias características da sua produção impedem, como é óbvio, aplicar-se a essa literatura os métodos habituais da história literária. O passado confunde-se inextricavelmente com o presente, em criações cuja ambição se concentra muito mais na propriedade do que na autoria. O comercialismo vai de par com um primitivismo desorientador, e assim se pode ler, por exemplo, na contra-capta dum folheto impresso todavia em 1953, um número nestes termos: «Não deixem de procurar o livro Duas Palavras, o tratado da vida de Padrinho Cícero, onde se encontra a cópia de uma carta que ele escreveu quando estava em Roma para sua mãe» — e mais não é preciso para nos fazer evocar um mundo peculiar, de credence, cega fé em intercessores que podem usar os seus poderes «divinos» para arrastar o sertão em peso às mais incríveis aventuras — basta lembrarmos a espantosa odisséia de Canudos.

As condições primitivas da existência do povo numa ainda grande parte do interior do Brasil não significam, portanto, alheamento da cultura, indiferença à poesia; a literatura de cordel, os seus autores e os seus intérpretes, constituem um mundo cultural à parte, sem dúvida, mas provam a existência duma vitalidade criadora mantendo-se fiel ao que pôde preservar duma tradição cujas origens ignora, mas dentro da qual se mostra capaz de integrar a sua própria experiência com uma «eficácia» que tem faltado muitas vezes à literatura «civilizada» dos grandes centros urbanos.

ADOLFO CASAIIS MONTEIRO



Meu caro Óscar Lopes:

Não é a primeira vez que lhe escrevo, do lado de cá da fronteira, desde que há mais de onze anos me encontro exilado: uma amizade longínqua, reminiscências de momentos difíceis em comum partilhados (dos meus bancos do liceu até outros mais duros), uma atenção disponível de leitor que nunca se esbateu, mesmo se as evidências do poeta nem sempre iam no sentido das razões do crítico, tinham-me já levado a comunicar-lhe, após uma experiência para mim tão dolorosa quanto desalienante, algumas inquietas dúvidas acerca de antigas convicções, que a brutalidade dos factos vividos não podia honestamente deixar de pôr em causa. Fi-lo em privado, numa intimidade que fazia apelo a outra intimidade. E aguardei uma resposta, que não me chegou senão tempos volvidos, na dedicatória breve de um livro, em que encontrei a explicação de tal silêncio: «Ao J.A.S., a quem não tenho podido escrever, sobre quem me não deixam escrever, mas que nunca esqueço». Compreendi, ou julguei ter compreendido, essa dupla impossibilidade (constrangida uma, livremente assumida outra). E reflui eu próprio, uma vez mais, para o meu «exílio de silêncio»...

Não o teria voltado a romper — e nunca em todo o caso em privado — se um acontecimento não viesse, inesperadamente, impôr-me a obrigação moral de agora em termos públicos assim me dirigir a um outro Óscar Lopes: já não o amigo, que não está pelo meu lado em questão, mas o escritor inalienavelmente responsável pelo que publica e desse modo transcende o domínio das convicções íntimas. Mais precisamente: é ao autor dos artigos sobre a «Vida Editorial Soviética», saídos no suplemento literário do «Diário de Lisboa» de 14 e 21 de Dezembro último, que aqui me endereço, nesta carta aberta. A esse e apenas a esse, enquanto subscritor do que deu à Imprensa, com a assunção das inerentes implicações perante os seus leitores. O que, para além dessa publicidade objectiva da escrita, nos redutos da consciência ou das opiniões emitidas em âmbito restrito se situar, é inteiramente alheio ao meu único e exclusivo propósito: querer informar-me junto do autor acerca do que escreveu me informar e mesmo os leitores acerca do que calou, seja por ignorância, seja por esquecimento, seja por simples omissão. E se deste modo o faço é sim e apenas pelo dever imperativo que sinto de, relativamente ao que foi escrito ou calado, eu próprio me não calar, estando como estou em condições de dar um **testemunho** sobre o objecto desses artigos, por na União Soviética ter vivido e conhecer de perto os problemas trágicos que à sua literatura se põem.

Que um grupo de três escritores portugueses, qualquer que seja a sua composição, tenha sido autorizado a visitar a U.R.S.S., mesmo se essa visita só teve a duração de três semanas, é um facto digno de ser revelado por quem defender o direito à livre circulação das pessoas, das informações e das ideias, e portanto ao conhecimento mútuo dos povos, neste mundo de barreiras e divisões artificiais ou impostas: e sê-lo-ia decerto ainda mais se em lugar de um grupo reduzido, e a convite de um organismo oficial ou oficioso, se tratasse antes de relações normais, amplas e independentes, a um nível colectivo ou individual, entre escritores dos dois países, de todas as tendências, credos ou correntes literárias, sem outra intervenção estatal que não fosse a de facilitar e garantir, protegendo-a, a liberdade de contacto e de convívio, **de ambos os lados**, sem exclusões, anátemas ou privilégios. De um saber de experiência feito sei bem o que são visitas organizadas, de âmbito limitado no tempo e no espaço, sobretudo quando restringidas a sectores de antemão predispostos ou preparados quer a uma receptividade quer a uma impermeabilidade unilateral. Sem minimizar o significado de uma tão curta viagem num tão vasto e contraditório país, não posso deixar de interrogar-me, eu que durante perto de um ano estive em situação de um mais íntimo mas sempre difícil (e dificultado) contacto com a vida quotidiana desse povo, sobre a autenticidade de impressões cuja «validade» não pode ser senão a que lhe é emprestada pela versão oficial dos factos: e poderá jamais a verdade ser oficial? Que se diria se, inversamente, a convite de um organismo de Informação e turismo, outros tantos escritores soviéticos, por ele escolhidos, visitassem o nosso País? Aduzo esta questão prévia não por sistemática mas por metódica dúvida, e a fim de sublinhar as limitações do «inquérito» à «vida literária soviética» que o Óscar Lopes e os seus companheiros de viagem se propuseram realizar: limitações que de resto reconhece, qualificando-as de «muito óbvias». Mas «óbvias» em que sentido? Por razões materiais apenas? Ou por outras ainda? Para os leitores uma tal precisão seria importante, bem como a referência da origem dos «dados e contraprovas» que o Óscar diz ter-se empenhado em obter. Junto de fontes e de meios diversos, ou apenas dos organismos citados nos artigos? Era conveniente sabê-lo.

Na verdade, tudo aparentemente se passa como se apenas com instituições e representantes oficiais tivessem tido lugar os vossos contactos: «Casas de Amizade e Relações Culturais com o Estrangeiro», editoras do Estado, «Casas de Escritores». Não indica o Óscar Lopes se as «entrevistas» tiveram lugar com dirigentes ou com simples membros dessas instituições, nem identifica nominalmente os interlocutores (será vício de inveterado individualismo o observá-lo?), não especificando tão-pouco se entre eles havia escritores-escritores, para além de funcionariamente o serem. Apenas reconhece: «não conversámos com nenhum dos escritores mais conhecidos do Ocidente». Para lamentar penalizado o facto, é verdade, mas sem explicar se foi por recusa dos mesmos, por entraves das autoridades, por falta de tempo disponível ou simplesmente por não terem manifestado (diplomáticamente?) tal desejo. Deverá **ao contrário** con-

cluir-se que falaram com outros menos conhecidos do Ocidente? Por que não dá-los então a conhecer? E pergunto ainda, pois estas coisas devem ser ditas: tentaram acaso entrar em contacto com escritores expulsos da «União dos Escritores Soviéticos», impedidos de publicar os seus livros pela **Glavlit** (Administração Central para os Assuntos Literários, encarregada da censura), prisioneiros nos campos ou detidos em asilos psiquiátricos, informando-se das suas condições de vida e da sua liberdade de criação? Serão tais escritores meras invenções do propaganda burguesa? Ou não merecerão porventura que deles os escritores estrangeiros em visita na U.R.S.S., e em particular os portugueses, solidariamente se ocupem?

No pojo complementar, o dos leitores, também não refere o Óscar Lopes, embora fale de «círculos literários» em que eles travam frequentes debates com os autores, se com alguns deles pôde trocar impressões directas, para conhecer as suas opiniões e os seus gostos; contenta-se com citar um dos interlocutores oficiais, que lhe afirma ser nesses encontros com os leitores que os escritores «deparam com a crítica mais severa e a mais justa». Mas quais os limites, o sentido e os efeitos de tal crítica? Sabe o Óscar Lopes o significado que tem a palavra «justa», dita por um funcionário da literatura bem pensante? E serão menos «justas» as opiniões de tantos e tantos leitores que, como eu constatei no convívio íntimo com amigos russos, não ousam exprimi-las publicamente, mas só em privado e por vezes à puridade? Teve o Óscar Lopes oportunidade de conversar já não com «círculos» (literários ou outros) oficiosos, mas num simples círculo de pessoas amantes por exemplo da poesia? Se não, como pode então aperceber-se palpavelmente, e não apenas em segunda mão ou de outiva, do «ritmo de maturação de uma opinião pública (neste caso literária) a uma escala historicamente desconhecida»? E com que alcance entender tal expressão, já que suponho não ser o puramente quantitativo (a quantidade não se transforma automaticamente em qualidade, mesmo na dialéctica marxista)? Repare que não estou sequer a negar a plausibilidade presente ou potencial de uma tal opinião, que tanto como pública interessaria que fosse diferenciadamente pluralizada: e pude pela minha parte aperceber-me, em discussões com muitos soviéticos do meu trato comum, do grau de exigência dos seus gostos. Mas será essa exigência efectivamente incentivada, ou contrariada e canalizada? Em que medida, por outras palavras, as mais amplas camadas de leitores são condicionadas nas suas possibilidades de escolha por um «planeamento editorial» que responde não aos seus desejos reais mas às «necessidades» que para as «massas» são segundo os princípios do «centralismo democrático» definidas? Basta, como indicação de uma resposta, lembrar que as obras de Dostoiévski, longos anos proibidas, se esgotaram num ápice ao serem **parcialmente** reeditadas, enquanto milhões de exemplares de obras mediocres se amontoam por vender nas livrarias.

O carácter «político» («pelo menos na mais complexa e integrativa das acepções do termo político») desse planeamento editorial é pelo Óscar Lopes justificado em razão da «lógica do sistema». Isso em guisa de explicação aos que «se podem perguntar qual o peso que, nos mais importantes patamares de decisão, nomeadamente ao nível dos conselhos literários editoriais e da **Sousnignatur** («entidade oficial que distribui os meios materiais necessários», «dependente do Ministério da Educação e Cultura»), poderão ter as concepções mais originais dos autores». Esquece-se, no entanto, púdicamente de indicar, como elemento determinante, quem está na realidade por detrás de tais «patamares de decisão»: os dirigentes e os funcionários do partido. Que sentido tem nesse caso vir falar, por outro lado, de «novas formas de pluralismo e competitividade inerentes ao sistema», quando reconhece que «a auto-edição individual, cooperativa ou por subscrição prévia» de facto «não tem possibilidades», estando condenada à clandestinidade, como o **Samizdat**? A questão que me preocupa é apenas esta: aceitará o Óscar Lopes uma tal «lógica interna do sistema» para Portugal, um dia em que isso fosse, não apenas imaginável, mas possível, já que confessa que o que mais o interessa é a vida cultural portuguesa, onde tem «as mãos na massa»? É que, a mim e a todos os que aprenderam na própria carne que as fronteiras nada garantem contra as importações ou exportações forçadas de certos modelos (os Exércitos do Vietnã e de Praga, com os seus «**Biafras**» do corpo e do espírito, para parafrasear a expressão de Aragon, aí estão para no-lo recordar), também vitalmente nos interessa o futuro da literatura portuguesa — e, para além dela, onde quer que seja, aquela «liberdade livre» de que falava Rimbaud, sem a qual não há qualquer literatura digna desse nome. E como, neste caso, o que está em causa são antes de mais as relações entre as literaturas portuguesa e soviética, que importa preservar de tentações nocivas (e oxalá que um outro e melhor signo se venha ainda a permitir estreitar), não posso por mais tempo cobrir-me de dar-lhe a conhecer um caso preciso e concreto das consequências que podem advir da «lógica interna» de um «tal sistema», quando aplicada por exemplo ao conhecimento da literatura portuguesa na U. R. S. S., desde já. Se até agora fiz sobretudo perguntas a que aguardo resposta, serão factos documentados que passo a apresentar à sua consciência e à dos seus companheiros de viagem, bem como à de todos os leitores desta carta aberta, em primeiro lugar os escritores portugueses.

... Convidado a organizar, durante a minha estadia na U. R. S. S., na minha qualidade de poeta, uma «Antologia da Poesia Portuguesa Moderna», para as Edições do Estado (**Goslitizdat**), entreguei em 1964, antes da minha saída daquele país, o original respectivo à secção

CARTA ABERTA SOBRE A VI E LITERÁRI

latino-americana daquele organismo, responsável pela publicação do livro e dirigida então por V. S. Stolbov. Segundo os termos do acordo editorial, a antologia abrangia a poesia do séc. XX, desde a geração de «Orpheu» até aos começos da década de 60, isto é, cerca de meio século, comportando 50 poetas de todas as correntes e tendências, com notas de apresentação biobibliográfica da minha autoria. Recebi desde logo uma parte dos meus direitos de autor, o que prova a conclusão do contrato. A tradução dos poemas seria feita, a partir de uma primeira versão tanto quanto possível próxima do original (a cargo da professora Helena Gulobeva, da Universidade de Leninegrado), por vários poetas soviéticos. Não voltei, entretanto, após ter conseguido finalmente partir da U. R. S. S. (não sem angustiantes delongas, motivadas pela retenção arbitrária do meu passaporte — e portanto de mim mesmo, contra minha vontade — durante meses e meses), a saber qual o destino da antologia. Até que em Junho de 1969 me decidi a escrever à **Goslitizdat**, pedindo o envio de alguns exemplares, no caso de já ter sido publicada, bem como o pagamento do remanescente dos meus direitos. Tendo recebido, em Novembro do mesmo ano, uma ordem de pagamento de «honorários de autor» da editora **Gudojestevenala Literatura** (1), julguei que o livro tinha sido enfim publicado. Qual não foi o meu espanto ao receber pouco depois, em princípios de Dezembro, uma carta da responsável da tradução do livro, em que me anunciava estar a publicação ainda em curso, acrescentando: «no processo de preparação a organização da antologia sofreu algumas modificações: foi reduzido o número dos poetas, ao mesmo tempo introduziram-se dois poetas que não figuravam antes». Apesar de já ter conhecimento dos hábitos de desenvoltura das comissões editoriais soviéticas, confesso que fiquei abismado, tanto mais que a amputação se alargava a mais de metade dos poetas (28) e que entre os expurgados figuravam alguns dos nomes mais representativos da poesia moderna: Afonso Duarte, Adolfo Casais Monteiro, Saul Dias, Vitorino Nemésio, Irene Lisboa, Armando Rodrigues, Políbio Gomes dos Santos, João José Cochofel, Sidónio Muralha, José Blanc de Portugal, Ruy Cinatti, Mário Cesariny de Vasconcelos, António Maria Lisboa, Raul de Carvalho, Eugénio de Andrade, David Mourão-Ferreira, António Ramos Rosa, Alberto de Lacerda, Vítor Matos e Sá, José Fernandes Fafe, Vasco da Costa Marques, António Reis, Fernando Echevarria, Pedro Tamen, Fernando Guimarães, Herberto Helder, João Rui de Sousa e Maria Teresa Horta. Quanto aos poetas que gozaram da honra de ser incluídos **ex officio**, tratava-se de Manuel Alegre (que em 1964, data limite da antologia, não tinha ainda publicado qualquer livro) e de Fernando Namora (mais conhecido, como se sabe, enquanto romancista). Sem discutir sequer, por uma questão de princípio, o critério censório (é por esse o termo que tem neste caso uma aplicação negativa e outra positiva...) o que importa salientar é o duplo aspecto que assim tomava a violação de um meu direito fundamental enquanto autor: o de não ver a antologia desfigurada por eliminações ou acrescentos espúrios. Por isso, imediatamente escrevi à **Goslitizdat** dando conta do meu espanto e meu total desacordo com qualquer modificação da minha selecção antológica: «Esperando que saibam compreender as razões de ética literária que me impõem o dever de defender a autenticidade da minha obra, ousei crer que uma decisão justa no sentido do respeito da sua integridade será tomada pela vossa editora e pela **Gudojestevenala Literatura**. Seria, com efeito, bem pena para o futuro das relações entre as literaturas portuguesa e russa que uma tão lamentável deformação venha afectar o conhecimento que os vossos leitores possam ter da nossa poesia contemporânea». Entretanto, escrevera também à tradutora, insistindo em que explicasse bem às Edições do Estado as minhas razões: «Para mim, que sempre lutei em Portugal pelo respeito do direito dos escritores à integridade das suas obras, é inconcebível aceitar que as minhas próprias sejam adulteradas no estrangeiro, enquanto escritor no exílio.»

... Recebi, em princípios de 1970, uma primeira resposta de um redactor de **Gudojestevenala Literatura**, L. Brevern, em que apenas me dizia terem tomado nota de que eu não podia aprovar a «variante (sic) da antologia» e aguardarem a vinda da «redactora» Gulobeva a Moscovo para discutirem esse «problema» e me comunicarem os «resultados da entrevista». Só mais tarde me chegou às mãos uma longa carta dessa redactora, responsável da tradução, em que confirmava «a necessidade de modificar radicalmente a organização» da anto-

A OSCAR LOPES A EDITORIAL SOVIÉTICA

logia, reconhecendo embora que «foram deixados de lado muitos poetas muito dignos de atenção; mas, por agora, foi preciso sacrificá-los, não sem remorsos, é claro». (Acreditamos nos remorsos — e eu acredito, pelo menos no que respeita à autora da carta, que não escrevia apenas em nome próprio). Os argumentos invocados iam desde o excessivo número de poetas (ele tinha sido no entanto acordado entre mim e a editora, bem como o da média de poemas por autor) até às dificuldades de tradução. Mas, por detrás desses argumentos, digamos técnicos, outros motivos expressamente se deixavam ler. Assim, quanto à selecção quantitativa, ela não era evidentemente alheia a um critério de importância e interesse para o público soviético, definido, é claro, pelos seleccionadores: «deixámos na antologia os poetas que nos pareciam mais importantes ou interessantes para nós»; e o acrescento de um dos poetas referidos não deixava de ser justificado, por exemplo, numa linguagem típica, pelo tratamento «optimista» por ele dado a certo «tema» (caso das «Variações sobre o Poema Pouco Original do Medo», de Manuel Alegre, em «diálogo» com um dos poetas salvos, apesar de provavelmente menos optimista...). Quanto às traduções, a invocada desistência de alguns poetas soviéticos, que teriam declarado ser impossível fazer «spar bem» em russo (!) muitos poemas, para além de outros serem uma vez mais «pouco interessantes», dever-se-ia também, explica a minha correspondente, à «diferença de tradição literária, de formação»...

... Não se pode ser, creio, mais claro. Mas se os tradutores têm as costas largas (ah, a coragem das comissões editoriais!), por que não remontar mais longe e fazer endossar em última análise ao próprio organizador da antologia a responsabilidade da operação censória, transformando assim a vítima no seu carrasco? É o que não deixou de fazer a minha correspondente (os outros através dela), sustentando impavidamente, contra a verdade, que eu teria afirmado «que nos permitia introduzir na organização da antologia as modificações que considerássemos necessárias no processo da tradução». Ao ler estas palavras, não pude sem um calafrio impedir-me de pensar na perfeição dos métodos inquisitoriais, de cujas ressurgências recentes alguns processos soviéticos são exemplo. Que iria eu, na verdade, alegar em defesa da integridade da antologia, se acaso ainda me encontrasse na União Soviética? Não tinha mais do que confessar que, se censura houve, eu a tinha autorizado, justificando a priori os meus censores! Eis onde leva, meu caro Oscar Lopes, a «lógica interna» do «sistema». E uma vez essa lógica admitida, por que não ir mais longe também, e passar a colaborar com o sistema? Era o que muito logicamente de mim aguardava, segundo parece, a *Gosizdat*, pois, após ser dado como desejável o meu acordo, se me sugeria que entrasse no jogo: «É possível, ainda, substituir alguns autores por outros. Esperamos as suas indicações a esse respeito». Mas ia-se desde logo limitando o número de poetas e indicando acrescentos a fazer (para o que se me pedia, entre outros «materiais», «Os Arquivos do Silêncio», título neste caso significativo). A cautela...

... Acontece, porém, que eu já me não encontrava, felizmente, na União Soviética, caso em que mesmo protestando seria reduzido de facto ao silêncio. E, como não gosto de aceitar as regras do jogo, não pude impedir-me de pôr, sem mais cerimónia, as cartas na mesa, numa última defesa da antologia, por descargo de consciência: «Constato que não só foram postos de parte precisamente os poetas mais inovadores do ponto de vista da linguagem poética (por exemplo, os pertencentes ao surrealismo e a outras correntes mais recentes) como até, no neo-realismo, alguns dos menos «ortodoxos» mas mais válidos dos seus cultores. Se por «interessantes» se entende os que correspondem a critérios exteriores à qualidade poética em si mesma, devo dizer que nunca eu poderia, em qualquer caso, aceitar que a eles se sacrificasse a poesia — as aberrações a que tal concepção tem levado são demasiado conhecidas para que seja necessário eu insistir». É claro — e eu sabia-o bem — que a partir daqui eu não iria voltar a ter outra resposta. Ignoro, até à data, se a publicação de uma qualquer «variante» da minha antologia foi perpetrada, mesmo passando-se por cima dos meus direitos de autor, ou se foi suspensa e finalmente silenciada nos arquivos. Era uma pergunta que eu teria sugerido que o Oscar Lopes fizesse aos seus interlocutores, se ao passar por Paris me tivesse dado o gosto de o ver, após tantos anos de ausência e de distância. E muitas outras lhe teria proposto, respeitantes aos trâmites da vida editorial soviética, e particularmente aos termos em que decorre a selecção das traduções de

literatura portuguesa e brasileira. Mas ficará sem dúvida para outra oportunidade.

... Por agora, o que se me impõe é apenas perguntar: considerará o Oscar Lopes e os seus companheiros de viagem consigo, este meu testemunho como uma «contraprova» a tomar em consideração para rectificar a ideia que aos seus leitores deu da vida editorial soviética? Trata-se de um exemplo, entre muitos outros, que põe em evidência algo de que importa sempre partir, quando se analisa o respeito dos direitos do escritor na U. R. S. S.: há que distinguir os direitos «formais» dos direitos «reais» — e não são estes, segundo o próprio marxismo, os que na prática contam? O inquérito feito pelo Oscar Lopes e pelos seus companheiros padecerá quanto a mim desta fragilidade fundamental: confundir o que é oficial e juridicamente afirmado com a realidade, o dever ser com o ser. Assim, como escreve Soljenitsine numa carta ao Congresso da União dos Escritores Soviéticos, de 16 de Maio de 1967, «a Censura não é prevista pela Constituição e é, pois, ilegal, não sendo nunca mencionada publicamente, mas, mascarando-se por detrás da designação equívoca de «Glavlit», pesa sobre a nossa literatura e impõe aos escritores a vontade de pessoas literariamente analfabetas». E eis os resultados: «Excelentes obras de jovens autores ainda desconhecidos foram recusadas pelas redacções, somente porque «não passariam». Um grande número de membros da União dos Escritores e também de delegados a este congresso sabem o que é não ter sabido resistir às pressões da Censura, ter cedido sobre a forma ou o sentido dos seus próprios livros, ter modificado capítulos, páginas, parágrafos, frases, ter-lhes dado títulos incolores, arruinando-os assim de modo definitivo — tudo isso para poderem ser impressos.»

Em face dessa distância entre a pátria e a lei, com que esclarecimento ficará um leitor português ao serem-lhe descritas abstractamente as estruturas orgânicas da vida editorial soviética? É verdade que, a quem mais atentamente fixar a sua atenção, já essa mesma estrutura aparecerá como propícia ao controlo do poder político. Quando o Oscar Lopes escreve, por exemplo: «Cada editora tem o seu conselho literário, em regra constituído por autores consagrados, que propõe um plano de edições por seu turno apresentado à entidade oficial que distribui os meios materiais necessários, a *Souiscnigatur*, dependente do Ministério da Educação, e Cultura», um leitor perspicaz adivinhará a que nível se situa a efectividade das decisões. Mas por que não reconhece então abertamente Oscar Lopes que, sendo a máquina política e administrativa quem distribui os fundos, é ela quem permite ou proíbe? Mais oblíqua e diplomaticamente, prefere esclarecer: «em vez de apertar os meus interlocutores soviéticos quanto às possibilidades de edição particular, que rotundamente eles negavam, pareceu-me mais elucidativo insistir sobre as possibilidades de acesso, por parte de um autor mais audacioso e inovador, à máquina cada vez mais complexa, potente, e certamente diferenciada, que é a vida editorial na U. R. S. S. Apesar da subtilidade do adjectivo «certamente», a transformar por sugestão insensível o hipotético em provável, senão em certo, a verdade é que Oscar Lopes não indica qual a resposta que a sua insistência mereceu. E deixa os leitores sem mais luz: «evidentemente, certos factores só poderão ser ponderados por quem participe por dentro na vida editorial soviética». Quer isto dizer que não temos nos também o direito de os conhecer? E de os ponderar?

Sim, temos. E então poderemos saber, se nos informarmos, que as instâncias que são designadas metaforicamente como «os mais importantes patamares da decisão» constituem, simultaneamente, os patamares da hierarquia censória. Começa logo pelos «conselhos literários editoriais» ou «colégios de leitura». Não afirma o Oscar Lopes que os originais distinguidos nos colégios públicos organizados pelas Associações de Escritores são por estas recomendados a uma casa editora, «a cujo colégio de leitura cabe, no entanto, a decisão final de editar ou não»? A seguir, vem a *Souiscnigatur*: um livro pode ser recusado, por exemplo a pretexto da falta de papel, ou por outras razões académicas ou financeiras, segundo directamente soube de jovens escritores com quem pude contactar durante a minha estadia na União Soviética. Num «patamar» superior está situado a *Glavlit*, dependente do Partido, que exerce uma censura geralmente sem apelo. Mas a última (ou primeira...) instância pode ser a própria polícia, que muitas vezes vai radicalmente à origem, apreendendo o manuscrito do livro. Foi o que sucedeu a Soljenitsine, conforme conta na carta citada: «O meu romance *O Primeiro Círculo* foi-me roubado, há pouco menos de dois anos, pela polícia política, que bloqueou assim o processo normal da publicação». Mas há ainda uma entidade que, paradoxalmente, pode exercer a censura, embora seja em princípio destinada a defender os escritores: a «União dos Escritores Soviéticos». É o que se passa, nomeadamente, no caso de certas revistas, que o Oscar Lopes indica como uma das vias de «promoção de novos autores». Isso mesmo o afirmou expressamente Tvardovski, chefe da redacção de *Novi Mir*, numa reunião do Secretariado da União dos Escritores, em que se discutia precisamente o caso de Soljenitsine, e realizada em 22 de Setembro de 1967: «Em geral, a publicação de um qualquer texto é decidida pela redacção, mas dada a situação criada à volta do nome do autor compete ao Secretariado da União tomar uma decisão a este respeito». E em resposta à intervenção de um membro do Secretariado, Voronov, que perguntava: «O que é que o secretariado teria a ver com isso?», ele explica: «Mas com Bek (autor do romance «A Nova Tarefa») que se passou? O Secretariado interveio igualmente, desaconselhou a publicação, e depois disso ele nunca mais foi editado». E certo que a revista dirigida por Tvardovski era uma daquelas

que, como o Oscar Lopes salienta, são «mais avidamente lidas e influentes», devido ao seu «desassombro crítico e estético» — desassombro que não deixou de criar imensos dissabores ao seu digno e corajoso chefe de redacção, precisamente perante a União dos Escritores.

Esta associação tornou-se, com efeito, pela docilidade dos seus burocráticos dirigentes em relação às «verdades» do dia (logo substituídas por outras «verdades»), inteiramente desqualificada para defender os direitos dos seus membros, colocando-se sempre nas primeiras filas da acusação contra estes, desde os tempos jdanovistas até à actualidade mais recente: basta citar os nomes de escritores célebres por ela condenados, como Bulgakov, Marina Tsvetaieva, Ana Akmatova, Pasternak, Zochstchenko, Soljenitsine, para não falar dos que ela ignorou nos momentos mais trágicos, como o lembra com amargura este último: «os dirigentes da União, por cobardia, abandonaram na infelicidade todos os que tiveram de sofrer perseguições e em seguida a deportação, a prisão, a morte, (Pavel Vasiliev, Mandelshtam, Artem Vesseli, Pilnjak, Babel, Tabidze, Zabolotaki e outros...)». Sou obrigado a terminar esta lista pelas palavras e outros, porque desde o XX Congresso que nós tivemos conhecimento de que foram **mais de seiscentos escritores inteiramente inocentes que a União abandonou à sua sorte de prisioneiros e deportados**. (2) Mas nem o XX Congresso, nem Krushtchev, nem os mais próximos desenvolvimento da chamada «liberalização», logo seguida de uma «normalização», fizeram segundo parece a União dos Escritores mudar de atitude em relação aos seus membros não conformistas, a julgar por estas afirmações de uma carta ao «Pravda» escrita por um dos mais válidos entre os jovens poetas contemporâneos, André Voznessunski, vítima das costumadas «verdades» dos seus dirigentes, ao ser impedido por suposta «doença» de se deslocar ao estrangeiro para participar num recital de poesia: «Vê-se que a União dos Escritores não toma os escritores por seres humanos. Uma tal prática de mentiras de esquivações, é habitual. São assim tratados muitos dos meus camaradas. As cartas não nos chegam às mãos, por vezes são outros que lhes respondem. Verdadeiros camaleões cheios de pulhice. A toda a roda: a mentira, a mentira, a desenvoltura e a mentira. Tenho vergonha de fazer parte da mesma União que essa gente. Eis a razão porque escrevo esta carta ao vosso jornal, que se chama **A Verdade**. É isto o que pensa um jovem escritor, que soube manter-se intacto, da União dos Escritores Soviéticos. Ora se, como parece, também com dirigentes desta tiveram lugar as vossas entrevistas, seria conveniente saber qual o grau de verosimilhança que deram às respectivas declarações, bem como as informações que junto deles colheram acerca dos escritores vítimas de medidas discriminatórias. Os autores portugueses uito empenho mostrarão em a esse respeito serem esclarecidos, pois a solidariedade é indivisível.

Meu caro Oscar Lopes, as circunstâncias e o relato da sua viagem e da dos seus companheiros à U. R. S. S. põem um problema que não deve ser iludido: em que termos poderão processar-se um dia as relações entre os escritores dos dois países, se não houver desde já uma veracidade e uma autenticidade no conhecimento mútuo das duas literaturas? Creio que, nesse sentido, a minha carta era necessária, enquanto testemunho da situação exacta da vida editorial soviética, bem como das embrionárias tentativas de divulgação da nossa literatura na U. R. S. S., infelizmente ainda sujeitas à sorte de antologias como a minha. Pode estar certo de que, na medida das minhas forças (e enquanto viver e escrever num país livre), tudo farei para que a poesia portuguesa seja sem fronteiras lida pelo povo soviético, e a poesia soviética pelo povo português. Dentro de uma igualdade que deve ser a das relações entre os povos, pequenos e grandes, culturalmente como em outros planos, e não em função de supremacias ou influências dominantes, exportadas ou importadas. Assim, mais do que saber, por exemplo, que a U. R. S. S. ultrapassa os E. U. quanto aos livros científicos e técnicos, e os E. U. a U. R. S. S. quanto aos livros de ficção literária, à escala da grandeza de duas potências e impérios, que entre si pretendem repartir a hegemonia sobre um mundo cuja pluralidade cultural, lhes vai justamente resistindo, o que importa é assegurarmo-nos de uma verdadeira independência e comunicação de todas as culturas e civilizações, através de uma liberdade de criação para todos e para cada homem.

É nesse espírito que gostaria de ver o Oscar Lopes responder a esta minha carta aberta, partilhando com os seus e os meus leitores aquela busca da verdade de que em tempos já longínquos pela primeira vez comodamente o ouvi falar.

Aceite as saudações a distância do

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

NOTA 1

1) A este respeito, gostaria de consignar aqui uma observação, já não a propósito dos artigos do «Diário de Lisboa», mas de uma afirmação produzida num dos artigos do «Comércio do Porto» («Setembro na U. R. S. S. — 1», de 7 XI.72). Embora os «editores soviéticos» isto é, as editoras do Estado — se não sintam, como diz o Oscar Lopes, «obrigados a pagar direitos pela versão de originais portugueses», dado que «não há convenção bilateral negociada entre as entidades competentes e sobejam, em compensação, as razões para poupar divisas», a verdade é que isso não quer dizer que o não façam, mesmo em divisas, quando isso lhes convém. E o meu caso é disso exemplo — justifica-lhes seja feita. Mas é uma decisão motivada por razões de oportunidade, tratava-se, evidentemente, de fazer-me aceitar a publicação da antologia nos termos que a seguir indico e não de satisfazer um meu direito. Ora e o reconhecimento desse direito que os escritores portugueses devem para o futuro reclamar, em reciprocidade com os que há que garantir aos escritores soviéticos pelas suas traduções em Portugal.

NOTA 2

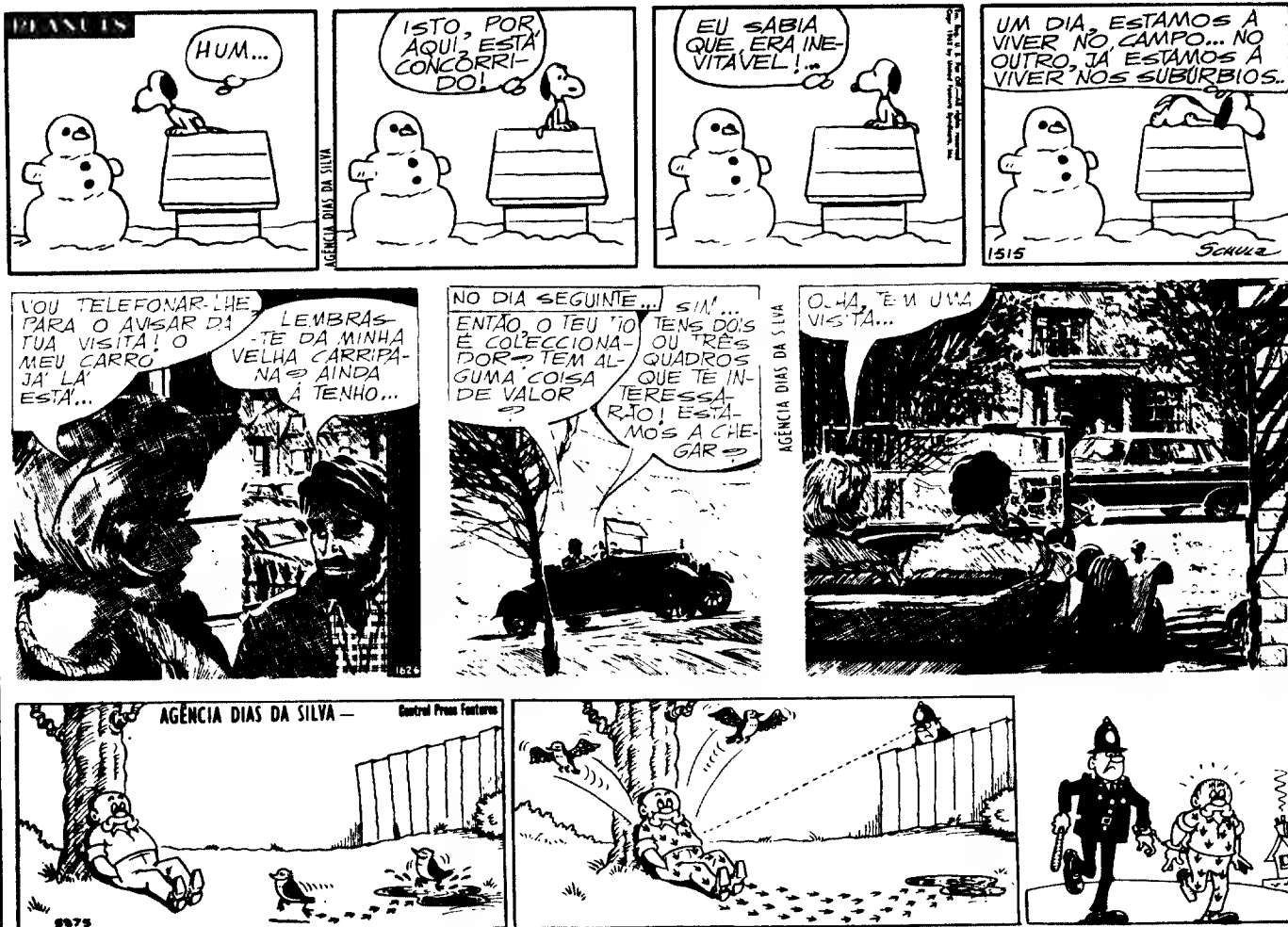
2) Esta citação, bem como as precedentes, é extraída do livro *Les Droits de l'Ecrivain*, Ed. du Seuil, Paris 1969.

NOTA 3

3) Cf. *Le Monde* de 16 VII 1967.



Foi vendido há dias em Londres este busto de Adolfo Hitler datado de 1939 e de autor anónimo. O bronze tem marcas de balas disparadas não se sabe por quem. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



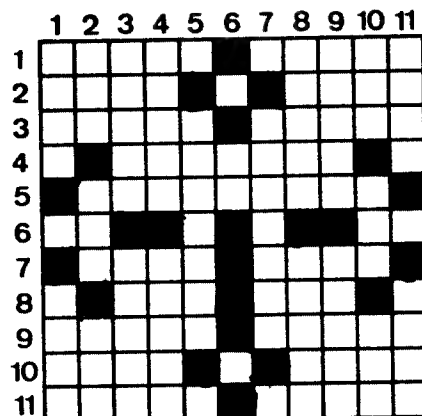
Problemas Cruzados

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10325

HORIZONTAIS

- 1 Padeço. Pesquisas.
- 2 Serra de Portugal. Artigo definido. Derrota (po).
- 3 Experimentada. Polpa dos frutos.
- 4 Talhara.
- 5 Aquela que salta.
- 6 Plutónio (s. q.). Laço.
- 7 Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Copo.
- 8 Patrão. Pronome pessoal. Tempo do verbo ser.
- 9 Cures. Planta têxtil.
- 10 Está ofegante. Bolor.
- 11 Dera mios. Amargo.



VERTICAIS

- 1 Primeiro rei dos Hebreus. Empregam.
- 2 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Pronome possessivo. Apelido.
- 3 Sem força. Espeta com o garfo.
- 4 Escritor português que em 1951 recebeu o prémio Ricardo Malheiros Guarnezer de azeite.
- 5 Mercadorias.
- 6 Basta.
- 7 Filhos segundos de pessoas nobres.
- 8 Planta vivaz e medicinal. Combinam.
- 9 Marcar o peso da tara a invólucro.
- 10 Rio de França. Nome de mulher. Prefixo que designa ar.
- 11 Vassourar o forno depois de aquecido. Armadura para a cabeça.

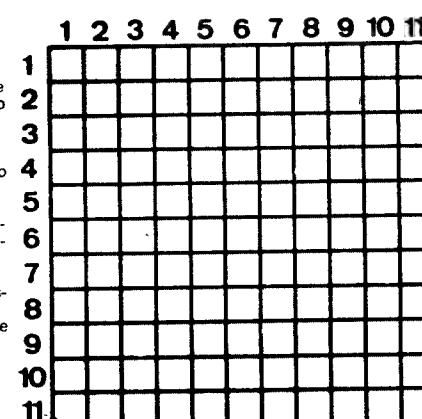
Resolveu completamente este problema? Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6484

HORIZONTAIS

- 1 Doze dúzias. Em umas.
- 2 Artigo definido. Conclui.
- 3 Remo para trás. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris.
- 4 Punhado. Nota musical.
- 5 Desnorteiam.
- 6 Ave aquática do Brasil. Rio de França.
- 7 Fizessem notações em.
- 8 Cânhamo de Manila. Apelido de um romancista português autor de «A Relíquia».
- 9 Renque. Época.
- 10 Atrasado. Pronome pessoal.
- 11 Nome de homem. Naipes das cartas de jogar.



VERTICAIS

- 1 Fluido aeriforme. Querida.
- 2 Reis. Mediana. Acolá.
- 3 Cargo de ministro de Estado. Aia.
- 4 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Alvítra. Sufixo que designa estado.
- 5 Heroína francesa que foi queimada viva. Intimo. O mesmo que viró.
- 6 Esteiros. Pancada (gir).
- 7 Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de novo. Irmã da mãe. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- 8 Artigo indefinido. Afrouxe. Alternativa.
- 9 Conjunção. Mastiga sem engolir.
- 10 Peixe do Algarve. Mãe de Rómulo e Remo. Porco.
- 11 Mulheres naturais da cidade de Setúbal. Patas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10327

HORIZONTAIS:

- 1 Pompas. Iças.
- 2 Corou. Aço.
- 3 Aa. Ria. OLHA.
- 4 Grã. Rimar.
- 5 Anãs. PARA.
- 6 Ore. AtoPs.
- 7 Or. To Ti.
- 8 Na. Aro. Caro.
- 9 Ava. E. Aulas.
- 10 FICA. Cibato.
- 11 Asasse. Arás.

VERTICAIS:

- 1 Praga. Anafé.
- 2 Arno. Avis.
- 3 MC. Aaro. Aca.
- 4 POR. Será. As.
- 5 Aria. Re.
- 6 Soa. Pato. Ce.
- 7 Rato. Ai.
- 8 Ouro. Cuba.
- 9 Calma. Talar.
- 10 Acha. Pirata.
- 11 Soaras. Osos.

PROVÉRBO: Olha para ti e fica por aí.

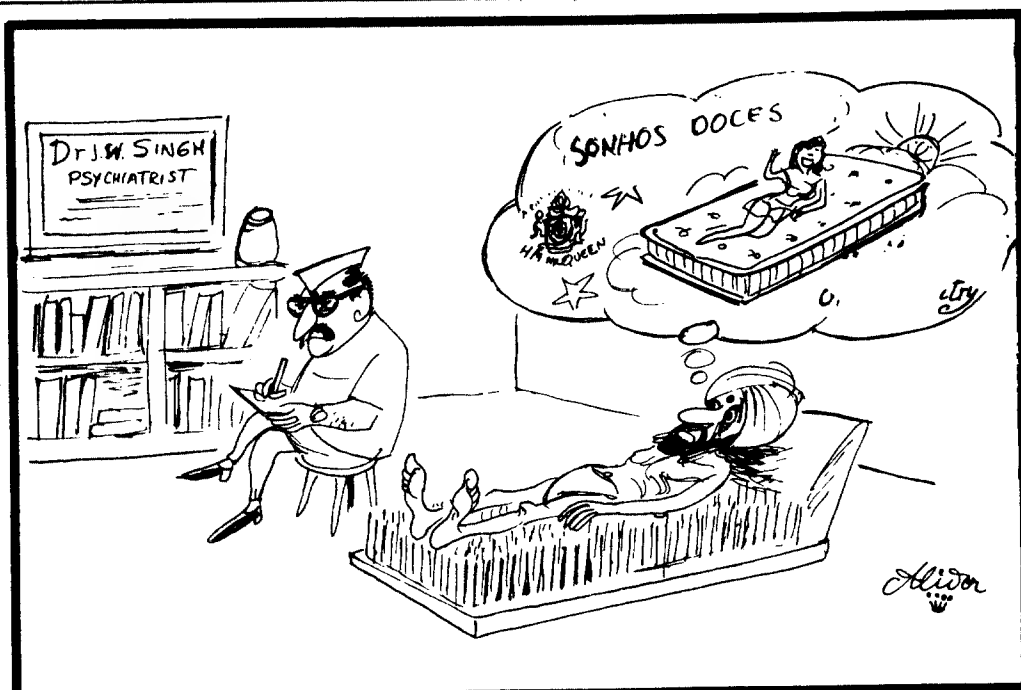
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6483

HORIZONTAIS:

- 1 Tomar. Acura.
- 2 Asira. Togas.
- 3 Isar. Lapa.
- 4 Arenífero.
- 5 Morar.
- 6 Empar. Lista.
- 7 Uta. Acres.
- 8 Lima. Oaro.
- 9 Sa. Lia. Sm.
- 10 Os. Prieta. Ai.
- 11 Sorte. Anosa.

VERTICAIS:

- 1 Tai. Real. Os.
- 2 Ossa. Isso.
- 3 Miar. Puma.
- 4 Arremata. Pi.
- 5 Rã. Nora. Lie.
- 6 Vir. cie.
- 7 Fala. Ala.
- 8 Colérico. An.
- 9 Ugar. Sras.
- 10 Rapo. Teimas.
- 11 Asa. Vaso. Ia.



Oportunismo

Concursos para admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 1 a 20 de Fevereiro de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av.º Dr. Lourenço Peixinho A V E I R O	Lourosa	Estomatologia
	Ovar	Ginecologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Praça Dr. Cavaleiro de Ferreira B R A G A N Ç A	Carviçais	Clínica Médica
	Mogadouro	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra Av.º Fernão de Magalhães, 620 C O I M B R A	Oliveira do Hospital	Cirurgia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av.º Heróis de Angola, 59 L E I R I A	Arega	Clínica Médica
	Cela	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av.º dos Estados Unidos da América, 39-39 A L I S B O A - 5	Alenquer	Pediatria
	Alhandra	Estomatologia
		Ginecologia
		Clínica Médica
	Cadaval	Clínica Médica
	Mafra	Ginecologia
		Clínica Médica
		Obstetrícia
	Pediatria	
	St.º Isidoro	Clínica Médica
Parede	Clínica Médica	
Algueirão	Cirurgia	
	Estomatologia	
Alverca	Ginecologia	
	Obstetrícia	
Ramalhal	Clínica Médica	
Castanheira do Ribatejo	Clínica Médica	
Várzea (Sintra)	Clínica Médica	
Póvoa e Meadas	Clínica Médica	
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Portalegre Rua de Olivença, 33 P O R T A L E G R E	Montalvão	Clínica Médica
	Alijó	Clínica Médica
	Murça	Clínica Médica
	Sabrosa	Clínica Médica
	Chaves	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real Rua Gonçalo Cristóvão V I L A R E A L	Mira de Aire	Pediatria
	Guarda	Ginecologia

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família. A documentação deverá ser entregue até às 18 h do dia 20 de Fevereiro de 1973 na Inspeção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito. O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação. Lisboa, 30 de Janeiro de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

A VISITAÇÃO-1

para o Pedro Marcos, meu filho

estão ali, ainda, as paredes da casa, as janelas de guilhotina, a porta alta, de bandeira, com batente de ferro, uma figa virada para baixo, mão abandonada e sombria agora, telhas cobertas de musgo, quebradas, espalhadas no pequeno jardim cheio de silvas, ervas daninhas, um ralador de batatas (o nosso realejo) ferrugento, uma bacia de esmalte com dois pássaros azuis, voando, aos lados, corroída, vendo-se ainda os cravos de alumínio a tapar os buracos antigos

a avó enchia a bacia de água até acima, punha-lhe dentro as alfaces, lavava-as, havia também um canteiro com salsa e hortelã era boa a sopa de carne com uma folha crua de hortelã dentro, o cheiro espalhava-se pela casa toda e o fumo da cozedura embaciava os vidros do aparador da cozinha

à tarde, o avô arrastava para o pátio a sua cadeira de baloiço holandesa, sentava-se nela, virado para o pombal, atento aos movimentos dos gatos vadios, sobre os joelhos uma caçadeira (em agosto levava-me com ele às rolas) com incrustações de prata e madre-pérola na coronha, um dia matou um desses gatos, disseram então que a sua vida teria sete anos de menos, pois o avô morreu com noventa, se calhar, talvez por isso

a avó, essa, morreu muito antes, tinha uma cara oval como nas iluminuras, um sinal no queixo, os olhos muito pretos, rezava ao santíssimo, pela noite fora, num rosário de contas de alfarrobeira (eram como pequeninos sinos de vento, murmúrio fino), catando as sementes secas uma a uma, meticulosamente, com os seus dedos longos e brancos, um pouco nodosos já, como quem separa o grão das escórias

à roda da cintura, por cima de uma das saias de merino preto, uma algibeira de veludo, em forma de coração, bordada a matiz, onde guardava as chaves da dispensa, os dinheiros e as medalhas dos santos da sua veneração enfiadas num alfinete de ama, no inverno tratava-nos das frieiras, esfregava-nos limão nos pés e nas mãos, sabia benzer o mau-olhado e talhar a erisipela, acreditava em bruxas e, duma vez, contou que em noites de lua cheia elas dançavam, batendo os cascos, entre as amoreiras bravas, junto ao rio, onde também vivia uma bicha de sete cabeças

olho o que resta da casa, rememoro: a partir da segunda janela, do lado sul, era o meu quarto, dava para um largo de grandes plátanos, às vezes, de noite, acordava com o

ruido das motocicletas, levantava-me, ia ver, espreitava por entre o cortinado de cassa todo coberto de pontinhos negros que as moscas defecavam no verão, lá fora, a folhagem estremecia, era uma renda de sombras o que os meus olhos viam, depois o silêncio, voltava então para a cama, os pés enregelados do soalho frio, ficava assim, de cócoras, os joelhos junto à boca, um tempo longo, olhando os travejamentos carcomidos, uma poeira fina desprendendo-se do alto, caindo, formando pequeninas pirâmides aos cantos do quarto, ouvindo essas verrumas de lume incendiando o coração das madeiras, até o sono vir

de manhã abriam-se as grandes portadas das janelas, a luz entrava, lavava tudo, não se podia mais dormir, a essa hora a avó já tinha descido do sótão onde fazia o seu defumadouro com folhas de eucalipto, limpavam-se os ovos, ainda quentes, da galinha pedrês, regavam-se os gerânios da varanda, tomava-se o leite com café de cevada e fatias de pão-coado com açúcar mascavado e azeite

à noite, no verão, eram os besouros, caíam das árvores num baque surdo, espetávamos-lhes alfinetes nas costas, as asas estrelejavam, abriam-se como um leque, voltadas para cima, estremecendo, parando depois num estertor súbito, uma massa branca, pegajosa, correndo do abdómen, formigas devorando seus corpos inertes, na manhã seguinte, carregando lentamente para as tocas pedaços de asas, patas, élitros, seu alimento

volto-me agora, para o lado do pombal: vejo a velha figueira de ramos dobrados até ao chão, as folhas ásperas, dum verde ferrugento, esgarçadas, os campos desolados lá atrás, o restolho queimado, o outono

avanço por entre as urtigas altas, fico parado no meio da casa, olho uma vez mais as paredes, um tampo de cadeira abandonado a um canto, fervilhando de lesmas, fungos, líquenes, a escada que dava para o sótão desmantelada, o chão de tijoleira onde assentava uma grande mesa de pinho na qual o avô pousava as rolas, as lebres, as codornizes, entre réstias de cebolas, couves lombardas, alhos, ramos de loureiro, o cinturão com os cartuchos vazios, a caçadeira de cano dobrado e um cheiro a pólvora, intenso, acre

rememoro

LUÍS PIGNATELLI

CURVA

Uma curva se fechou na minha boca
curva turva larga linha escura
desejosa de ser branca
fronteira que não estanca esta voz rouca
dizer que vida é pouca
mão na tua anca

secretamente visto roupa madrugada
peúgas rotas camisa usada
nascença funeral manual de frases
deslizes tuas pernas chamam vento
não encontro outra maneira de crescer
amor que invento

ANTÓNIO JOSÉ FERNANDES

Espectáculo em Madrid - 3

Carlos Porto

O T.E.I. EM PERIGO

Encontro num cartaz publicitário de estação de Metro de Colón, escrito numa caligrafia aparentemente feminina, uma frase insólita: «En el día 14.6.72 fuimos al teatro con entradas para el día siguiente» — assinatura ilegível.

Outra nota surpreendente, esta no jornal «Ya». Trata-se de uma reportagem ilustrada em que o diário católico lança um apelo: «O T.E.I. não deve morrer». Diz o «Ya» em subtítulos: «Laboratório de Teatro Experimental e Independente, como indicam as próprias iniciais desta esforçada e jovem equipa cujo lema é: «Investigar para Comunicar». A escolha de peças actuais ou versões de peças clássicas com total significado actual, interpretando-as através das técnicas mais modernas. Dezoito estreias em 10 anos: da «História de Zoo», de Albee a «História de um Soldado», de Ramuz e Stravinsky. Dois Prémios Nacionais de Teatro: 1963 e 1970. Generosa colaboração com outros grupos independentes e experimentais, como «Quejio» e «Tábano».

Estas palavras do «Ya» sintetizam a carreira do T.E.I. (a cuja importância no actual xadrez do teatro madrilenho já aqui me referi). É no pequeno teatro de Magallanes que podemos encontrar os espectáculos mais estimulantes e inconformados da capital espanhola. Ainda agora o T.E.I. estreou um novo espectáculo — uma recriação de «Os Justos», de Camus — que mereceu largos elogios a José Monleón. Trata-se, na opinião do director de «Primer Acto», do melhor espectáculo dos actuais cartazes de Madrid o que não é dizer pouco se nos lembrarmos que desses cartazes fazem parte «Sócrates» e «A Morte de Danton».

As actuais dificuldades que o T.E.I. está a sentir devem-se primordialmente ao facto de um seu espectáculo anterior ter sido proibido.

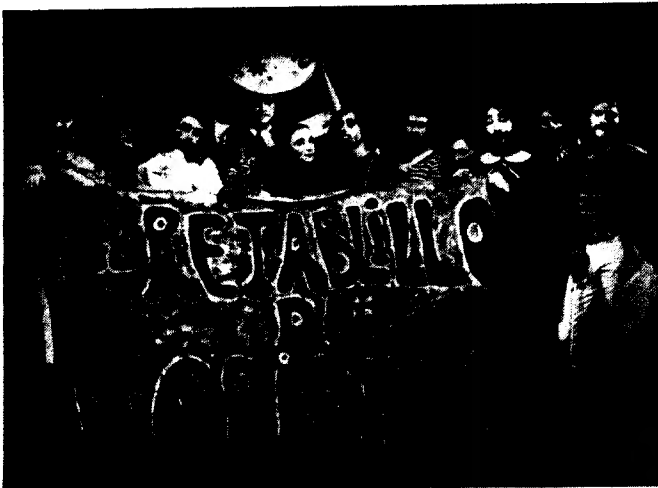
Para suprir o vazio deixado pelo espectáculo proibido, o T.E.I. montou rapidamente um outro espectáculo. Nas páginas da revista «Triunfo», o crítico Ramon Valle traça uma similitude curiosa entre as circunstâncias da estreia absoluta da «História de um Soldado» — texto do suíço Ramuz e música de Stravinsky — e esta estreia do T.E.I. A obra serviu na altura para ajudar o compositor a vencer as dificuldades económicas que estava a atravessar no fim da guerra de 14/18. Também agora a «História de um Soldado» serviu para ajudar o T.E.I. a «sagar-se».

Devo dizer que o T.E.I. transformou a peça num divertimento de grande classe e nem por isso anódino, antes pelo contrário. Uma encenação em que o itinerário dos dois soldados é intencionalmente recriado de forma a dar uma visão satírica — e por isso crítica — das peripécias cómicas ou sentimentais desse itinerário. O cenário prolonga-se pelas paredes laterais da própria sala que é constantemente invadida

Método de Stanislavski, nem por isso os respectivos elementos descumam as suas capacidades de expressão puramente física (nem há aliás, incompatibilidade entre os dois processos). António Lópiz — a quem vi uma espantosa interpretação stanislavskiana na «História de Zoo» — parece outro neste trabalho extrovertido, de ocupação física do espaço cénico. Outro excelente actor — José Vidal — acompanha-o com igual gozo e ferocidade no comportamento cénico, sem esquecer o nível de todo o conjunto. Ainda uma palavra para o estupendo trabalho do cenógrafo, Arnold Tarabonelli.

Ao mesmo tempo que apresentava este espectáculo, — naturalmente a horas alternadas — o T.E.I. abria as suas portas ao Tábano, outro grupo independente que produziu alguns dos mais polémicos e actuais espectáculos do teatro espanhol. Refiro-me em especial a «Castañuela 70», sátira do espectáculo musical tradicional que não foi bem visto nem por uma minoria de espectadores nem, consequentemente, pelas autoridades que o retiraram rapidamente da circulação cénica; e «El Retablo del Flautista», do catalão Jordi Teixidor, um dos grandes sucessos do teatro de Barcelona. O Tábano apresenta no T.E.I. uma recriação de «El Retablillo de Don Cristobal», de F. Garcia Lorca que, embora débil no seu conjunto, constitui uma proposta de teatro de comunicação altamente eficaz.

O espectáculo divide-se em três partes. Na primeira, os actores revelam as suas habilidades circenses, habilidades que destroem constantemente por via de um humor corrosivo. Não vi o «Castañuela 70» mas suponho que esta parte do trabalho do Tábano parte de intenção semelhante: pôr em questão a problemática do espectáculo sobretudo nos seus aspectos de virtuosismo pessoal e da subversão do espectador a esse virtuosismo. Na 2.ª parte o grupo interpreta o pequeno texto de Lorca com o mesmo humor e a mesma intencionalidade crítica, havendo uma troca constante de «graças» entre os vários elementos do grupo — incluindo o pequeno conjunto musical — transformando o espectáculo numa festa permanente. A 3.ª parte é constituída por



«El Retablillo de Don Cristobal»



canções que dois dos actores interpretam acompanhando-se simultaneamente à viola. Canções satíricas visando várias constantes da sociedade espanhola.

Apesar de tão díspares, estas partes em que se divide o espectáculo do Tábano constituem um todo marcado pelo mesmo humor, pelo mesmo sentido crítico, pela mesma capacidade de representação física.

É possível descobrir nestes dois espectáculos presentes no T.E.I. um mesmo princípio: a criação de um teatro de festa que contém elementos de reflexão sobre a realidade em que se insere. Ou, por outras palavras, um teatro crítico que é, ao mesmo tempo, teatro de divertimento. Por isso, creio que são capazes de atingir um outro público que não apenas aquele que frequenta o T.E.I. Lembremo-nos que o «Pequeno Teatro» se situa nos baixos de um grande imóvel de uma zona residencial moderna de um Madrid bastante burguês.



«História de Um Soldado»

ANTÓNIO GALA: «LOS BUENOS DIAS PERDIDOS».

No cartaz do Teatro Lara um dramaturgo que os críticos responsáveis colocam ao lado dos principais nomes do actual teatro espanhol: António Gala. Foi em 1963 que se estreou a sua primeira peça: «Los Verdes Campos del Eden». Publicou ainda, que eu saiba, «El Caracol en El Espejo», «El Sol en el Hormiguero» e «Noviembre y un poco de Yerba» (talvez a sua melhor peça). Interessado embora em tratar no seu teatro uma problemática de incidência social e política, António Gala utiliza uma óptica poética e uma capacidade de imaginação que o colocam um pouco à margem do movimento realista (com Sartre, Vallejo, Olmo, entre outros).

A nova peça de Gala intitula-se «Los Buenos Dias Perdidos» e coloca de novo o problema de um teatro de fábula reflectindo uma visão crítica da realidade. Interpretada por apenas quatro personagens, descobrimos na peça de António Gala como que uma visão sincrética da actualidade espanhola. Esse aspecto foi muito bem traduzido pelo cenógrafo — mais uma vez, Francisco Nieva — que criou uma série de elementos barrocos que explicitam as intenções parábolicas — de teor esperpéntico, já que estamos em Espanha — do texto. Também a encenação de José Luís Alonso soube captar a atmosfera poética e muito concreta nos seus prolongamentos críticos que banha a peça. Ao longo desta vão desfilar referências muito claras a casa concreta em que degladiam dois conflitos: o personificado por Consuelito (notável interpretação de Amparo Baro), criatura onde parece haver um

toque da Gelsomina de Fellini, fora de um mundo comandado pelo interesse, e o interpretado por Lorenzo (Juan Luís Galiardo) que representa esse mesmo mundo. Lorenzo finge acreditar que a salvação está em Orléans (fora de Espanha, portanto) — miragem que acabará por destruir Consuelito.

Bom espectáculo com um nível de conjunto muito certo — o melhor papel de Manuel Galiana, bem acompanhado por Mari Carrillo e por Juan Luís Galiardo — mesmo tendo em conta a criação de Amparo Baro cuja composição é de um acerto invulgar.

JAIME SALÓM: TEMPO DE ESPADAS

Este espectáculo não merece mais do que duas palavras. Um ponto de partida interessante destruído por uma escrita convencional — embora pretensiosa — e sobretudo por pontos de vista obviamente reaccionários. Trata-se do «Tempo de Espadas» que é uma adaptação ao nosso tempo do Novo Testamento. A história de Cristo — que nunca aparece em cena — surge como um movimento revolucionário que acaba, no entanto, por surgir marcado por um tom assaz contra-revolucionário.

Uma encenação que não foi capaz de resolver os problemas do espaço cénico — discussões altamente secretas decorrem num espaço aberto bastante impróprio — e uma interpretação incapaz de ultrapassar o nível medíocre das próprias personagens, contribuindo para a insatisfação que o espectáculo me deixou, quebrado entre as ambições de um tema que o texto debilita e uma montagem que aumenta essa debilidade.

UM CLÁSSICO MODERNO CARLOS ARNICHES

No Teatro Maria Guerrero, José Luís Alonso retomou a sua encenação da peça de Carlos Arniches «Los Caciques». Estreada com grande sucesso há 10 anos, esta peça põe novamente em foco um dos principais autores de um género típico que foi muito popular em Madrid: o teatro «chico». Para Lauro Olmo, aliás, Carlos Arniches foi uma figura fundamental do teatro espanhol deste século.

É curioso o facto de, ao mesmo tempo, num outro teatro se ter estreado uma nova encenação de uma obra do mesmo género, «La Chica», de Muñoz Seca.

«Los Caciques» levanta, em termos de farsa (nitidamente inspirada no «Inspector», de Gogol), problemas políticos que os espanhóis ainda sentem na pele: a julgar pelas reacções da plateia. Com cenário de Mingote — o conhecido humorista — José Luís Alonso levantou o texto sem grandes preocupações de novidade, procurando embora sublinhar os seus aspectos críticos e explorar o seu humor, relativamente fácil. Personagens bem definidas por intérpretes que utilizavam nessa definição uma certa e acertada margem de gozo. A meu ver, no entanto, o interesse do espectáculo é meramente histórico sobretudo porque o encenador não procedeu a uma nova e mais ousada recriação do texto.

UM POETA NO PALCO — MIGUEL HERNANDEZ

Miguel Hernandez compartilha a sorte do seu contemporâneo Federico Garcia Lorca com uma diferença: morreu na prisão em 1942, com 30 anos. Só agora esta sua peça — «El Labrador de más Aire» — foi estreada num espectáculo que infelizmente destruiu as potencialidades dramáticas do belo texto de Hernandez. Trata-se de uma tragédia de amor rural em que vem ao de cima a prepotência do senhor do lugar — o cacique, diria Carlos Arniches — que envia para a morte o noivo da jovem que quer possuir. Na encenação de Natália Silva — que interpreta a protagonista — a peça foi reduzida a um esquema melodramático (não obstante serem detectáveis as suas implicações ideológicas) em virtude da utilização dos processos naturalistas utilizados empobrecedores de um texto que se pode colocar ao lado do teatro de Lorca, pelo menos no que diz respeito à beleza da palavra. Felizmente, essa palavra surgiu por vezes em toda a sua fulgência graças à qualidade vocal dos intérpretes e em especial da própria Natália Silva que me pareceu bastante melhor atriz do que encenadora.

De sublinhar, neste levantamento do teatro madrilenho, a atenção dada aos dramaturgos espanhóis.

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

DA PINTURA LIMITADA AOS LIMITES DA PINTURA

**MARIA GABRIEL PIN-
TURAS («O CIRCO») NA
GALERIA S. FRANCISCO**

Mais um produtor de pintura que vem da prática da gravura e cuja iniciação se processou mesmo através dessa prática. A pintura de Maria Gabriel aparece-me como uma organização de «quase-objects», numa linha que vem de um neofigurativismo que passou pela figuração narrativa. Esses quase objects são quase sempre citações de criações já históricas, já clássicas, da pintura ocidental da primeira metade deste século. Ali encontramos Miró e Kandinsky integrados numa escrita muito pessoal, ordenada como se de um divertimento musical, rapsódica ou «pot-pourri» se tratasse, e é por isso que no texto da apresentação Fernando Azevedo se refere ao circo, ou melhor, à memória do circo, «espaço elástico» e contraditório que neste caso é um pouco a memória involuntária da pintura ocidental deste século XX, ordenada segundo a vontade, ou o capricho, ou a memória de Maria Gabriel.

O resultado é uma pintura por certo agradável e decorativa, que prova, como o seu próprio aparecer em 1973, como o que era há quarenta anos invenção contínua se tornou nos nossos dias linguagem comumente aceite. Evidente também se torna, de resto, ser esta linguagem, defendida quase sempre pelo pequeno formato dos trabalhos (influência da gravura?), muito mais ponto de partida do que de chegada, ou resultado de uma qualquer pesquisa que aqui também tem, obviamente, um começo possível.

A pintura como divertimento pessoal é uma atitude legítima, e a produção de objects decorativos é bastante própria do homem, encerrando até sentidos simbólicos cujo sentido se foi perdendo. Aqui, a pintura, mais jogo do que meditação, com «naipes» aliás bem conhecidos, com dados regularíssimos, é também uma assimilação, ao nível do sensorial da linguagem da pintura moderna, é certamente, junta com outras manifestações, uma prova de modificações importantes na história do gosto em Portugal, um documento a juntar a tantos outros de um processo que não está elaborado e de uma história que só agora se está organizando.

**MARIA FERNANDA DE
CARVALHO E SILVA 22
GUACHES NA GALERIA
S. MAMEDE**

«Com esta exposição inaugura a Galeria S. Mamede um ciclo que nos parece interessar ao nosso meio. Pretende-se pôr em contacto com o público novos possíveis valores, pessoas que tentam povoar o silêncio e a extensão da sua soli-

dão (da nossa solidão?) e que jamais expuseram os seus trabalhos. Assim, um diálogo se iniciará, e uma consciencialização poderá ser operada. Pelo menos, documentos humanos, incontestáveis, serão postos sob os nossos olhos. Não será necessário lembrar a Poesia (sic), nem Freud, nem a «Arte Bruta»... Destes artistas desconhecidos, alguns conseguirão encontrar-se a si próprios, e definir um caminho» (do catálogo).

Esta iniciativa é, aparentemente, muito interessante, muito embora seja, desde o início, difícil de definir o que pretende ao certo a Galeria S. Mamede. Será:

a) A revelação de «talentos» pela descoberta de amadores desconhecidos e esclarecidos, situada entre a cultura e o artesanato, mas sempre prospecção de futuros valores comerciais?

b) A pesquisa de uma produção marginal, voluntária ou involuntária, partindo do fenómeno ingénuo ou da obsessão privada, para os largos domínios que são a imaginação popular, o inconsciente colectivo, e tentando abrir portas ao estudo da criatividade plástica?

Torna-se quase inevitável (oxalá me engane, ao menos parcialmente) que, dadas as características da galeria, a orientação a seguir seja sobretudo a primeira, diametralmente oposta à da Compagnie de l'Art Brut, de Jean Dubuffet. Aliás, a presente exposição, a primeira de uma série como parece ficar indicado, confirma esta suspeita. Trata-se da apresentação de vinte e dois guaches que são outras tantas iluminações de escritas ou de alfabetos cursivos. Muito curiosamente, o facto de se tratar somente de letras aproxima a produção de Maria Fernanda de alguns dos mais fascinantes exemplos das colecções de Arte Bruta já citados (as de Emmanuel le caligraphe e de Palanc l'écrivain, são as que me lembram imediatamente).

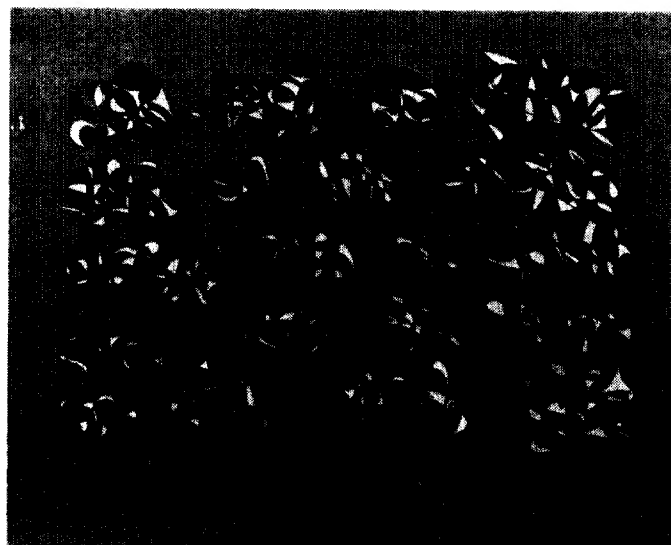
No caso da Arte Bruta, a caligrafia tende muitas vezes a surgir, pois se trata quase sempre de pessoas cuja única relação com a produção de sinais gráficos é precisamente a escrita (alguns deles são espiritas e recebem «mensagens» do outro mundo, que escrevem em letras de outros mundos também); daí que alfabetos e expressões caligráficas sejam correntes nessas produções não inteiramente culturais.

O caso de Maria Fernanda é pelo menos paralelo a estes, mas o que no pasteleiro Palanc é a desesperada busca da coincidência da palavra e da forma, em que nos aparece um total empenhamento, no caso presente esta produção está inevitavelmente comprometida com um universo cultural. Já não é escrita, é decoração, não

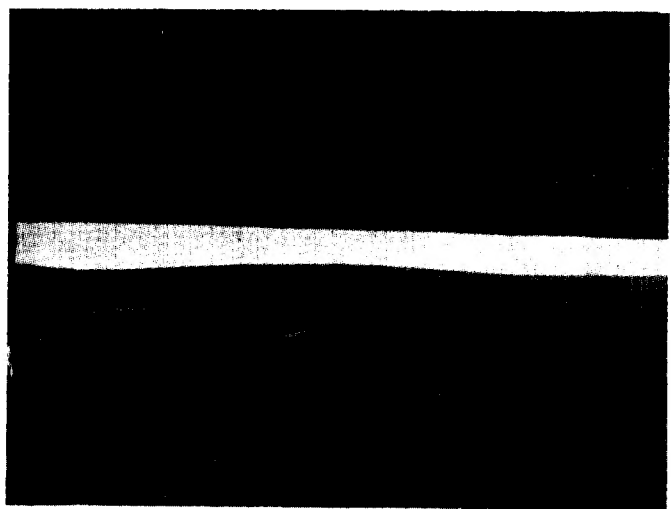
se trata da revelação de uma personalidade, mas da sua ocultação através de obras formalmente requintada e muito agradáveis à vista. Evidentemente que o cainho do aprofundamento em si mesmo é possível, o abandonar o divertimento (aliás qualidades) e a passagem ao «ímpeto vital tornado exigência de expressão, e de comunicação» de que fala no catálogo. R. Averini e que não nos parece existir, exactamente porque se trata da produção de uma «madora» de arte integrada na cultura e na produção artística do seu país, e não produção isolada, em aposta consigo próprio, de um visionário que não tivesse outro meio de expressão para além da escrita, nem outro público para além dele próprio.

**ANTÓNIO MENDES
ACRÍLICOS SOBRE TELA
NA GALERIA JUDITE DA
CRUZ**

Diz Rui Mário Gonçalves, na apresentação, que em António Mendes «não há a preocupação do bom acabamento, mas do bom começo», e conti-



MARIA FERNANDA DE CARVALHO E SILVA: Uma escrita cultural



ANTÓNIO MENDES: acrílico sobre tela



ALBERTO CARNEIRO: Um «canavial» na Galeria Quadrante

nua, mais adiante: «O acerto dos seus quadros anteriores foi verificado e, de resto, a sua experiência de artista gráfico é daquelas que poderiam fornecer processos expeditos. Mas é a história da Arte que precede a história do Gosto, e não o contrário».

Estas afirmações de Rui Mário valem como testemunho de que nos encontramos perante um homem que escolheu um caminho estreito e pobre, e de certo modo não-retiniano, como diria Marcel Duchamp, uma pintura que contém as sementes da sua auto crítica, que muitas vezes também têm sido as do seu esvaziamento formal e significativo.

Dos trabalhos agora presentes, os que mais me interessam são aqueles que nos aparecem como paisagens e dentro das paisagens, como se de um cenário se tratasse. Um pano de boca, uma esteira, uma gelosia abrem-se sobre a esfericidade de uma terra, sobre

o esverdeado de uma natureza, por essa cor (ainda) evocada. Esta (falsa?) cenografia está ali para quê? Para indicar a artificialidade da pintura, de uma pintura que a sua pobreza mais quer acentuar? Muito possível! E para onde indica?

Actividade pioneira de novas modificações do gosto, ou de possíveis e mais radicais modificações do gosto - mas então para quê a exposição, para quê uma exposição numa galeria, e o quadro e a tela, e uma pintura em que a pintura parece negar-se voluntariamente? Não seria melhor passarmos para o (um) outro lado? Qual? Vejamos a seguir uma possível resposta.

**ALBERTO CARNEIRO
«O CANAVIAL: MEMÓRIA-METAMORFOSE DE
UM CORPO AUSENTE».
GALERIA QUADRANTE**

A fotografia que acompanha este texto pode ser enganadora e sugerir, como sugere sempre a fotografia, uma estética que não há. O pequeno espaço da Galeria-Livraria Quadrante encontra-se ocupado por alguns feixes de canas que a si próprios se sustentam, e muitas outras de diversos tamanhos estão encostadas à parede. Não há nenhum efeito especial de luz ou de claro-escuro, como a fotografia poderia sugerir.

Algumas manifestações actuais para ou anti artísticas parecem exercer-se como provocações da crítica, ou melhor, como o pretexto para o fornecimento e produção de textos críticos que, se não substituem uma obra «ausente», representam por vezes esforços de imaginação tão elaborados quanto pobre de imaginação parece o objecto proposto, que funciona assim como se de um teste projectivo se tratasse (o caso de tanta produção ligada à Minimal Art, por exemplo). Tentaremos aqui algumas das aproximações possíveis ao gesto do escultor Alberto Carneiro.

a) PROVOCAÇÃO. O não-público. De entre as muitas pessoas que frequentam a Quadrante, a maioria não serão talvez visitantes habituais de exposições, mas compradores de livros, ou gente deles carecendo de algum modo, e que entram numa livraria. Muitas dessas pessoas deitam furtivas olhadelas para o fundo da livraria, onde se encontra o pequeno espaço dedicado às exposições, e ao reconhecerem normalmente objects que lhes são habituais, ou, pelo menos, que é normal ali se encontrarem (pinturas, esculturas), voltarão descansadas ao assunto que ali as levou, a busca

de um livro determinado. Agora, porém, «lá ao fundo», o espaço da galeria encontra-se ocupado de maneira que já dissemos, e o visitante sentir-se-á provavelmente muito mais atraído por ele, para rejeitar, para não entender, para... enfim, tudo o que quiserem, e aqui o mais positivo efeito desta exposição-atitude seria que o não-público da Galeria saísse dela com um grande ponto de interrogação.

b) IRONIA. O público que lá vai à procura de qualquer coisa que seja um objecto, quadro ou escultura, e que penetra hesitando por entre as canas, procurando até, com meticuloso cuidado (foi o que eu próprio fiz), não as derrubar, o que pode ser difícil e não tem, evidentemente, importância nenhuma, na atávica atitude tão cultural do «não tocar nos objects expostos», que ao fim se torna ridícula para o próprio ou para quem o contempla.

c) CUMPLICIDADE. O público-informado bem ou mal, conforme pode, do que se passa noutros «quadrantes» que não o nosso, com a perigosíssima atitude de se sentir satisfeitos consigo próprio.

Estes são três funcionamentos possíveis da atitude de Carneiro para com o(s) seu(s) público(s), sendo o último deles totalmente lamentável. Carneiro é, creio, professor na Escola do Porto, e esta sua atitude de poder ser, sob o ponto de vista pedagógico, extremamente proveitosa: por exemplo, a quem o denunciasses com o velho «o rei vai nu», responder risonhamente: «Pois vai», explicando talvez o seu «trabalho» ao nível da metáfora pois que a arte, tal como a poesia, pode (deve?) ser feita por todos, com o que ela é caminho de liberdade, como veladamente indicara nos «sinais possíveis para uma recriação do corpo ausente» o alfabeto latino e a série de algarismos árabes que permitem, teoricamente, a quem os saiba utilizar, dizer tudo e tudo quantificar também. Indicaria possivelmente o corpo ausente como o objecto cultural que lá não está, que na galeria é só memória, justamente porque continuamos num lugar de cultura.

Professor de inquietação é o que pedimos a Alberto Carneiro que seja, num caminho de rigor e de alegria que se afaste progressivamente dos locais da cumplicidade que são obrigatoriamente as galerias de arte, que se volte para todos, e que tenha bem tento, pois lá onde o aprovam é certamente onde menores riscos corre de ser a sua acção estéril e inútil.

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

ADENDA A CRÉDITO (E A DÉBITO) DO ANO DE 1972

Esqueceu-me, nas contas do ano findo, creditar um acontecimento importante, na cultura artística portuguesa que internacionalmente tem de ser, para o ser. E acabando agora mesmo (12 de Janeiro) de ler o balanço ontem (11 de Janeiro) publicado nestas colunas, à cata de múltiplas, habituais e pitorescas gralhas, dei pelo esquecimento, e antes que alguém mo faça notar ou o interprete por propósito, aqui, em 1 de Fevereiro, por não poder ser antes (os candeeiros do Príncipe Real e a saúde das Amoreiras urgem!), vai a correcção.

Correcção feita por gosto e justiça — que redunde em folhetim especial, aliás merecido. Trata-se do 5.º Congresso de restauro de obras de arte, promovido na Fundação Gulbenkian pelo «International Institute for Conservation of Historic Works».

Duas reuniões internacionais, de domínio artístico, se realizaram, pois, em Lisboa, em 1972: a dos historiadores da arte e dos seus restauradores — que algo de historiadores têm, objectivando e micrometizando a história para o fim específico de salvar as obras que são, por outro lado, objecto de análise dos outros especialistas. Que uns e outros tenham de colaborar e, até, agir em conjunto, parece óbvio — e se o conselho e a crítica do historiador são indispensáveis ao restaurador, a informação deste é muitas vezes preciosa àquele. O regulamento do restauro das obras de arte em França impõe o julgamento das operações realizadas, por comissões de peritos constituídos por restauradores e historiadores e críticos de arte que, do

seu próprio ponto de vista, têm de julgar também a adequação do tratamento feito ao objecto restaurado, definindo, finalmente, os limites deontológicos da tarefa do restaurador.

No anterior congresso do Comité International d'Histoire de l'Art, em Londres, lembro-me de ter visto colegas franceses e italianos arripiarem-se ante os princípios do restauro infligidos aos Pieros della Francesca da National Gallery — que, de tanto serem limpos, ficaram, em certas zonas, no suporte, com perda de uma qualidade pictural que não era só de empréstimo, e, consequentemente, com prejuízo da sua definição original e histórica. É um exemplo, entre mil.

Em Lisboa, os restauradores acolhidos na Fundação Gulbenkian (numa organização em que se conjugaram os esforços da directora do Museu, dr.ª Maria Teresa Gomes Ferreira e das suas conservadoras) tiveram algo de importante para apreciar.

E logo, na própria Fundação, o restauro de livros e manuscritos e

peças de pintura danificados pelas inundações catastróficas de Novembro de 1967 constituiu uma informação valiosa. No Instituto José de Figueiredo, ao lado do museu das Janelas Verdes, outros restauros, realizados ou em curso, ampliaram essa informação sobre a competência profissional e consciência cultural dos nossos técnicos debaixo da direcção do pintor Abel de Moura — que tanto se bateu pelo estatuto independente do seu Instituto.

Ao dito Instituto José de Figueiredo (que trabalhou também para o salvamento de obras da Fundação Gulbenkian) ficou-se devendo igualmente a limpeza e consequente restauro do tríptico das «Tentações de Sant'Antão» de Bosch — a obra-prima do Museu de Arte Antiga e obra-prima, também, do mestre de Bois-le-Duc.

A exposição das fases do restauro programada no Museu que a dr.ª Maria José de Mendonça dirige, está coberta por um excelente catálogo, científico, verdadeiro instrumento de trabalho raríssimo, senão único, em Portugal. A exposição em si própria é preciosa pela honestidade e pela consciência de que a informação assim fornecida pode ser importante em estudos aprofundados sobre a «vida» da obra em questão.

E leva-nos à redescoberta do quadro através das hesitações do seu projecto, dos «repentirs»



ANTÓNIO MANUEL DA FONSECA: Os últimos suspiros...

e dos repintes da sua execução. Entre uma atitude mental e uma atitude de mais ligada à prática manual mas que é mental também, há que entender a génese palpitante do tríptico de Bosch. A extrema dificuldade, ou impossibilidade presente da exegese do seu sistema imaginário vêm juntar-se elementos novos que não esclarecem mas que poderão talvez ser tomados em consideração por algum

estudioso especializado na misteriosa vida mental desta «Idade Média declinante», com suas seitas (de «adamitas» ou não) e seus tabus, suas necessidades criptográficas, seus códigos secretos, seus perigos, suas ameaças e seus logros...

Do lado de fora dessa atmosfera algo sulfurosa da hermenêutica boschiana, está o quadro — ou está, **agora**, o quadro, assim brilhando com o seu céu azul, navegado por estranhas coisas e oferecendo um colorido de enganosa doçura, num ar cristalino que revela, ou finge revelar, os mistérios que contém...

Só para que esta obra notável (internacionalmente notável!) do restauro fosse mostrada, valia a pena ter-se realizado o Congresso. De outras vantagens deste, e propostas e discussões temáticas em que participaram, intervenientes ou assistentes, cerca de 500 especialistas mundiais — não cabe aqui falar. De resto não foram ainda publicadas as actas. Mas o simples facto da sua organização é importante, na medida em que, no domínio da cultura, um país vale pela circulação internacional em que entra, ou é capaz de entrar — ou de perceber que tem de entrar...

Os exemplos da vinda a Portugal do Comité International d'Histoire de

l'Art e do I. I. C. H. W. são significativos desse entendimento. Como positivo é que o segundo tenha uma activa secção portuguesa; e de esperar que o primeiro possa algum dia tê-la, com (difícil) benção oficial.

Infelizmente, a este crédito esquecido em 1972 há que juntar um débito esquecido também no referido balanço. Foi o caso da não participação portuguesa na grande exposição do neo-classicismo realizada em Londres, apesar do insistente convite do Arts Council nesse sentido. Eu próprio lembrara a Sir Anthony Blunt a necessidade de incluir documentação sobre tal movimento em Portugal — e a mim acabaram os organizadores britânicos por fazer queixosos apelos. Em vão, evidentemente, porque vãs foram as minhas diligências junto de quem, em Portugal, deveria ter tratado do assunto. E assim perdemos a oportunidade, única neste domínio, de marcar uma presença cultural portuguesa numa panorâmica histórica — em que poderíamos ter voz. Numa revista da especialidade falarei em breve da excelente exposição londrina — ilustrando o artigo só com obras portuguesas que documentam satisfatoriamente o seu programa ideológico...

Ao balanço em questão poderei acrescentar que, em 1973, se contará o oitentaenário de Almada Negreiros — e lembrar que em matéria de centenário (em 1993), o próprio artista nos autoriza a pensar nele, ao ter considerado, num texto publicado em 1913, que a data mais importante da sua vida seria em 1993, exactamente quando o centenário do nascimento fosse comemorado pela pátria. (Enfim... enfim!)

...Mas já que os restauros foram razão deste folhetim, aproveite-se a oportunidade para re-relembrar dois que parecem urgentes: do tecto de Baccarelli (modelo que é de todos os nossos tectos setecentistas) que se está perdendo na portaria de S. Vicente de Fora; e o famoso «Eneas», de António Manuel da Fonseca (a única composição neo-clássica-académica da nossa pintura), que se está estragando em Mafra.

Interessará isto a alguém?



BOSCH: Fôlego para uma vida nova...